

HISTÓRIA DE

NEIL GAIMAN MICHAEL REAVES

SONHO DE PRATA

SEQUÊNCIA DO BESTSELLER DO NEW YORK TIMES ENTREMUNDOS



ROCCOLINI

ESCRITA POR MICHAEL REAVES E MALLORY REAVES





SONHO DE PRATA

NEIL GAIMAN

MICHAEL REAVES ^E

MALLORY REAVES

TRADUÇÃO DE VIVIANE DINIZ

ROCCO 

*Para MALLORY,
com profunda admiração,
de Michael e Neil.*

*Para KARI
e a FAMÍLIA MARKER-MORSE,
de Mallory.*

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

GUIA DE PERSONAGENS

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO QUATORZE

CAPÍTULO QUINZE

EPÍLOGO

CRÉDITOS

OS AUTORES

GUIA DE PERSONAGENS

Equipe de Joey

Joey Harker

J/O HrKr – sexo masculino, versão ciborgue e mais jovem de Joey.

Jai – sexo masculino, oficial superior. Espiritual, gosta de palavras grandes.

Jakon Haarkanen – sexo feminino, aspecto de lobo.

Jo – sexo feminino, tem asas brancas, pode voar apenas em mundos mágicos.

Josef – sexo masculino, vem de um planeta mais denso. Grande e forte.

Outros Andarilhos de Destaque

Jaya – sexo feminino, cabelo vermelho-dourado, voz de sereia.

Jenoh – sexo feminino, aspecto de gato. Travessa.

Jerzy Harhkar – sexo masculino, rápido, aspecto de pássaro, penas no lugar de cabelo. O primeiro amigo de Joey na Base.

Joaquim – sexo masculino, novo Andarilho.

Joliette – sexo feminino, aspecto de vampiro. Tem uma rivalidade amistosa com Jo.

Jorensen – sexo masculino, oficial superior. De bom temperamento, taciturno.

Professores e Oficiais

Jaroux – sexo masculino, o bibliotecário. Ama o conhecimento, é cordial e excêntrico.

Jayarre – sexo masculino, professor de Cultura e Improvisação. Alegre, carismático.

J'emi – sexo feminino, professora de Línguas Básicas.

Jernan – sexo masculino, intendente. Rigoroso e parcimonioso com os equipamentos.

Jirathe – sexo feminino, professora de Alquimia. Corpo feito de ectoplasma.

Joeb – sexo masculino, líder de equipe, oficial superior. Descontraído, postura fraternal.

Jonha – sexo masculino, oficial. De um mundo mágico. A pele parece casca de árvore.

Jorisine – sexo feminino, oficial. De um mundo mágico. Aspecto de elfa.

Joseph Harker (o Ancião) – sexo masculino, o líder do EntreMundos. Versão mais velha de Joey. Severo, tem um olho cibernético.

Josetta – sexo feminino, a assistente do Ancião. Amável, muito organizada, sensata.

Josy – sexo feminino, oficial. Tem logos cabelos dourados com facas trançadas neles.



CAPÍTULO UM

ME CHAME DE JOE.

Por favor.

Não que eu tenha algo contra “Joey”, um nome perfeitamente bom e que funcionou muito bem durante os primeiros 16 anos da minha vida. Mas essa é a questão. Tenho 16 anos agora, quase 17, e o nome “Joey” não tem mais nada a ver comigo. O que talvez não seja surpreendente, uma vez que o número de versões de mim mesmo que conheci é maior do que o dos clones de *Guerra nas Estrelas*. Quando eu penso nisso, acho que provavelmente estou atravessando a maior crise de identidade de todos os tempos; então, se eu quiser deixar de usar uma droga de letra do meu nome, acho que tenho direito.

Eu tentava explicar a questão a Jai, o que não era nada fácil, considerando que, assim como o restante da equipe, tínhamos sido encurralados por batedores Binários que disparavam contra nós o que pareciam ser bolhas alongadas de mercúrio. Jai não é a pessoa mais fácil com quem se pode conversar, a menos que você tenha um chip de dicionário instalado na cabeça. Que não é o meu caso.

Ele ouvia, enquanto atirava de volta mais bolhas de mercúrio (chamadas de “cápsulas de plasma”, caso queira saber), e então perguntou:

– Você está inequivocamente seguro disso?

Atrás dele, Jakon pulou em cima de um condensador de energia, agachando-se, toda elegante e peluda, enquanto rosnava à procura de outra presa. A minha versão garota-lobo parecia se divertir um pouco com aquilo. Ela sempre gostava, mas acho que não há nada de errado em gostar do trabalho...

– Com licença – disse Jai abruptamente, mirando por cima do meu ombro para o lado oposto da grande câmara da central elétrica abandonada.

Ele disparou o emissor, que fez um som parecido com *tuip!* Captei um vislumbre louco e distorcido de movimento atrás de mim, refletido no peitoral do traje de combate de Jai: um batedor Binário numa prancha antigravidade tentava um ataque surpresa. Então a cápsula de plasma o atingiu, neutralizando a força coesiva dos seus núcleos atômicos, como Jai teria descrito. Já eu diria apenas que ele desapareceu em meio a uma nuvem de fumaça e um barulho assim: *zzzajt!*

Isso provocou uma trégua momentânea de ambos os lados no combate, e aproveitei para perguntar o que ele queria dizer.

– Hã? – indaguei. (Sou muito menos eloquente que Jai.)

– Você está inequivocamente seguro disso? – repetiu ele, cheio de paciência. Então apontou o emissor em várias direções. *Tuip. Tuip.*

Ao meu lado, J/O disparou seu laser contra um grupo de batedores que nos atacava.

– Ele está perguntado se você tem certeza – esclareceu J/O, e revirei os olhos.

J/O *realmente* tinha um chip de dicionário instalado na cabeça e não deixava passar uma chance de me lembrar disso. Me limitei a ignorá-lo.

– De que quero mudar meu apelido? Sim.

– Não, de que sua idade cronológica é mesmo 16 anos.

Comecei a lhe dizer que seu cérebro tinha finalmente crescido demais para sua cabeça, mas parei. De certa forma, ele tinha razão.

Apesar de não viajarmos no tempo no sentido clássico na organização EntreMundos, todos sabemos que o tempo não é independente, indiferente e completamente desligado de todos os inumeráveis mundos que compõem as várias versões da Terra. Embora eu nunca tivesse encontrado nenhuma

Terra em que o tempo parecesse subjetivamente alterado – Terras em que todos parecessem fa-a-a-la-a-r... b-e-e-m... d-e-e-v-a-a-g-a-a-r-r... ou Terras onde *todos andam por aí como se estivessem em filmes mudos e falam exatamente desse jeito!* –, ainda assim, a maioria das pessoas sabia que o tempo passava mais rápido ou mais devagar em alguns planos do que em outros. Assim como também se sabia que, depois de passar algum tempo nesses mundos, sua noção de tempo, sem falar do seu corpo, ajustava-se à nova realidade temporal.

Eu tinha estado em alguns desses planos paralelos desde que entrei para o EntreMundos, e isso justificava a pergunta de Jai, mas só até certo ponto. Até onde sei, eu poderia ser mais velho do que minha data de nascimento indicava. Ou mais jovem. O problema era que não havia maneira de medir a velocidade em que o tempo passava “fora” do plano em que estávamos. E mesmo que houvesse, e quanto ao tempo passado na Interzona, aquela colisão louca de várias realidades e mundos que um Andarilho usava como atalho de uma realidade para outra? Além disso, tudo era subjetivo; associado à consciência, assim, de fato, só se tinha a idade que se acreditava ter.

Expliquei isso a Jai, que olhou para mim como se eu tivesse acabado de dizer que o céu é azul. (Geralmente. Naquele mundo era mais esverdeado.)

– Indubitavelmente – disse ele, e então me confundiu de novo: – E você está absolutamente certo de que sua hecceidade é definida por sua alcunha?

– O *quê*?

– Sua alcunha. Seu nome.

– Essa eu sei. Minha... he-ci-de...?

– Hecceidade. Sua essência. As qualidades que fazem com que você seja *você*, e não eu.

– Nem eu conhecia essa – admitiu J/O, parecendo arquivar essa informação em algum lugar, o que provavelmente era o que estava mesmo fazendo.

– É uma pergunta bastante irônica, considerando que você é eu – falei. – Ou eu sou você, tanto faz.

– Ainda assim, todos nós possuímos qualidades que nos tornam únicos. A hecceidade são as características específicas dessas qualidades que fazem com que você seja *voce*.

Tuip. Tuip. Zzzzft!

Pensei nisso enquanto outro nabo caía morto. Estava me acostumando a ver isso, o que era tanto um alívio quanto um incômodo, se entende o que quero dizer. O emissor dissolvia as ligações atômicas, o que significava nada de confusão e nada de sujeira. Eles simplesmente desapareciam – ou *zzzft*. E não eram bem pessoas de verdade. Pareciam humanos até se olhasse de perto, então se podia ver que sua pele tinha um aspecto de cera, uma aparência inacabada, o que fazia sentido, já que eram clones feitos principalmente de celulose e matéria vegetal. Os Binários eram ótimos em produzir soldados buchas de canhão idênticos em linha de montagem, assim como os exércitos preferidos da BRUX geralmente eram formados por zumbis. Então não havia muito sentido em se sentir mal ao matar algo que já estava praticamente morto. Mas ainda me incomodava que isso já não me incomodasse tanto, se é que faz algum sentido.

Eu estava para dizer alguma coisa para Jai, quando ouvi Josef se aproximando. Ele veio de um mundo muito mais denso que o nosso, então não era difícil reconhecer seus passos pesados.

– O que houve, Josef? – perguntei, sem virar a cabeça, pois acabava de detectar outro nabo.

Ele não respondeu imediatamente, então disparei (*tuip!*) e olhei para ele por cima do ombro.

– Mandaram reforços – troou Josef, parecendo preocupado.

– Quantos? – perguntou Jai, e eu soube na hora que a situação estava ruim, porque Jai geralmente não consegue perguntar nada usando menos de dez sílabas.

Josef balançou a cabeça.

– Tantos que não dava para contar.

J/O virou e olhou para a parede vazia mais próxima.

– Vou me conectar a uma câmera de segurança externa – disse ele.

J/O é uma versão ciborgue de mim, de uma Terra que está se recuperando das Guerras das Máquinas. Ele tem mais fluido hidráulico que sangue circulando no corpo; então, quando notei a cor esvaindo do seu rosto, soube que havia algo *muito* errado. Ele era alguns anos mais novo que eu e, embora sempre se saísse bem nas missões – e fizesse questão de ressaltar quando isso acontecia –, era em momentos como esse que eu me lembrava de como ele era jovem.

– Vamos ver – falei.

J/O tinha um olho cibernético quase idêntico ao natural, exceto pelos circuitos que o atravessavam. Esse olho brilhou intensamente e projetou sobre a parede vazia imagens em preto e branco da parte externa. A princípio, não havia muito o que ver: só mais prédios destruídos, vergalhões expostos e coisas assim. Mas então...

Vimos movimento.

Muito movimento.

Os nabos enxameavam as ruas devastadas, passando por cima, em volta e através das paredes, e até mesmo subindo de bueiros e imensas rachaduras no chão. Devíamos ter visto uns cem só nos primeiros dois minutos. E continuavam chegando.

J/O só havia se conectado ao vídeo, não ao áudio, se é que havia um. Era horripilante vê-los chegar, onda após onda, no mais absoluto silêncio.

Percebi, então, que o silêncio significava que as hostilidades também haviam cessado dentro da central. Os clones vegetais que estavam ali conosco tinham deixado de atacar. Claro: não havia por que desperdiçar seu efetivo se podiam simplesmente sentar e esperar. Seis de nós contra quinhentos ou mais deles...

De repente, minha profunda preocupação com o meu nome já não parecia muito importante.

As paredes e o chão começaram a tremer. Eles estavam bem ali fora.

– E agora, destemido líder? – Esta foi Jo, outra versão minha, uma garota com asas brancas angelicais.

– Agora acho que vamos morrer – grunhiu Josef. Caras grandes geralmente são inabaláveis, e não dava para ser muito maior do que Josef.

Agarrei firme meu emissor.

– Não no *meu* turno – afirmei.

Jakon olhou para mim. Seus olhos brilhavam no rosto peludo.

– E o que você vai fazer?

– Pensar em alguma coisa – respondi, com muito mais confiança do que sentia.

Um tiro disparado por um nabo lá fora destruiu a câmera que J/O conectara. As imagens se desvaneceram em uma explosão de estática. Na outra ponta da grande câmara vi o que restava da força de ataque binária inicial se reagrupando. Atrás de nós, uma janela se quebrou, e os nabos começaram a subir.

Olhei em volta desesperado. À esquerda, à direita, abaixo, acima – descobri um respiradouro acima de nós, do tipo que devia levar a um duto de ventilação, mas eu não sabia bem se poderia ajudar. Com certeza Josef não caberia lá: ele tinha quase o dobro do meu tamanho e era cerca de quatro vezes mais denso. Jo tinha suas asas, mas não podia fazer muito mais

do que planar a menos que houvesse magia suficiente no ar para sustentar seu voo. Aquele mundo era completamente dominado pelos Binários, muito mais para o extremo tecnológico do espectro que para o mágico – e, de qualquer forma, ela não poderia carregar mais do que um de nós.

Levantei o braço para dar a ordem de atacar. Não havia mais tempo e não tínhamos outra opção. Eu não conseguia sentir um portal em nenhum lugar por perto; então não poderíamos escapar pela Interzona. Se Tom tivesse ido junto naquela missão, tudo poderia ter sido diferente, mas a criaturinha pandimensional se parece muito com um gato: às vezes simplesmente desaparece por semanas seguidas.

Precisávamos de um milagre, mas eu não ia colocar muita fé na expressão *deus ex machina*, “deus saído da máquina”, quando estávamos cercados por Binários.

Nós teríamos de lutar. Mas, antes que eu pudesse dar a ordem, o ar à nossa frente começou a brilhar. Estava quente, o tipo de calor aconchegante que irradiava de uma lareira em uma noite fria. O brilho tomou uma forma oval e, através dele, veio uma menina.

Da minha idade, não mais que isso – se tanto. Tinha um cabelo preto bagunçado e usava uma roupa estranha que parecia uma mistura de vários lugares e épocas: pantalonas mouras, um manto da Renascença, uma blusa que parecia vitoriana. Mas percebi tudo isso mais tarde. No momento só o que notei foram suas mãos.

Suas unhas, para ser mais exato. Cada unha parecia uma pequena placa de circuito. Ela apontou o dedo indicador direito para os batedores Binários. A unha brilhou com uma luz verde, que envolveu os nabos, e eles... congelaram. Não em termos de temperatura, mas de movimento. Então ela apontou para nós o dedo mínimo esquerdo, que brilhou, e todos fomos envolvidos por uma luz roxa.

Pouco antes de a sala desaparecer, ela olhou para mim. Tive a breve impressão de ver longos cílios em volta de olhos violeta.

– Ei, gatinho – disse ela. E piscou.

Vi Jakon abrir um grande sorriso para mim, cheio de presas. E naquele instante, enquanto a câmara desaparecia à nossa volta, percebi que tinha ficado vermelho até as orelhas.



CAPÍTULO DOIS

A IRONIA É QUE EU ERA conhecido por me perder no caminho do meu beliche até o banheiro.

Eu pensava que isso acontecia porque não tinha senso de direção. E é verdade – eu não tinha. Mas uma coisa aprendi nos últimos dois anos: as coisas nunca são tão simples. Descobri que meu péssimo senso de direção se limita às três primeiras dimensões espaciais: longitude, latitude e altitude. Mas há outras dimensões, várias delas. Oito, no mínimo, e provavelmente muito mais.

Se você for como eu era no início, só de tentar visualizar oito ou mais direções a partir das três que já conhecemos, acabará com uma enorme dor de cabeça. Onde estão essas outras dimensões? Por que não podemos interagir com elas como fazemos com as três que já conhecemos?

Bem, de acordo com os cérebros mais brilhantes da Cidade Base, elas foram “compactificadas” (uma das coisas divertidas sobre ser cientista é poder inventar novas palavras) no instante em que este universo surgiu – de alguma forma foram compactadas até serem reduzidas a distâncias menores que o diâmetro de um átomo. Se você escolher qualquer uma das “três grandes”, vamos dizer “para cima”, pode usá-la como um vetor infinito e seguir a partir da Terra, passando pela lua, por Marte... saindo do Sistema Solar e continuando em direção à escuridão. E sempre haverá “para cima”.

Isso porque vivemos – a maioria de nós, pelo menos – em um mundo tridimensional (ou quadridimensional, tecnicamente). Em um mundo tridimensional só há espaço suficiente para três vetores partirem de um mesmo ponto em ângulo reto; eles são perpendiculares entre si. (O tempo é uma constante até avançarmos bem na curva assintótica; então podemos

ignorá-lo por agora.) Mas há também universos em que as regras são “mais frouxas”, em que há mais “espaço” para novas direções.

Eu sei, é difícil conceber essas coisas. Mas lembre-se: tudo o que realmente sabemos do universo é o que percebemos por meio de nossos sentidos, o que não é muito. Pense no espectro eletromagnético, por exemplo. Inclui praticamente todos os tipos de energia que alimentam o cosmos, desde as longas e preguiçosas ondas de rádio pelas quais nos comunicamos, passando pelas micro-ondas que usamos para cozinhar, até os raios X e gama, que saturam seus comprimentos de onda com potência suficiente para eclipsar uma galáxia inteira. Toda essa grandiosidade, toda essa variedade infinita de energia, tudo o que vemos é uma pequena parte: sete míseras cores. É como ser convidado para um banquete real, e só poder comer migalhas.

Então pegue todas essas coisas de que falei e tente imaginar tudo de uma vez. Elas se movendo em ângulos que você nem sabia que existiam, invertendo-se, revertendo-se e transformando-se, todas pintadas com cores e texturas e ruídos, e misture tudo. Então imagine isso refletido em dois espelhos rachados, um de frente para o outro. A Interzona é *mais ou menos* assim.

Foi para lá que a garota nos levou, só que foi de longe a transição mais brusca pela qual eu já passei. Àquela altura já tinha viajado para a Interzona mais vezes do que eu poderia contar, e o salto nunca havia me deixado tão enjoado antes.

No entanto, era lá que estávamos, eu sabia antes mesmo de abrir os olhos. Todos os meus sentidos, tanto internos como externos, confirmavam. Eu sabia pelos sons incríveis e cambiantes: a maioria era de sinos de vento, mas às vezes ruídos distantes como buzinas de carros, murmúrios, canto de pássaros, água correndo e a melodia de uma antiga canção instrumental dos

anos 1930 de que meu pai gostava, *Powerhouse*, de Raymond Scott. Se você já assistiu a um antigo desenho animado dos Looney Tunes, da Warner Bros., provavelmente já a ouviu. Também sentia o cheiro de páprica, chocolate e um odor adstringente e medicinal que eu não conseguia identificar. A brisa era às vezes como penas, outras como lixa fina. Tudo isso percebi antes mesmo de abrir os olhos.

Então, abri.

Notei que eu estava de pé sobre o que parecia ser um globo colorido de um planeta terrestre. Tinha talvez uns seis metros de diâmetro, e eu saía dele em um ângulo de quarenta e cinco graus, a meio caminho entre o Equador e o Polo Sul, como o Pequeno Príncipe em seu asteroide (assumindo que o Polo Sul estava na “parte de baixo” em relação a mim e ao restante da minha equipe, que se encontrava de pé ou flutuando nas posições mais improváveis).

E algo não estava certo.

Essa afirmação pode parecer um tanto ridícula; afinal, quando algo parece certo na Interzona? Ela é a essência do *caos*, o aterro da entropia. Dizer que algo não estava certo ali era como dizer que Lorde Dogknife era *um pouco* assustador.

No entanto, a sensação era inconfundível. E persistente.

Jo abriu os olhos, e, pela expressão em seu rosto, estava claro que ela se sentia da mesma maneira.

J/O olhou acusadoramente para mim.

– Para onde você nos trouxe?

– Ei, *eu* não trouxe a gente a lugar nenhum! Foi aquela garota – afirmei.

Tecnicamente, Jai era o nosso oficial superior, mas após uma missão de treinamento ter ido por água abaixo e eu resgatá-los das garras da BRUX, a maioria deles se voltava para mim quando estávamos em apuros. Ser o líder

não oficial da equipe tem suas desvantagens, e a maior delas é ser responsabilizado por tudo.

– Tudo bem, então para onde sua *namorada* nos trouxe? – A voz de Jo era tão acusadora quanto o olhar de J/O, e provavelmente eu ter ficado vermelho de novo não ajudava muito, mas tentei protestar mesmo assim.

– Ela não é minha...

Antes que eu pudesse terminar, vários membros da minha equipe olharam surpresos para além de mim. Ao ouvir aquela voz não familiar, me virei erguendo as mãos em posição defensiva. Sei que parece cena de filme de kung fu barato, mas você aprende a pensar rápido na Interzona.

– Sim, eu diria que é um tanto precipitado, já que acabamos de nos conhecer – rebateu a garota misteriosa, piscando de novo para mim.

– Quem é você? – A pergunta soou alto e claro, a voz de alguém que não se deixava intimidar. Infelizmente era a voz de Jakon, não a minha. Não consegui fazer nada além de gaguejar. Parecia que tinham dado um nó cego na minha língua.

– Uma amiga – respondeu ela com naturalidade, erguendo um dos ombros.

Quando eu ainda estava em casa – antes de minha vida entrar nesse turbilhão de multiversos, altiversos e versões minhas com pelos, presas, asas e implantes biônicos –, tinha uma forte queda por uma garota chamada Rowena. Ela também tinha esse jeito natural de dar de ombros quando estava sendo boba ou sentia vergonha. E eu passara até a desejar isso, tomando esse gesto como prova de que conseguia diverti-la de alguma forma, mesmo que tudo o que tivesse dito para provocar essa reação fosse: “Esse teste foi de matar, não é?” ou “Será que eles esperam mesmo que a gente corra um quilômetro e meio em oito minutos?”.

– Não é suficiente – declarei.

Saí do mundo em miniatura e pisei em um cubo vermelho brilhante do tamanho de um baú que parecia muito ocupado tentando se virar do avesso. O cubo se estabilizou assim que o toquei com meu sapato. A gravidade se deslocou para se adaptar à nova posição, e, atrás de mim, o “planeta” se dobrou sobre si mesmo e desapareceu. Mas mal notei. Por estranho que pareça, me lembrar de Rowena tinha reforçado um pouco minha determinação. Nunca conseguira falar com ela porque, sério, o que se diz para uma menina assim quando se é apenas mais um em uma escola com centenas de outros garotos? Na época, eu não tinha nada de especial.

Agora, porém, eu era mais do que apenas um garoto do ensino médio – eu era um Andarilho. (Ainda que, na verdade, agora eu fosse apenas mais um cara em um exército de algumas centenas de versões diferentes de mim, mas pensar dessa maneira não seria muito bom para a minha autoestima no momento.)

– Diga quem você é, para onde nos trouxe e...

Ela olhou para mim com o que parecia ser respeito, mas provavelmente era surpresa ao ver que o idiota com a cara vermelha de vergonha era capaz de formar frases. E devia ser mesmo essa última opção porque, em vez de me responder, ela perguntou:

– Você não reconhece mesmo a Interzona?

– É claro que reconheço... – comecei, mas ela me interrompeu novamente.

– Então isso torna sua segunda pergunta um pouco desnecessária, não é? Continuei falando e andando em sua direção, enquanto ela concluía.

–... mas não é a *nossa* Interzona.

Enquanto eu dizia isso, para mim ficou claro que, independentemente do que houvesse de errado com a Interzona, era coisa da garota. Ela era uma desconhecida e provavelmente uma agente da BRUX ou dos Binários. Mas,

ainda assim, eu estava inclinado a confiar nela – e isso *realmente* me assustou. Não podia arriscar que ela descobrisse o caminho de volta para a Base. Não era muito provável que isso pudesse acontecer; era preciso uma fórmula específica para voltar ao EntreMundos, e apenas os Andarilhos a conheciam. Estava óbvio que a garota não era uma Andarilha. No entanto, ela havia chegado à Interzona...

Ela olhou para mim, pensativa.

– Você está certo. E errado. Mas está mais para certo. Sinto muito por isso. Eu precisava ter certeza de que os Binários não estavam no seu rastro. – Então mais uma vez ergueu o ombro daquele jeito e piscou. – Mas não precisa se preocupar; já foi tudo corrigido.

Então, antes que pudéssemos reagir, aquela luz roxa nos envolveu de novo, e fui tomado outra vez por aquela mesma forte sensação de deslocamento, pior do que tudo o que já sentira antes...

E de repente estávamos em casa, de volta à base que todos nós conhecíamos. Tudo estava em ordem. Havíamos conseguido voltar ao EntreMundos.

Só que...

Ela estava com a gente.



CAPÍTULO TRÊS

O ANCIÃO É...

Como se o diretor ou diretora da sua escola e o mais severo dos seus avós dessem à luz um filho no último dia de verão antes do início das aulas, e essa criança crescesse no momento em que você percebesse que foi pego roubando biscoito do pote. Em outras palavras, ele existe apenas para lembrá-lo de todas suas más ações, de todos os seus fracassos e de todos os erros que irá cometer.

Pelo menos, essa é a sensação. Principalmente quando você falhou numa missão.

O que nós tínhamos feito. Estávamos todos lá parados em seu gabinete, quase sem nos atrevermos a respirar, enquanto ele olhava para nós, um por um. Até a garota nova estava em silêncio.

– Acho que não preciso lhes dizer de novo como essa missão era importante, nem como vocês estragaram tudo completamente.

Seu olho biônico brilhava de forma acusadora enquanto ele falava. Ninguém nunca descobriu do que aquele olho é feito – alguns dizem ser uma estrutura desenvolvida com tecnologia binária; outros, um olho de vidro normal que sofreu o efeito de algum encanto da BRUX –, mas todos concordamos com o fato de que parece ver dentro de nossas almas.

Parte da razão pela qual acho tão desconcertante ficar sob o olhar perscrutador do Ancião é que, de todos no Acampamento Base (incluindo J/O), o Ancião é o que mais se parece comigo. Só que daqui a algumas décadas, algumas guerras, um certo número de tragédias pessoais e algumas cirurgias reconstrutivas. Ele é como a sua consciência personificada: sabe que você poderia ter se saído melhor, porque, essencialmente, é você.

Ele também tem espaço em seu crânio para quantidades de dados talvez maiores do que as nuvens de memória combinadas de todos os computadores em quaisquer mil Terras diferentes.

– Eu os enviei à Terra FΔ98⁶ por uma razão muito específica, e vocês voltaram em menos de uma hora, de mãos vazias e com uma visitante não autorizada.

Abri a boca – por que, eu não tinha certeza. Eu ainda não sabia sequer o nome dela, então não tinha nem como apresentá-la.

Felizmente, não precisei me preocupar com isso.

– Acacia Jones – afirmou a garota com confiança, embora sem oferecer a mão para o Ancião. – E *não* – continuou ela, antes que eu ou qualquer um pudesse fazer mais do que piscar. – *Nunca*.

Ela olhava para mim, então não acho que minha reação tenha sido excessivamente paranoica.

– Não *o quê*?

– Não me chame de ‘Casey’ – explicou ela, embora sua atitude despreocupada estivesse um pouquinho diferente na presença do Ancião. Ele tinha o poder de deixar qualquer um meio nervoso, e seu olhar tolerante de divertimento a levou a emendar o que disse com: – Hã, senhor. Por favor.

Ele lhe assegurou, da maneira mais mordaz possível (pelo menos para os meus ouvidos), que nunca faria isso e, em seguida, ignorou-a completamente enquanto fazíamos o nosso relatório. Embora o Ancião não se mexesse e, na verdade, mal parecesse respirar, seu olhar penetrante tornava-se cada vez mais intenso à medida que contávamos a história.

O silêncio pairou pesado por alguns instantes depois de terminarmos, e sabíamos bem que não deveríamos quebrá-lo. Pelo menos, a maioria de nós sabia.

– Sinto muito, senhor, mas teria acabado da mesma maneira, de qualquer jeito.

– Agradeceria se pudesse ficar de boca fechada, mocinha, e não metesse o nariz onde não é chamada. – O Ancião encarou furioso nossa clandestina, que se endireitou um pouco diante da força daquele olhar.

– Sinto muito, senhor. Mas...

Mesmo ali sentado sem se mexer ou levantar a voz, o Ancião conseguiu dar a impressão de que uma bomba tinha explodido em seu gabinete apertado e entulhado. Com o canto do olho, cheguei a ver vários dos meus colegas se encolherem, como se quisessem se proteger dos estilhaços.

– Sente muito sobre *o quê*, Srta. Acacia ‘não-me-chame-de-Casey-sob-pena-da-retaliação-mais-horrível-que-já-viu’ Jones?

Acacia se empertigou sob o olhar do Ancião, respirando fundo. Esperei que fosse começar a falar, mas ela ficou quieta. Só olhou para ele, com um esforço visível para tentar se controlar. Após um instante, o Ancião disse:

– Andarilho, você e sua equipe estão dispensados. Podem sair para tomar banho e comer.

Ele parecia entediado. Arrumou alguns papéis sobre a mesa, fingindo não perceber enquanto nos entreolhávamos ali parados por alguns segundos, antes de seguirmos para a porta, incluindo Acacia.

Ela, porém, não foi muito longe.

– *Você* não faz parte da equipe dele, Srta. Jones. Sente-se.

Vi de relance que o rosto de Acacia era uma mistura de surpresa e apreensão quando ela começou a se sentar. Então a porta se fechou atrás de Jai, o último a sair do gabinete.

– Você viu isso? – sussurrou J/O quando já estávamos mais afastados. – Ela o enfrentou. E *venceu*.

– Eu diria que isso é um exagero dos fatos que transcorreram – murmurou Jai. – Embora tenha sido, com certeza, desconcertante e sem precedentes.

– E estranho – acrescentou Josef.

Jai assentiu.

– Ah, sim. *Definitivamente* estranho.

Não há nada como tomar banho e comer após voltar de uma missão. A Interzona, de alguma forma, faz com que se sinta sujo, como se todos aqueles sons, imagens, sensações e cheiros ficassem grudados em você, como se tivesse rolado na lixeira de uma aula de artes da pré-escola. E viajar entre os planos é sempre desorientador para o estômago; por isso, geralmente é melhor não comer muito antes. Sim, não há nada melhor do que um banho quente seguido de um pouco de comida, principalmente quando podemos nos alegrar por um trabalho bem-feito.

O que não era o nosso caso no momento. Mas o banho e a comida caíram bem ainda assim, e nossa mesa era a mais popular do refeitório, pois a notícia de que tínhamos trazido alguém de volta da missão já havia se espalhado para *todos*.

Alguém que não era um de nós.

E o fato de *toda a minha equipe* estar se referindo à primeira pessoa real a não ter o nome começando com J nem os cabelos avermelhados a aparecer na Base desde... ah, sempre... como minha *namorada* me tornava tanto muito popular quanto *nada* popular.

Não é que relacionamentos no EntreMundos sejam proibidos. É que simplesmente não *acontecem*. Você perguntaria por quê.

Porque é *estranho*.

Somos todos de diferentes planetas e dimensões e realidades, claro. Mas também somos tão parecidos que seria como ficar com um primo de primeiro grau. Com quem se teve contato a vida inteira. Que se parece tanto com você a ponto de ser impossível fingir que não são parentes.

Além disso, estamos sempre ocupados. Temos lugares para ir, mundos para salvar, primos de primeiro grau para recrutar. Aqueles de nós que poderiam estar interessados em um relacionamento romântico simplesmente não têm tempo de pensar nisso.

Mas a garota nova...

– Ela não é mesmo um de nós? – perguntou alguém pela milésima vez, ao mesmo tempo que outro perguntava de onde ela era.

As perguntas eram disparadas como raios laser ou flechas com pontas de fogo ou cápsulas de plasma, e uma parte desanimadoramente grande delas era destinada a mim.

– Por que você a trouxe para cá?

– Onde a encontrou?

– Quantos anos ela tem?

– De onde ela é? – As perguntas eram intermináveis, e eu não podia responder nenhuma delas, exceto uma.

– Ela é mesmo namorada do Joey?

– *Não!* – respondi finalmente, alto o bastante para ser ouvido por cima de todas as perguntas. Meu tom de voz me garantiu uma interrupção da conversa por tempo suficiente para eu acrescentar: – Ela *não* é minha namorada, nem sequer a conheço.

– Ainda – interferiu Jo presunçosamente, desencadeando uma série de risadas altas o bastante para acordar os Binários, se é que eles dormiam. Minhas bochechas queimavam como as de um esquilo com a boca cheia de

pimenta, e me concentrei no meu bolo de proteína enriquecido com vitaminas como se fosse uma sobremesa de verdade.

Minha equipe estava gostando *demais* disso.

As perguntas continuaram. Algumas como “Podemos conhecê-la?” e “Quanto tempo ela vai ficar?” e “Por que ela está aqui?”, assim como uma centena de outras que não podíamos responder e talvez duas ou três que de fato podíamos. Deixei minha equipe responder essas, intervindo apenas quando ouvia a palavra que começava com *n* e meu nome (que aliás, aparentemente, continuava sendo “Joey”) na mesma frase, e terminei a minha “sobremesa”. Ainda estávamos no meio do dia, mas eu achava que podia tirar uma soneca. Estava de pé desde o amanhecer em um mundo com dois sóis, e tinha sido um dia cansativo.

Fui até meu quarto, descobrindo no caminho que, apesar do que parecia, nem todos na base tinham se aglomerado em volta da nossa mesa. Havia alguns retardatários nos corredores e, depois de responder a mais algumas perguntas com “Não sei” e “Ela não é minha namorada”, comecei a espiar além das esquinas antes de dobrá-las.

O tema de *Missão Impossível* não saía da minha cabeça.

Levei o dobro do tempo para chegar ao meu quarto desse jeito, mas pelo menos evitei mais perguntas.

Tom me encontrou na porta, passando de uma espécie de vermelho de alerta para um bege confuso e depois de volta enquanto eu entrava. Meu pequeno amigo fovimal – ou FVM, que quer dizer forma de vida multidimensional, para quem não sabe – passava a maior parte do tempo na Interzona, mas às vezes gostava de me encontrar na Base. Depois de assustar uns moradores mais recentes e quase ser ferido algumas vezes, ele passou a ficar no meu quarto, aventurando-se do lado de fora só quando eu estava com ele.

– O que foi, Tom? – perguntei, cansado. Estava pronto para aquele cochilo. –Timmy caiu no poço de novo?

– Você o chama de *Tom*? Que fofo. Mas quem é Timmy?

Nem sequer me preocupei em me virar. Tom ficara metálico, proporcionando-me uma visão distorcida do meu próprio reflexo e de Acacia Jones sentada atrás de mim na minha poltrona de leitura, com um dos meus livros abertos no colo.

Suspirei. Será que aquele dia *nunca* iria acabar?

MUNDIÁRIO

Do Diário de Acacia

Existem, de fato, algumas vantagens em ser eu.

Cheguei à Terra FΔ98⁶ na hora perfeita, é claro. OK, admito, gosto de uma entrada triunfal. Não há nada de errado em ter um pouco de estilo de vez em quando, independentemente do que o meu irmão diga. Além disso, um resgate oportuno da morte certa tende a levar as pessoas a confiar em você – pelo menos, normalmente. Joseph Harker está provando ser um pouco mais difícil do que a maioria dos meus clientes.

Quero dizer, entendo que as coisas não foram muito fáceis para ele. Fiz a pesquisa completa. Sei que ele teve um começo difícil na academia do EntreMundos, em razão de seu mentor ter morrido. Não há muitos detalhes sobre isso nos arquivos, mas sei ler nas entrelinhas. Ele Andou por acidente pela primeira vez, como acontece com a maioria deles. Infelizmente em seu caso, os Binários e a BRUX estavam se confrontando em um mundo vizinho; por isso, os dois grupos perceberam quando ele rompeu as dimensões. Os Andarilhos podem não ser capazes de fazer muito para deter a guerra, mas mesmo pouco já ajuda – e seus poderes também são bastante úteis para essas criaturas do mal, que então continuam tentando prender um Andarilho sempre que possível.

Uma nota de rodapé em seu arquivo diz que ele é um dos Andarilhos mais poderosos dos últimos tempos. Aparentemente, alguém aqui deu um alerta ao EntreMundos, e eles enviaram um oficial de campo chamado Jay atrás dele. Jay conseguiu levá-lo até a Interzona e um pouco mais perto da Base, embora não sem algumas dificuldades. E é aí que os registros ficam um pouco confusos. Acho que ele foi pego pela BRUX e Jay teve de resgatá-lo. Esse aí era um bom oficial. Sua morte realmente comoveu várias pessoas no EntreMundos. Retiro o que eu disse sobre Joseph Harker não ter tido um começo fácil – isso é pouco perto do que aconteceu. Não que

eu realmente possa ser solidária. Não posso nem deixá-lo saber que temos um arquivo dele, que dirá que o li...

Ele se dedicou muito ao treinamento; queria provar seu valor, eu acho. Não posso culpá-lo — sei que eu mesma estava ansiosa quando tinha idade suficiente para sair em minha primeira viagem. Mas nunca fui capturada por um Tec, como ele e sua equipe foram pela BRUX.

Essa parte foi muito bem documentada. Não sei se tínhamos um Agente lá, ou se só fizemos alguns interrogatórios. Agentes são mais confiáveis do que relatos em primeira mão, mas não havia nenhum registro de que alguém tenha sido enviado naquele dia.

Enfim. Por tudo o que sei — que é muito, acredite em mim —, ele é o único Andarilho que já foi expulso do EntreMundos. Enviaram-no de volta para casa, só porque ele foi o único a conseguir voltar à Base para contar como sua equipe foi capturada. Eles não acreditaram naquela história, e, se você fizesse qualquer coisa no EntreMundos que levantasse suspeitas pelo menos uma vez, não confiavam mais em você. Escapar de uma armadilha em que toda a sua equipe foi pega não é nada fácil, não importa qual seja a verdade.

Mas não era culpa dele. Aquele seu pequeno FVM o salvou — e outra coisa boa é que tenho certeza de que a criatura foi responsável por ele ter conseguido recuperar suas lembranças. Não sei exatamente como o EntreMundos apaga as lembranças, mas já vi isso antes. O efeito é permanente. Mas não foi o caso de Joseph, e isso porque seu amigo FVM foi ao seu encontro depois que ele teve a memória apagada de qualquer coisa relacionada ao EntreMundos. Então ele lembrou que podia Andar e, sozinho, salvou sua equipe da BRUX. Fiquei bastante impressionada ao ler essa parte, admito.

Mas aquele FVM... Essa história me fez querer ficar amiga dele também. Quem sabe quão útil isso poderia ser? Não há quase nada sobre a criatura nos arquivos — mas também não se sabe muito sobre as formas de vida multidimensionais em geral.

Elas são perigosas, mas temos coisas mais importantes com que nos preocupar. E é por isso que estou sentada aqui, em primeiro lugar.

Já li todo o arquivo de Joe Harker — pelo menos a parte não confidencial. Sim, me irrita um pouco que exista algo no arquivo dele que seja confidencial. Quer dizer, faça-me o favor; posso ser jovem para uma Agente, mas tenho acesso autorizado a todo tipo de informação, e o cara não é exatamente um peixe grande. Além disso, me ofereci para este trabalho; seria bom saber o que esperar. Estou navegando às cegas, quase tanto como ele, não que eu vá deixar que ele saiba disso. Hum... Tenho de fingir que não sei nada sobre o seu passado, quando na verdade sei, e fazê-lo acreditar que sei tudo sobre o seu futuro — o que é mentira. Estou navegando em uma tempestade aqui.

Joseph Harker, a anomalia do EntreMundos. Tenho de admitir: mesmo ele sendo um resmungão com muito a provar, meio que gosto dele.



CAPÍTULO QUATRO

É DIFÍCIL, EM SITUAÇÕES como estas, saber qual pergunta seria menos burra. Eu poderia tentar a óbvia “Como você entrou aqui?”, o que provavelmente só a faria rir, ou a igualmente óbvia “O que você está fazendo aqui?”, à qual, a julgar pelos acontecimentos recentes, ela provavelmente rebateria com uma frase espirituosa que me deixaria completamente sem graça. Então, optei pelo inesperado. Em vez de fazer uma pergunta que me deixaria em desvantagem, eu poderia criticar sua falta de conhecimento cultural e, com sorte, me sentir mais confiante no processo.

– O quê, você nunca ouviu falar da *Lassie*?

Existem muitos ditados sobre os melhores planos...

– Ah, sim. A série de TV da Terra, dos anos 1950, sobre uma collie.

Nossa, isso me ajudou muito a me sentir mais confiante. Tudo o que eu sabia é que era um programa chamado *Lassie* sobre uma cadela inteligente.

– Humm, você, pelo visto, conhece a série.

Ela abriu um sorriso bem-humorado, acompanhado pelo ligeiro dar de ombros.

– Sim – disse ela com aquele tom de voz que queria dizer *obviamente*. – Passa como série de TV da Terra $K\Omega_{35}^2$ à Ω_{76} .

– Certo. Claro – murmurei. – É só que...

– Sem falar da T Δ 12 até a 18, onde vários episódios eram realidade e não...

– É só que tenho vivido com um bando de pessoas que não sabem *nada* do meu mundo. E às vezes...

– Você gostaria de ter alguém com quem pudesse falar sobre as coisas de que gosta.

Ela falou como se *soubesse* que era verdade. Como se tivesse arrancado isso direto do meu cérebro. Ou do meu diário, que era onde eu tinha escrito essa mesma frase, há alguns meses.

E que também era exatamente o mesmo livro aberto no colo dela.

Ela me viu olhar para ele, e não fez nenhuma tentativa de fingir que não tinha lido. Eu sabia que ela estava esperando pela minha reação, mas tudo o que consegui dizer, com um tom de “é claro” na voz, foi:

– Você está lendo meu diário.

Seu sorriso não pareceu tão convencido dessa vez.

– Não está irritado?

– Não. – Esperava controlar o rubor que eu sentia subir como um incêndio pelo meu pescoço. – Não é um *diário pessoal*. Todo mundo aqui precisa manter um registro de suas atividades e seus sentimentos.

Ela parecia aliviada, mas tentou disfarçar.

– Eu sei. Por isso imaginei que você não ficaria irritado.

Então, para minha surpresa, percebi que não estava irritado, apenas resignado.

– Como você sabe tanto sobre... tudo?

Ela riu e fechou o diário, deixando-o na cadeira quando se levantou, então cruzou os braços e jogou o cabelo para trás.

– Tive uma educação excelente. Isso sem falar da otimização da memória holográfica de longo prazo. E você? Quer me mostrar o que eles lhe ensinam aqui?

– Não muito – respondi automaticamente, e fiquei meio sem jeito ao ver que ela ergueu as sobrancelhas. – Bem, sim, mais ou menos, mas...

– Não se preocupe com uma autorização. De qualquer forma, eles não podem me manter fora, e não represento nenhuma ameaça a vocês. A menos que me deem motivo – acrescentou, sorrindo de uma maneira que me fez

lembrar Jakon em seus momentos mais selvagens. Jai costuma dizer que seria a expressão do gato da Alice... se ele fosse um lobo.

– O Ancião disse que você poderia ficar?

– Sim. Desde que eu seja acompanhada o tempo todo.

– Você estava sozinha quando cheguei – comentei e, em seguida, tropecei quando Tom me empurrou por trás. Quase tinha me esquecido dele. Olhei por cima do ombro, observando que o fovimal apresentava um tom bastante indignado de roxo. – Desculpe, Tom.

Ele adquiriu um tom mais satisfeito de rosa, e Acacia riu.

– Ele ficou entre mim e a porta o tempo todo – informou ela e, em seguida, passou o braço pelo meu. – Então. Vamos fazer o tour.

Eu sabia que, se andasse lá fora de braço dado com Acacia, *nunca* mais teria sossego. Nunca. Seria amolado por toda a eternidade, ao quadrado e ao cubo. E não estava nem um pouco preparado para essa possibilidade. Então a levei até a porta e então usei o pretexto de abri-la como uma forma de nos separar. Depois fiz um gesto para ela passar que esperava ser cavalheiresco.

Ela fez uma pequena reverência antes de sair, divertindo-se com tudo aquilo de forma tão visível quanto se pudesse mudar de cor como Tom. Rezando para que todos que eu conhecia – o que significava praticamente todo mundo, ponto – estivessem em aula ou em alguma missão, comecei a caminhar pelo corredor, garota misteriosa de um lado e fovimal do outro.

– Então, onde estamos agora? – Ela olhava em volta como se estivéssemos em um parque temático, observando tudo com atenção. “Tudo”, no momento, era um corredor com alguns canos do chão ao teto, pilares e painéis pré-fabricados.

– Em um corredor. Convés doze, para ser mais exato.

– Isso eu estou vendo, obrigada. Em que setor?

Eu não sabia por que a acompanhava naquela visita guiada em primeiro lugar, uma vez que ela já sabia onde ficava meu quarto e que as diferentes áreas da nave eram chamadas especificamente de “setores” (e alguma coisa na maneira como ela disse “setor” puxou pela minha memória de uma forma estranha, como quando tentamos nos lembrar de um sonho que tivemos no dia anterior), mas isso parecia deixá-la feliz.

– São os alojamentos. Desculpe, mas não temos nenhum nome especial para eles ou coisa assim.

– Ainda – corrigiu ela, mas tive a sensação de que estava falando aquilo só para me provocar.

Provavelmente sempre foram chamados de alojamentos. Por que iríamos querer chamá-los de outra coisa? Não eram nem divididos por sexo; não havia muito sentido, principalmente porque algumas paraencarnações de nós pareciam ser dos dois sexos, ou de nenhum. Como observei antes, Acacia era a primeira garota real que não era uma encarnação nossa.

– Então, o que você vai me mostrar primeiro?

– O que você quer ver? – perguntei, sem muita esperança de conseguir uma resposta de verdade. E não consegui.

– O que você quiser me mostrar.

Desisti. Estava preso a ela, porque ela havia decidido assim, e não parecia haver muita coisa que eu pudesse fazer quanto a isso. Não tinha nem certeza se eu me importava. Ela era um mistério, e era interessante, e minha total incapacidade de responder qualquer pergunta sobre ela me irritava um pouco. Mais cedo, no refeitório, tinha sido provavelmente o meu momento mais popular no EntreMundos, e eu nem tinha conseguido aproveitá-lo.

– Está bem – decidi, virando na direção oposta do corredor que levava ao refeitório. Era lá que quase todo mundo deveria estar naquela hora, e, se eu teria que bancar o guia turístico, preferia não ter plateia. – Bem, logo ao lado

dos alojamentos fica o vestiário, onde nos arrumamos para sair em missão. Ninguém vai sair agora, por isso deve estar vazio.

– Uma fileira de armários – comentou ela, como se estivesse se esforçando para parecer impressionada. Esforçando-se muito.

Eu a guiei pela sala em direção às grandes portas duplas entre os pilares de segurança, que se acenderam quando chegamos, linhas vermelhas finas escaneando o meu corpo, e depois o de Acacia. Percebi que seria melhor identificá-la antes de a máquina concluir que era uma desconhecida e, portanto, perigosa.

– Joe Harker e...

– Bem-vindo, Joey. – Era o tipo de voz capaz de enlouquecer qualquer um pelo telefone, a voz de uma mulher madura irritantemente calma, que parecia estar lançando um sorrisinho irônico para você, mesmo sendo apenas um padrão vocal sem corpo. – Bem-vinda, Acacia. Podem passar.

Virei-me para olhar para ela quando as portas se abriram. Seu sorriso combinava com aquele que certamente a voz exibiria. Então tive de perguntar, mesmo sem achar que ela me daria uma resposta direta.

– Como ela sabia quem é você?

– Já disse. Tenho acesso autorizado para andar por aí. – Ela passou pelas portas para a sala de reuniões, e tive de correr atrás dela.

Isso aconteceu mais duas vezes enquanto eu lhe mostrava a sala de reuniões e a sala de recepção. Percebi enquanto estávamos andando que, apesar de Acacia ter encontrado tanto a Base quanto meu quarto sem ajuda, estava mesmo me deixando guiá-la. Eu tinha feito várias aulas sobre linguagem corporal e expressões faciais, e estava bem certo de que ela realmente não sabia andar por ali. E estava igualmente certo de que ela seria páreo duro em uma sessão de luta. Sua economia de movimentos sugeria que

tinha sido treinada em algum tipo de arte marcial, uma graça fluida quase tão perigosa quanto fascinante.

– Então é por aqui que chegam os novos recrutas? – Ela estava inclinada sobre o parapeito, olhando para o mundo do outro lado da cúpula.

Era meio difícil dizer onde o mundo acabava e a Cidade Base começava, já que a cúpula era translúcida, e o chão da sala de recepção, coberto por uma grama perfeitamente cuidada.

– Normalmente, a menos que haja algum problema. – Hesitei antes de explicar mais, então continuei. Se o Ancião lhe dera acesso privilegiado, ele obviamente não estava fazendo muito segredo das coisas. – A fórmula que todos aprendemos é como um endereço genérico, que nos leva a qualquer mundo em que a Base esteja; então nós acionamos o radar, e os pilotos trazem o EntreMundos até nós. Em uma situação difícil, a equipe de teletransporte leva as pessoas diretamente para a Base, em geral para a enfermaria, mas, na maioria das vezes, a nave para e eles embarcam.

– Deve ser um espetáculo interessante – murmurou ela, inclinando a cabeça para olhar o céu. Estava escurecendo lá fora.

– É – concordei, recordando-me de onde eu estava quando a cúpula me buscou. Lembrei-me do corpo de Jay ao meu lado e de como não conseguira sentir nada quando vieram nos pegar. – Vamos – chamei em tom um pouco mais brusco do que pretendia. – Eu quero lhe mostrar outra coisa.

Havia pouquíssimas coisas no EntreMundos que não funcionavam com precisão militar. Tínhamos jardins, bibliotecas, ginásios e até mesmo uma sala de lazer para nosso tempo livre, mas todos eram mantidos limpos e arrumados, além de serem supervisionados por um professor ou funcionário sênior nomeado pelo Ancião. Não havia pichação na Cidade Base, nem lixo, nem chiclete por baixo das nossas mesas de estudo. Não havia murais, nem arbustos podados em forma de dinossauros, nem esculturas – não havia

nenhum lugar em toda a Base que mostrasse que éramos pessoas, com pensamentos, sentimentos e imaginação.

Exceto pela Parede.

Acacia deu alguns passos no corredor entre a sala de recepção e a enfermaria, sua expressão passando de curiosidade para o sincero e genuíno espanto.

– O que é isto?

– Nós chamamos de Parede. Criativo, eu sei. Está aqui desde sempre. Ninguém se lembra de quem começou. Mas é praticamente tudo o que temos daqueles que se foram.

Acacia estendeu a mão com cuidado, passando os dedos por uma foto: mais um menino que se parecia comigo, exceto pelos olhos prateados. Eu nunca soubera por quê. Ela caminhou pelo corredor, olhando para tudo – ou para o máximo de coisas que podia. Era impossível captar *tudo*. Havia centenas de fotos, tanto holográficas quanto comuns, além de pedaços de papel, com homenagens e epitáfios rabiscados neles. Havia epígrafes impressas, assim como palavras e imagens pintadas na Parede. Em um ponto havia uma muda perfeita de pele de cobra. Havia penas, pedaços de material, roupas, joias e conchas do mar, junto a coisas que nunca pude identificar, porque tinham vindo de mundos dos quais eu nunca ouvira falar. Alguns dos hologramas se moviam; outros eram estáticos. Tudo o que significara alguma coisa para alguém perdido em uma missão tinha um lugar na Parede.

– Isto é lindo – declarou Acacia finalmente, e pude perceber que estava sendo sincera. Seu sorriso peculiar fora substituído por um triste e sereno curvar de lábios.

– É sim – concordei, olhando o tributo que eu deixara.

Precisei de muita coragem para finalmente colocar alguma coisa ali quando cheguei. Todos pegavam pesado comigo por causa da morte de Jay, e

já tinham começado a criar um pequeno aglomerado de homenagens a ele na Parede. Jay fora importante para muitas pessoas; e a parte dele na Parede era uma das maiores. Alguém havia colocado uma foto dele, e outra pessoa, um retrato feito à mão. Havia também um pequeno desenho engraçado feito em um dos guardanapos do refeitório que, aparentemente, era uma piada interna, e um livro com um bilhete que dizia *obrigado*.

Era isso o que mais se via na seção da Parede dedicada a Jay – agradecimentos. Em diferentes caligrafias, diferentes línguas, diferentes cores e formas. Todos colados ou projetados ou desenhados em torno da foto de Jay. O meu era um deles, feito de pedras e seixos do mundo em que ele dera o seu último suspiro.

Acacia me pegou olhando e voltou sua atenção para o retrato de Jay.

– Quem era?

Embora eu esperasse a pergunta desde o momento em que paramos em frente à foto dele, tive de respirar fundo antes de conseguir responder.

– Jay. Ele salvou minha vida – respondi de forma breve. – E fiz com que ele acabasse morrendo. – É engraçado como a necessidade que se tem de impressionar alguém é completamente esquecida quando somos tomados por uma emoção sincera.

– Você fez de propósito?

Virei-me para ela, horrorizado.

– Não!

– Então, não se culpe – sugeriu ela, sem olhar para mim. – Se ele estava protegendo você, sabia o que poderia acontecer.

– Ele morreu porque eu não quis escutá-lo – argumentei, tentando não surtar, mas era difícil. – Corri para ajudar um fovimal, mesmo ele me dizendo que era perigoso.

– Você está falando do Tom? – perguntou ela. Fiz que sim.

– Ele estava preso... Eu não sabia o que era, mas ele parecia assustado. E estava *mesmo*. Um gyradon o havia prendido.

Depois da morte de Jay, eu tinha feito algumas pesquisas e descobrira exatamente o que era a coisa que havia nos atacado. Isso não me ajudara a me sentir melhor, mas pelo menos já não me achava tão idiota por não saber explicar direito o que aconteceu.

Acacia assentiu, aparentemente sabendo que tipo de monstro era.

– Mas você estava certo. E salvou Tom.

– Sim – admiti, olhando para a Parede. Jay por Tom. Havia sido uma troca justa? Tom me salvara de ser pego pela BRUX uma vez e também me permitira salvar a minha equipe... Mas talvez, se Jay não tivesse morrido, tudo teria sido diferente. Talvez não tivéssemos sido presos pela BRUX, para começar, e assim não tivéssemos precisado ser salvos...

Aquilo foi o suficiente para me dar dor de cabeça. Olhei em silêncio para o retrato de Jay, até Acacia falar novamente.

– Quantos deles você conheceu?

– Só ele – respondi com dificuldade. A admissão me fez sentir culpa, como se eu não merecesse estar diante de toda aquela perda, intocado. *Culpa de sobrevivente*, como chamam. Saber o nome não tornava mais fácil conviver com isso.

– Você vai conhecer outros – afirmou ela. – Um dia.

Por estranho que pareça, o comentário não me irritou. Ela não estava tentando ser convencida, ou mostrar que sabia mais do que eu. Eu sabia que era verdade. Você não luta em uma guerra sem esperar baixas, e, por mais que eu fosse trabalhar para não deixar isso acontecer, sabia que mais de nós acabariam como lembranças na Parede. Provavelmente até mesmo eu.

– Sim. Eu sei.

Ela pegou a minha mão.

Levei-a à sala sinistra – havia certa polêmica a respeito do nome da sala: se ela se chamava assim porque era possível se teletransportar de lá para outras partes da Cidade Base, ou porque ficava na extremidade esquerda da nave – e dei a volta pelo outro lado dos vestiários para lhe mostrar a sala de projeção e a sala de jogos, em seguida passando pela biblioteca e voltando em direção às salas de aula. A maioria das aulas daquele dia já tinha acabado, mas alguns dos meus professores ainda passavam para lá e para cá.

Sáímos em um dos deques mais altos a tempo de ela ver outra transição de fase. Uma das características mais insidiosas do EntreMundos era sua capacidade de se mover para frente e para trás no tempo, transpondo um período de mais de cem mil anos. E só para dificultar que a BRUX e os Binários nos localizassem, os motores de matriz solitônicos também foram programados para andar “de lado” no tempo; em outras palavras, podiam atravessar as paredes de Dirac de uma Terra paralela para outra. O número de mundos do Altiverso para os quais íamos e o tempo que ficávamos em cada um eram determinados por feitiços com base em aleatorização quântica. Não havia maneira alguma de decifrar o código.

Durante as duas últimas semanas, estivemos em alerta máximo de segurança, e os filtros de ar funcionaram a todo vapor, porque aquela Terra em particular estava comemorando o aniversário (não sei se essa é a palavra mais adequada) do evento de extinção K-T, que praticamente eliminou Barney, o dinossauro, e toda a sua família da face do planeta. Só agora a implacável e sangrenta luz do sol começava a aparecer através da cobertura global de nuvens, e o que mostrava não era nada bonito: uma Terra queimada, coberta pelo carvão que um dia fora uma magnífica floresta.

– Sua nave pode viajar no tempo? – perguntou Acacia depois que expliquei o que era a mudança de fase. Ela parecia incrivelmente interessada,

e quase lhe agradei por finalmente me fazer uma pergunta que eu podia responder.

– Sim e não – respondi, tentando dar o mesmo tipo de “resposta” que ela sempre me dava. Não funcionou muito bem. Ela olhou para mim, e a maneira expectante como ergueu as sobrancelhas me fez explicar. – Estamos viajando em um caminho determinado de forma aleatória, em dimensões paralelas dos mesmos três mundos. A nave vai para trás e para a frente, mas...

– Mas não pode ancorar à vontade – completou ela assertivamente, concordando com a cabeça. – Vocês viajam para pontos distintos desses três mundos com destinos definidos por uma variável aleatória, mas sempre ancorados ao fluxo alfa.

Eu não tinha nenhuma ideia do que ela estava falando, mas àquela altura já havia me acostumado com isso. Acacia pareceu satisfeita em ver que assenti; de todo modo, o que ela dissera me parecera certo, e eu sabia que nossas viagens se limitavam a ir para frente ou para trás em nossos mundos base. Virei-me para sairmos do convés superior e voltarmos para as salas de aula. As janelas à nossa volta ainda estavam cobertas por uma camada grossa de poeira e cinzas.

– Ei, Jayarre – falei quando passamos por uma das portas abertas. Ali, diferente do colégio que eu frequentava antes, nunca chamávamos os professores por seus sobrenomes e “Sr.” ou “Sra.”; afinal, alguns deles nem sequer tinham sobrenomes.

Jayarre focou em mim – achei que ele estava olhando mesmo para mim, e foi por isso que disse oi, mas era difícil saber direito com o monóculo – e abriu um sorriso alegre, acompanhado por aceno animado. Jayarre era o professor de Cultura e Improvisação. Vinha de uma Terra mais para o lado mágico das coisas, onde, segundo nos explicara uma vez, o mundo todo era, literalmente, um palco. Na verdade, não entendi muito o que queria dizer,

mas ele tinha a aparência de um apresentador de circo e a animação de seu tio preferido.

– Olá, olá! Mostrando o lugar para a senhorita, não é?

Assim como a maioria dos outros professores, ele também muitas vezes parecia simplesmente *saber* das coisas.

– Sim – falei, parando à porta. – Esta aqui é Acacia Jones.

– Prazer em conhecê-la, minha querida, prazer em conhecê-la! – Ele se levantou e atravessou a sala em três passos largos para apertar a mão dela. Acacia não pareceu nem um pouco nervosa. – Você está gostando do seu tour *du jour, madame*?

– *Vachement, monsieur!* – respondeu ela, e, graças aos meus estudos de Línguas Básicas, entendi que havia concordado enfaticamente.

As sobrancelhas de Jayarre subiram quase até a beirada de sua cartola, e ele abriu um largo sorriso que fez com que seu bigode também subisse.

– *Merveilleuse, ma bichette!*

– Eu estava indo mostrar a Zona de Perigo – interrompi, e aquelas sobrancelhas se viraram para mim.

– Você vai lá agora? Bem, por que não, por que não? Se ela tem acesso privilegiado, não vejo o que poderia haver de inconveniente nisso! – Jayarre era como Jai às vezes, só que, em vez de palavras com muitas sílabas, ele usava um monte de palavras. – Talvez eu possa acompanhá-los em sua fantástica jornada!

Eu não esperava isso, mas antes que pudesse pensar em qualquer motivo para tirar a ideia da cabeça dele, alguém cruzou a porta.

– Gabinete. Reunião – declarou Jirathe de forma breve, e então virou para mim. Ela era a professora de Alquimia e nunca usava duas palavras se uma bastasse.

Parecia tão humana quanto eu, exceto pelo pequeno detalhe de que suas células eram feitas de ectoplasma em vez de protoplasma. Como resultado disso, seu corpo era uma espécie de cinza translúcido quando ela não estava se movendo. Mas quando estava... bem, o corpo humano é formado por mais de seis trilhões de células, cada uma delas composta em sua maior parte de água. Sempre que Jirathe se movia, parecia que seis trilhões de prismas captavam toda luz que havia por perto. Ou, dito de outra maneira, era como se um arco-íris explodisse.

– Devo voltar à sala de reuniões? – Eu não tinha ouvido nada nos alto-falantes, mas talvez estivesse acontecendo algo importante.

– Não. – Jirathe lançou um olhar significativo para Jayarre, então continuou a seguir pelo deque, atravessando um raio de luz do sol carmesim que fez seus braços e ombros nus ondularem como uma queima de fogos.

Jayarre murmurou:

– Peço desculpas por isso, meu rapaz. Parece que é algo apenas para os oficiais superiores. – Então se virou para Acacia, pegando sua mão para beijá-la. – Foi um prazer conhecê-la, minha querida. Talvez possamos trocar gentilezas em outro momento, mas agora preciso ir. *À bientôt.*

– *Enchantée!* – despediu-se Acacia por cima do ombro quando nos separamos, e notei que vários outros professores saíam de suas salas e seguiam em direção ao gabinete do Ancião.

Do que se tratava aquela reunião? Acacia, provavelmente. Será que ele iria revogar sua autorização de acesso? Não, ele não tinha nenhuma razão para isso... E não lhe teria dado autorização em primeiro lugar se não confiasse nela.

– É sobre mim, aposto – comentou ela, descontraída. Se estava pensando o mesmo que eu, não parecia nem um pouco preocupada com isso.

– Provavelmente. Isso não a incomoda?

– Eu iria me incomodar se eles *não* estivessem fazendo uma reunião – afirmou ela, e parei para olhá-la. – Vocês estão no meio de uma guerra aqui, e de repente têm uma clandestina a bordo. Você não convocaria uma reunião para alertar a todos de uma potencial ameaça?

– O Ancião não a considerou uma ameaça.

Ela inclinou a cabeça na minha direção.

– Você tem certeza? Ele autorizou o meu acesso, mas você acha mesmo que não está deixando todos de sobreaviso em todo caso?

Pensei naquilo por um instante, relembrando o que ela falou e a forma como disse.

– E você é?

– Eu sou o quê?

– Uma potencial ameaça?

– Você é um Andarilho, não é? Então se move entre dimensões e sabe que ‘potencial’ é uma palavra pesada.

Não pude deixar de rir, só um pouco.

– É verdade. Então você é uma ameaça potencial.

– Claro que sou – concordou ela, me encarando seriamente. Seus olhos, como eu havia notado antes, eram inequivocamente violeta, não que ela parecesse outra coisa que não humana. Fora as placas de circuito no lugar das unhas, é claro. – Ou sou uma aliada. Você acha que depende só de mim?

Atrás de nós, a realidade brilhava, se retorcia e se transformava em um ambiente completamente diferente, embora não menos extremo. Desviei meu olhar de Acacia e vi que estávamos pairando sobre uma geleira equatorial. Bem-vindos à Terra Bola de Neve, onde até mesmo os oceanos ficaram congelados por milhões de anos! Olhei de novo para Acacia para ver se ela havia notado o pequeno salto temporal. Ela também olhava pela janela, com um sorriso sereno e estranho.

– Não – admiti em resposta à sua última pergunta, e ela sorriu para mim.

Os sistemas de calefação começaram a funcionar enquanto me dirigia à parte da nave reservada para os treinamentos físicos, mas eu tinha certeza de que aquele sorriso por si só já teria me aquecido.



CAPÍTULO CINCO

A ZONA DE PERIGO É como o melhor jogo de realidade virtual que já existiu, tirando o detalhe de que às vezes – ou, na verdade, na maior parte do tempo – ele tenta matar os jogadores. É o Holodeck e a Sala de Perigo combinados, com cinco fases de diferentes variáveis e condicionamentos. Não que a fase 1 seja totalmente inofensiva e a 5 seja a mais perigosa – os diferentes níveis apenas indicam *o quanto* as coisas irão feri-lo. Alguns dos desafios são reais, outros, ilusórios, e todos são programados com variáveis aleatórias ou ocultas: uma rocha aparece sob seu pé quando você está tentando se esquivar de uma série de lanças, ou um enxame de vespas é atirado pela explosão de partículas que você desvia para uma árvore.

Machucar-se na Zona de Perigo é como um ritual de passagem: acontece com todo mundo pelo menos uma vez. Você não é de fato um de nós até ser mandado para a enfermaria com uma queimadura de terceiro grau porque hesitou uma fração de segundo pensando se a salamandra cuspidora de fogo que saiu da caverna poderia realmente machucá-lo.

Mas você aprende rápido. Eu aprendi.

Minha primeira lesão na Zona de Perigo foi melhor que a de alguns (um servomecanismo de J/O havia se quebrado quando parte do chão cedera sob seu peso) e pior que a de outros (a lesão de Jerzy Harhkar tinha sido apenas um corte de papel em uma representação de “ataque à escola”). Eu tropeçara em uma variável de cão-espinho enquanto treinava em uma simulação de selva. Se você nunca viu um cão-espinho, não se sinta mal; até então eu também não tinha visto. Era lógico pensar que eles tinham aqueles espinhos por uma razão, e que sabiam como usá-los – o que eu não sabia era que

parte da razão (além da óbvia) de serem chamados de cão-espinho era devido à sua escolha de habitat. Sem querer perturbar o ninho deles, havia me abaixado perto da árvore mais próxima, apoiando a mão na casca para me firmar...

... e quase morri de susto quando a árvore inchou como um baiacu. Centenas de minúsculas agulhas de madeira perfuraram minha mão, e não só dei de cara de novo com a simulação do agente da BRUX com quem estava brincando de gato e rato, como também não passei na simulação porque não consegui sacar minha arma com o braço dormente até o cotovelo.

Não foi a coisa mais dolorosa que eu já tinha sentido, mas a extração daqueles espinhos não foi nem um pouco divertida. Depois disso, ainda foi difícil usar a mão por umas duas semanas, e nem sequer me deixaram cicatrizes legais para eu poder me mostrar.

Acacia observava o quarto vazio com aquele ceticismo cheio de curiosidade com que todos olhávamos a princípio, mas eu não queria ter de levá-la à enfermaria após sua primeira sessão.

– Não parece muito grande – comentou ela por fim, percorrendo o espaço de uma parede a outra com cerca de vinte e cinco passadas grandes.

– Não até você ter de correr de um velociraptor ciborgue. O piso é feito de esteiras anisotrópicas que se movem quando você corre. O cenário se move à sua volta. É tudo bem real quando se supera o medo de que a sala possa dar um defeito e acabe esmagando você contra a parede.

Acacia riu.

– Isso já aconteceu?

– Não que eu saiba, mas sempre tenho medo de que possa acontecer.

– Eu também teria. – Ela fez uma pausa. – Podemos...?

Eu odiava ter de lhe dizer não. Não sabia bem por quê, mas foi o que fiz.

– Não. Apenas algumas pessoas têm os códigos, e... não estão aqui.

Agora. – Também hesitei em lembrá-la da reunião que acontecia lá em cima, provavelmente sobre ela, mesmo que Acacia não parecesse particularmente preocupada. Só queria que ela se sentisse bem-vinda... afinal, podia ser que ela ficasse. – Mas talvez amanhã. As pessoas usam isso o tempo todo, e você é uma convidada, então tenho certeza de que podemos encontrar um horário para encaixá-la.

– Tudo bem. Vocês têm uma cozinha por aqui? Estou morrendo de fome.

– Sim – respondi em tom evasivo. Cozinha queria dizer refeitório, e refeitório queria dizer pessoas, e um lugar cheio de pessoas representava uma situação desconfortável. Pelo menos naquelas circunstâncias. – Mas provavelmente vai estar muito cheia...

– Eu não me importo. Fica para que lado?

Ela sorriu alegremente para mim, e senti meu coração e estômago colidirem. Eu estava muito nervoso em ter de apresentá-la a todos que andavam dizendo que ela era minha namorada.

– Hã, de volta por onde viemos.

Virei-me para sair e ofereci a mão para Tom, que se juntou a nós perto da porta. Tom não gostava da Zona de Perigo. Aparecera para me ver uma vez no meio de uma simulação, e pensei que ele fosse ter um infarto – se é que os fovimais têm coração, claro. Adquiriu uma nuance confusa de cinza, depois tons diferentes de vermelho ou rosa, que pareciam indicar *preocupação*; então, basicamente se transformou em um globo de discoteca multicolorido. Se alguém na sala tivesse tendência a ataques epilépticos, Tom certamente teria provocado um. Depois ele desapareceu, e eu não o vi por quase uma semana inteira. Para dizer a verdade, já estava ficando preocupado quando ele finalmente apareceu de novo.

Tentei lhe perguntar sobre isso, mas não consegui uma resposta muito clara. Ele parecia confuso sempre que eu tocava no assunto. Na única vez em que me “conectara” a ele, eu tivera a impressão de que a Interzona fazia todo o sentido, a partir de seu ponto de vista. Imaginava que a Zona de Perigo fazia Tom se sentir enjoado como acontecia com a minha mãe nos passeios de realidade virtual dos parques temáticos. Ela dizia que, como o seu corpo não estava fazendo o que o mundo ao seu redor dizia que estava, isso lhe provocava um estranho deslocamento. Acho que devia ser meio bizarro ser uma forma de vida multidimensional em uma sala cheia de efeitos especiais 3-D e coisas que não eram na verdade o que pareciam.

Caminhar pelos corredores com uma menina de um lado e um fovimal do outro era, como falei antes, um pouco estranho. Quer dizer, eu sabia que era um peixe fora d’água a maior parte do tempo – e imagine como é divertido viver com um monte de pessoas o mais parecidas possível com você e *ainda assim* ser um peixe fora d’água –, mas aquilo só servia para reforçar essa sensação. Eu era aquele que tinha provocado a morte de Jay, que tinha sido capturado pela BRUX, que tinha feito amizade com um fovimal. Eu tinha caído uma segunda vez em uma armadilha da BRUX, perdido toda a minha equipe, sido expulso do EntreMundos e, de alguma forma, recuperado minhas lembranças e encontrado minha equipe. E fui a primeira pessoa de cabelo avermelhado com nome que começa com J a trazer alguém novo para a Base. Ninguém ali poderia dizer que fez qualquer uma dessas coisas, muito menos todas... e lá estava eu de novo, destacando-me dos demais, com uma garota (e não “minha garota”, veja bem) e meu amigo fovimal, vagando pelos corredores como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

Sério, não era de admirar que algumas das minhas paraencarnações ainda não gostassem de mim.

– Pensamentos profundos? – perguntou Acacia, e percebi que eu estava negligenciando meus deveres como guia turístico.

Tínhamos passado por vários corredores sem que eu dissesse uma palavra, não que houvesse algo interessante para se dizer sobre eles. Eram apenas corredores. Alguns deles com portas que levavam a outros corredores.

– Não, me desculpe. Só estava pensando... no refeitório. Não vão deixá-la em paz – alertei-a, e não me surpreendi quando ela me assegurou de que ficaria bem.

– Posso lidar com isso – garantiu ela, e então abri a porta.

OK, então eu gostaria de dizer que uma multidão de Andarilhos ruivos e sardentos avançou como paparazzi, fazendo perguntas e querendo nossa atenção. Era sinceramente o que eu estava esperando. Parando para pensar, tenho certeza de que Acacia *teria* sido capaz de lidar com isso sem problema. Mas o que realmente aconteceu foi como algo saído de um daqueles velhos filmes de terror, ou desses de adolescentes em que sempre há uma daquelas temidas cenas embaraçosas na escola.

Abri a porta, e se fez o mais absoluto silêncio.

De repente, todo mundo parou de falar. Um após o outro, todos se calaram no meio de uma frase, e todos os olhos se voltaram para nós.

Então, como uma onda rolando lentamente ao longo da costa, o ruído da conversa foi voltando – baixo e abafado – de uma ponta à outra do refeitório. Lentamente, a maioria deles voltou ao que estava fazendo – comer, conversar, ler ou usar algum tipo de mídia portátil – e o nível do barulho subiu de novo, embora não tenha chegado nem perto do de antes.

Foi provavelmente uma das coisas mais desconcertantes que já tinha vivido, e eu vivi muitas coisas desconcertantes.

Acacia parecia compartilhar da minha opinião. Acho que ninguém ali poderia ver, mas ela se inclinava ligeiramente em minha direção. Tom ficou

praticamente empoleirado em meu ombro como um papagaio, mas costumava fazer isso quando estávamos em meio a muita gente.

– Este é o refeitório – expliquei a Acacia, sem me preocupar em aumentar ou baixar a voz. Eu só estava lhe mostrando a nave; não era nada demais. – A cozinha está aberta. Não é nada espetacular, mas também não é ruim quando você se acostuma.

– Deixe-me adivinhar: proteína condensada enriquecida com vitaminas?
– Acacia caminhou casualmente para a mesa do buffet comigo.

– Sim. Igual à que a mamãe costumava fazer – brinquei, notando que ao falar “mamãe” senti apenas uma pontada leve de saudade de casa em vez da tristeza visceral e lancinante de antes. Não sabia bem o que sentir com relação a isso, ou ao olhar compreensivo de Acacia.

– É – concordou ela, a expressão contrastando com algo um pouco mais suave em sua voz. – Se a mamãe fosse uma cozinheira do exército.

Acacia encheu a bandeja de comida totalmente à vontade, aparentemente sem precisar de nenhuma ajuda para descobrir o que era o quê. Ou então ela simplesmente não ligava. Era difícil decifrar o que a menina pensava, e eu não queria que ela percebesse que estava tentando. Fui tomado por um súbito instinto de cavalheirismo, e levei um copo de água e um shake de proteínas até uma mesa para ela. Acacia não havia pedido e me olhou ligeiramente surpresa, mas acenou com a cabeça para me agradecer quando os coloquei na mesa. Eu ainda não tinha certeza de onde o instinto viera, mas o aceno – sem nada de sarcástico e nenhuma provocação, apenas agradecimento – me deixou contente com o que fiz.

– Na verdade, adoro isso – comentou ela, mastigando um grão de cereal, uma das poucas coisas do cardápio cultivadas na Terra.

Eu detestava, mas não falei nada.

– Então, de onde você é? – Vinha evitando a pergunta, certo de que ela não me daria uma resposta direta, mas estava morrendo de curiosidade.

Como ela sabia tanto sobre o EntreMundos e sobre todos os outros mundos?

– Das redondezas – respondeu ela, com um sorriso misterioso e aquele ligeiro dar de ombros. O sorriso era encantador, como se me desafiasse a perguntar mais.

– Bem, quantos anos você tem?

– Ah, mas isso é *tão* rude. Não ensinam boas maneiras nesta nave, não?

– De várias culturas – respondi, dessa vez conseguindo pensar rápido o suficiente para acompanhá-la. – E, em alguns lugares, perguntas diretas são um sinal de respeito.

Ela tomou um gole de seu shake, olhando para mim de cima a baixo com ar avaliador.

– Não sou de um desses lugares – disse ela, por fim, ainda brincalhona.

– Bom. Isso reduz tudo a alguns milhões de possibilidades diferentes.

Apesar de não conseguir que ela respondesse nenhuma das minhas perguntas de maneira satisfatória, eu estava gostando do jogo. De fato não ligava que não me dissesse nada. Só queria saber mais sobre ela e, mesmo que não estivesse descobrindo nenhum *fato*, eu estava aprendendo como Acacia era. E isso já era algo.

No entanto, eu não era o único interessado, e, depois de manterem uma distância respeitosa por um tempo, as pessoas começaram a se aproximar. O nervosismo social paralisante que senti de repente foi aliviado pelo fato de ninguém usar a palavra “namorada” na frente de Acacia, o que me deixou profundamente grato e bastante confuso. Eles haviam me provocado direto quando ela não estava por perto; não seria mais divertido ainda me provocarem na frente dela?

Talvez não, pensando bem. Apesar de todos termos vindo de lugares muito diferentes, éramos basicamente a mesma pessoa, e sei que eu tinha sido humilhado o suficiente na escola para não fazer o mesmo nem com meu pior inimigo, que dirá com uma das minhas paraencarnações. Na verdade, isso foi muito reconfortante, e agora que eu não estava mais preocupado com minha paranoia social, me divertia vendo Acacia enrolar minhas versões com evasivas da mesma forma que fazia comigo.

– Por quanto tempo você vai ficar aqui? – alguém finalmente perguntou: Jirho, uma versão pequena de mim, que vinha de uma Terra mais escura e mais fria. Ele tinha grandes olhos pálidos e uma fina camada de pelos ao longo de toda a pele, que basicamente fazia se parecer comigo se eu fosse um bicho de pelúcia. Ele também tinha garras e caninos pontiagudos, e não tinha aceitado bem o apelido de “Ursinho”.

– Até eu ser chamada de volta.

– Para onde?

– Para o lugar de onde vim.

Tom (que se encolhera para o tamanho de uma bola de beisebol e se aconchegara no capuz do meu casaco a maior parte do tempo) de repente flutuou ao lado da minha orelha esquerda e desapareceu com um leve ruído. Pisquei, virando automaticamente a cabeça em direção ao barulho, e o som familiar do alarme disparou, tocando duas vezes para nos silenciar. Em seguida, a voz do Ancião soou no sistema de alto-falante.

– Andarilhos, temos um Código Mercúrio.

Todos os barulhos na sala, agora reduzidos a murmúrios, cessaram completamente. Em todo o tempo desde que eu chegara ao EntreMundos, *nunca* tivéramos um Código Mercúrio. Eu sabia o que era, é claro, pois conhecia todos os termos técnicos, alertas e procedimentos.

Tinham encontrado um Andarilho – não descoberto pelos Binários ou pela BRUX – em um dos mundos limítrofes.



CAPÍTULO SEIS

SÓ PARA VOCÊ ENTENDER exatamente como isso era importante, deixe-me explicar algumas coisas. O Multiverso é *tudo*, todas as possibilidades infinitas e mundos que já existiram, ou podem ou vão existir. O Altiverso é uma parte relativamente pequena disso, um vórtice que contém a infinita série de *Terras* que já existiram, ou podem ou vão existir.

Então, temos o Arco. Pense nele como uma lua crescente – você só consegue ver uma parte, mas o resto da lua ainda está lá, na sombra. O Arco é a área brilhante: uma parte do todo, os mundos visíveis que existem no espectro. A parte escura é onde todas as possibilidades e probabilidades existem, essas pequenas realidades alternativas que se formam cada vez que uma decisão importante é tomada.

Em um dos lados do Arco prevalece a magia, no outro, a tecnologia. As Terras existentes em torno de cada um dos lados do Arco são conhecidas como mundos limítrofes. Os Andarilhos dos mundos limítrofes são ainda mais valiosos, porque os mundos de onde vêm são tão fortemente influenciados pela ciência ou pela magia que estes tendem a ser mais poderosos do que nós dos mundos do meio. Os que vêm do lado mágico podem fazer qualquer coisa, de voar a lançar feitiços, e não estou falando de voar como a Jo, com asas e só quando há magia suficiente no ar. Estou falando de simplesmente *voar*, porque é isso que querem. Porque eles têm magia suficiente para controlar isso, mesmo sem a atmosfera a que estão acostumados. Aqueles do espectro da ciência são mais como J/O – pelo que ouvi, ele é o mais próximo de um habitante de mundo limítrofe que tivemos em décadas.

Os mundos limítrofes já quase não produzem Andarilhos; a BRUX e os Binários dominam os extremos opostos do espectro e capturam todos os Andarilhos que conseguem encontrar. Às vezes detectamos a presença de algum aqui e ali, mas nunca conseguimos chegar lá antes que sejam pegos.

A tela gigante nos fundos do refeitório estava acesa, e todos os olhos, voltados para ela. Será que o novo Andarilho seria do lado da magia ou da ciência? Quanto tempo teríamos antes que os Binários ou a BRUX o encontrassem?

– Não sabemos o seu status ainda, mas o Pessoal lá de Cima me leva a crer que tem o potencial para desencadear um verdadeiro desastre se não o pegarmos. Joeb, Jerzy, Jonha, Jorisine e Josy: preparem-se.

Um murmúrio atravessou o refeitório. Quatro desses nomes eram agentes de campo superiores, e ninguém *nunca* tinha ouvido falar que o Ancião tivesse mandado tantos ao mesmo tempo em *qualquer* missão. Se fracassassem, quatro equipes ficariam inoperantes até poderem ser redivididos e realocados em outras equipes.

Aquilo era *grande*.

Estava mandando os pesos pesados. Joeb era de um dos mundos limítrofes, do lado mágico. Pensando bem, isso provavelmente queria dizer que aquela era uma Terra do lado mágico; Joeb parecia mais ou menos humano, mas Jonha tinha a pele parecida com uma casca de árvore e Jorisine era a mais parecida com uma elfa que eu já tinha visto. Josy também parecia mais ou menos humana, mas eu particularmente gostava de pensar nela como a Rapunzel. Seu cabelo dourado ia até os pés e era mais forte do que qualquer coisa que eu já tivesse visto na vida. Ela o usava preso em um monte de finas tranças, com pequenas facas nas pontas.

Quanto ao último, Jerzy, parecia um pássaro, era leve, rápido e um dos corredores mais velozes da Base. Não podia voar como Jo, mas se movia tão

rápido que não precisava. Eu me sentia na verdade meio orgulhoso de ver que ele estava saindo com uma equipe de oficiais; Jerzy tinha sido um dos primeiros amigos que eu fizera ali, e talvez aquilo significasse que poderiam considerá-lo para o cargo de oficial mais tarde.

– Espera-se que todos durmam com um dos olhos abertos esta noite. Embora a chance de alguém nos rastrear seja pequena, essa possibilidade existe, principalmente com o poder que vamos empregar. Joey Harker, reúna sua equipe e apresente-se ao meu gabinete.

A tela ficou escura, e levei alguns segundos para processar o que tinha acabado de ouvir.

– Ele disse o *meu* nome? – falei então, olhando para Josef. Ele e Jakon eram os únicos membros da minha equipe ainda acordados, pelo que eu sabia.

– Disse sim – confirmou Josef, embora parecesse tão confuso quanto eu.

– Não podemos sair de novo; estávamos fora esta manhã mesmo. – Jakon ainda olhava para a tela, o pelo ligeiramente arrepiado com a confusão.

– Bem, não vamos descobrir sentados aqui. – E suspirei, me levantando. – Vamos. Os outros provavelmente já ouviram isso tudo também. Não vamos fazê-los esperar.

– Boa sorte – disse Acacia, e olhei para ela por um instante antes de me lembrar de dizer obrigado. Tinha me esquecido de que ela estava ali. E isso representava um pequeno problema.

– Certo, você... deveria andar acompanhada o tempo todo, não é mesmo?

– Não se preocupe com isso. Vou ficar no refeitório – disse ela, mostrando com a cabeça aqueles sentados em volta. Embora houvesse menos pessoas do que no jantar, ainda havia algumas. – Não terminei de comer.

– Está bem – concordei, parando para pensar. *Tecnicamente*, ela não era minha responsabilidade, então eu não entraria em apuros se a deixasse... e a

ordem para reunir minha equipe tinha vindo do próprio Ancião, ou seja, estava tudo certo. Então balancei a cabeça, dizendo enquanto saía: – Bem, a gente se vê.

Não era minha despedida mais elegante, mas eu estava cansado e distraído. Aquele dia parecia que não ia acabar nunca.

– Ela está vindo – anunciou Jakon depois de um instante, se animando.

Só estávamos aguardando em frente ao gabinete do Ancião há cerca de trinta segundos, mas até mesmo cinco parecem uma eternidade quando você sabe que ele está à sua espera.

Jo dobrou a esquina correndo um segundo depois, com o cabelo parecendo mais cheio do que o normal. Quando ela chegou mais perto, pudemos ver que suas asas estavam molhadas, as penas, mais bagunçadas do que majestosas.

– Desculpe – murmurou ela, desacelerando e tirando o cabelo do rosto. – Eu estava no chuveiro – disse, na defensiva, vendo que olhávamos uns para os outros.

– Humm, cheiro de pena molhada – provocou Jakon, o que lhe valeu um olhar irritado.

– Veja só quem fala – replicou ela, com aquela altivez aristocrática que apenas seres com asas são capazes de exhibir.

– Vamos entrar – anunciei, abrindo a porta.

Jai já estava lá dentro, de pé e em silêncio, com as mãos atrás das costas. E nem sequer levantou os olhos quando entramos. Seu olhar estava fixo no quadro pendurado atrás da mesa do Ancião, aquele do Arco que constituía o Altiverso. O próprio Ancião nos encarou com um de seus olhares característicos quando entramos.

– Fico feliz que tenham decidido se juntar a nós. Não se sentem, vocês estão de partida.

– Mas nós... – começou Jakon, e em seguida se calou quando o Ancião virou em sua direção.

– Estou ciente da programação, Jakon Haarkanen, pois fui eu que a *organizei*. – Deixou que ela absorvesse a reprimenda por um instante, esperando para ver se era idiota o bastante para dizer mais alguma coisa. Não era.

– Vocês vão voltar à Terra FΔ98⁶. Vão voltar por três razões muito específicas, e uma das mais importantes é *porque estou mandando*. Quanto às outras duas, vou lhes dizer para que possam entender a importância de sua missão e tentem não fracassar de novo. – Esperou alguns segundos para processarmos aquilo antes de continuar. – A primeira é: vocês devem completar sua missão inicial. *Precisamos* daqueles dados.

Virou-se então na direção de J/O. Como o gênio da informática da nossa equipe, ele seria o responsável por hackear o mainframe e baixar os arquivos de que precisávamos. *Por que* precisávamos deles, nós não sabíamos – e não perguntamos. O Ancião só nos passava as informações essenciais, o que significava que nós, da ralé, dificilmente estávamos por dentro dos detalhes.

– A segunda é outro Código Mercúrio. O radar detectou outro Andarilho há cerca de uma hora. Os Binários já estão com ele no mesmo mundo de onde vocês vieram... Vocês provavelmente o ativaram com sua entrada e saída rápida. Ele é muito poderoso. *Peguem-no*.

Todos nós assentimos, mas não conseguia deixar de pensar que aquilo não fazia sentido. *Dois* Andarilhos haviam sido detectados ao mesmo tempo? Não tinha certeza se aquilo já havia acontecido alguma vez, mas se o outro ainda não tinha sido descoberto, por que enviar *quatro* oficiais atrás dele e deixar que *nós* enfrentássemos os Binários?

O Ancião virou-se para mim, e eu podia sentir minha pele arder como se estivesse queimada de sol.

– Você tem algo a dizer, Harker?

Nenhum êxito em exprimir ingenuidade, como diria Jai.

– Sim, senhor. Senhor... se os Binários já estão com ele em uma de suas bases, por que está *nos* mandando, e não os quatro oficiais que...

Sua intensidade se avivou um pouco mais, e minha pele passou do tom de uma queimadura de sol ao de assada lentamente no forno.

– Porque, apesar da dupla importância dessa missão, o outro Andarilho é a prioridade. Acredite em mim quando digo que foi uma decisão difícil. Sei que vocês já estiveram fora, mas tomem um *latte* e mãos à obra. Jai tem todas as informações, e a alquimista vai encontrá-los no vestiário. Dispensados.

Sáímos em fila do gabinete, subindo na esteira transportadora. Éramos encorajados a andar, exceto em casos de emergência. A maioria dos corredores tinha faixas de piso móvel que podiam ser ajustadas a várias velocidades. Programei-a para nos levar até o vestiário e aumentei um pouco a velocidade. Chegaríamos lá em questão de segundos, em vez dos dois ou três minutos que levaríamos se fôssemos andando.

Às vezes, esses minutos faziam a diferença.

Jirathe estava esperando com nossos *lattes* – o termo informal para nossas injeções energéticas – e não se deu o trabalho de dizer nada enquanto nos vestíamos. Então deu uma dose para cada um, observando nossas reações atentamente. Não sei o que há nessas doses. Ela me contou uma vez, mas as nomenclaturas químicas não me disseram nada. Tudo o que sei é que fornecem uma energia extra que faz você sentir como se tivesse dormido dez horas em um colchão tão maravilhoso do qual nem mesmo a princesa esnobe de Hans Christian Andersen poderia reclamar, só que sem a exaustão e o torpor que viriam depois.

Subimos na plataforma junto ao vestiário. As enormes portas automáticas se abriram, revelando a Terra pré-histórica lá embaixo, os últimos raios de

luz chegando até nós junto a uma lufada de ar fresco. Jirathe pareceu explodir em mil cores atrás de nós, e então Andamos.

– Vocês têm filmes no seu mundo? No meu temos um chamado *Missão Impossível*, com uma música-tema incrível que...

Jai rangeu os dentes, os nós dos dedos ficando brancos ao entrelaçar as mãos.

– Por favor, cesse a sua tagarelice supérflua – murmurou para mim, sem tirar os olhos de Jakon. – Isso demanda uma concentração desmedida.

– Desculpe – respondi. Não havia muito mais que eu pudesse dizer.

Jakon escalava o exterior do edifício, enquanto Jai a fazia ficar invisível. Ou, como ele explicara: “Depreciava a probabilidade de que ela fosse detectada.” Ele não a estava tornando invisível, mas cercando-a com a crença de que não podia ser vista. Era difícil de acreditar, considerando que *todos nós* podíamos vê-la subindo a parede, mas Jai explicara que conseguíamos vê-la porque já sabíamos que ela estava lá. O que eu não entendia era *como* ela estava escalando o prédio, que era de vidro e metal, e liso como uma régua. Parecia que suas únicas ferramentas eram pensamentos e intenções puros.

J/O confirmou que Jakon tinha conseguido implantar com sucesso o microchip que bagunçaria o sistema de segurança. Ele colocou a mão no painel ao lado da porta, os olhos desfocados por um instante enquanto examinava o sistema de comando.

Depois da nossa última tentativa, decidimos por uma abordagem diferente. Sabíamos que eles tinham a vantagem numérica – bem, sempre tiveram, mas desta vez falávamos de centenas em vez de dezenas –, mas tínhamos algo que ainda não havíamos utilizado. Toda a atenção deles estaria concentrada em manter preso o novo Andarilho, e ninguém esperaria que voltássemos tão cedo depois de nossa fuga angustiante daquela manhã. Os

Binários eram computadores orgânicos; calculavam o que era lógico e provável. Eram o mais próximo que conhecíamos dos Borgs – bem, exceto pelo Universo YYS₂₃₇³, que a maioria de nós chamava de Trekiverso. De qualquer forma, éramos humanos (a maioria de nós) e tínhamos emoções. Também tínhamos determinação. E por último, mas não menos importante, tínhamos o elemento surpresa.

Também tomamos uma dose de *latte*, o que provavelmente era o motivo pelo qual Jakon era capaz de literalmente escalar a parede.

– Vamos – exclamou Jo, dando pulinhos com as pontas dos pés. Estava agindo mais como Jakon do que com sua calma e sarcasmo habituais.

– Ainda não – adverti, porém tão ansioso para acabar logo com aquilo quanto os outros. – Espere até J/O...

– Consegui – anunciou o ciborgue, os olhos entrando em foco de novo, enquanto as portas se fechavam. – Jakon está lá em cima, em um duto de ventilação, mas seu aleatorizador portátil vai mantê-la escondida dos robôs-patrolha. O Andarilho está no mesmo andar que as informações de que precisamos.

– Que afortunada casualidade – comemorou Jai.

Não pude deixar de concordar com ele, e isso me preocupava. Eu não sabia se estava sendo apenas paranoico, mas na última vez que ficara preocupado assim em uma missão, toda a minha equipe fora capturada por uma armadilha elaborada pela BRUX.

– Fiquem de olho – alertei, o que me valeu um olhar meio irritado de J/O.

– Você duvida dos meus sensores?

– Não, só não quero que a gente acabe em um sanduíche da BRUX novamente.

– Estamos lidando com os Binários desta vez, não com a BRUX.

– Mas provavelmente teria o mesmo gosto: ruim.

Jo abriu um sorrisinho, e Josef riu com vontade. Até Jai sorriu um pouco. Estávamos todos meio malucos, mas nossos sentidos funcionavam bem. Enquanto subíamos as escadas, usamos duas vezes o truque “na verdade não estamos aqui” de Jai para evitar uma patrulha de clones, e uma vez J/O projetou a imagem de um corredor vazio para enganar um robô-patrulha. De certa forma, era mais fácil lidar com os Binários do que com a BRUX: computadores faziam mais sentido para mim do que a magia, mesmo que eu não fosse cheio de nanochips como J/O.

Mas também havia suas desvantagens.

– Merda.

– Você tem *trocentos* dicionários na cabeça, e isso é tudo o que consegue dizer?... Qual é o problema?

J/O simplesmente apontou. Para uma parede.

Olhamos por um instante para a parede, depois uns para os outros. Então para J/O.

– Você está com algum fusível queimado ou algo assim? – perguntou finalmente Jo. – O que estamos olhando?

– O que parece? É uma parede – exclamou prontamente J/O, e acho que alguém teria tentado estrangulá-lo, se ele precisasse respirar. Por sorte dele, continuou antes que algum de nós pensasse em um meio melhor de dar vazão à nossa frustração: – Aqui deveria haver uma porta.

– Nem todos nós temos plantas integradas em um arquivo de missão – disparei.

– Isso não é culpa minha – retrucou J/O, com ar presunçoso.

– Projete logo a planta.

Um de seus olhos brilhou vermelho por um instante; então um mapa do edifício apareceu na parede mais próxima. Havia um pequeno ponto cinza

no corredor indicando onde estávamos e, à sua frente, uma porta. Mas a porta só existia no mapa; no lugar mesmo não havia nada.

– Humm – disse Jai. Ele deu um passo à frente, e, antes que pudesse fazer qualquer outra coisa, a parede se abriu, sem alarde, revelando Jakon.

A garota-lobo estava agachada sobre um guarda-clone, o braço ainda esticado até onde tinha apertado o botão para ativar a porta secreta. Vários outros guardas estavam estendidos no chão atrás dela, o sorriso satisfeito em seu rosto mostrando de maneira bem óbvia qual tinha sido o destino deles.

– Por que vocês demoraram tanto? – perguntou Jakon.

– Bom trabalho, garota! Quer um biscoito? – Josef era o único de nós que se atrevia a provocá-la assim, pois já demonstrara uma vez que era grande (e forte) o bastante para levantá-la pelo pescoço.

Ela mostrou os dentes e rosnou para ele, embora sem seu vigor habitual. Tinha achado graça. Eu também, mas não podia deixar de me perguntar qual era o sentido de uma porta que só podia se abrir por dentro. Por que ter uma sala da qual se poderia sair, mas na qual não havia como entrar?

– É este o computador J/O? – perguntei quando entramos na sala. – E você pode projetar o mapa de novo? Quero ter certeza de que não existem outras portas escondidas por aqui.

– Uma cogitação astuta, Joey – disse Jai quando o mapa reapareceu na parede.

– Joe, lembra? – Estudei o mapa. Eu não era o melhor nessa tarefa, mas aquele parecia bem simples. O pontinho cinza de J/O estava no meio da sala; atrás dele ficava a porta por onde tínhamos entrado, e havia três paredes, todas lisas e sem portas. Tudo parecia normal, exceto por várias linhas pontilhadas que atravessavam a imagem. – O que são estas coisas?

– Dutos de ventilação. Como você acha que Jakon entrou?

– Siga este aqui – instruí, passando o dedo por uma das linhas pontilhadas. Então me esqueci do mistério da sala sem porta quando outra dúvida me ocorreu. – Você sabe *exatamente* onde está o novo Andarilho?

O outro olho de J/O estreitou-se, concentrado, então mais um pontinho cinza apareceu no mapa, a algumas salas e corredores de onde estávamos.

– Os dutos vão direto para lá. Podemos mandar Jakon de volta lá em cima.

– Claro – disse a garota-lobo, exibindo um sorriso cheio de dentes.

– Seu plano é razoável, mas J/O precisa dedicar sua atenção aos computadores aqui. Gostaria de sugerir que nos dividíssemos para cumprirmos os dois objetivos.

Jai estava certo. Eu não queria dividir a equipe, mas tínhamos um limite de tempo. O minialeatorizador que Jakon colocara e aquele que carregava eram responsáveis por ainda não termos sido descobertos, mas J/O só conseguira fazer dois, e não eram muito potentes. Quando invadissem o sistema, provavelmente soaria o primeiro alarme, e o resgate do Andarilho dispararia o segundo.

– Temos de fazer isso ao mesmo tempo – decidi. – Jo, você cabe no duto com suas asas?

Jo olhou para Jakon, que estreitou os olhos, pensativa, e então assentiu.

– Posso recolhê-las – admitiu Jo com alguma relutância.

– Bom. Jo, Jakon e eu vamos pelos dutos resgatar o Andarilho. Josef e Jai protegem J/O enquanto ele faz o download dos dados. Jai, vamos nos conectar.

Jai fez que sim, estendendo uma das mãos e levando a outra ao ouvido. Fiz o mesmo, e juntamos nossas palmas. Um estranho “gosto” metálico cruzou minha mente. Era meio como quando você nada por muito tempo e o cloro parece fazer parte de você.

Testando, pensei, dirigindo-me a Jai, que assentiu.

Sua voz projetada é perfeitamente discernível.

– Quem dera me conectar a você para ter acesso a metade do seu vocabulário – comentei em voz alta. Então me virei para Jakon e Jo. – Prontas, meninas? – Quando confirmaram, olhei para Josef. – Você pode nos dar impulso?

O grandão fez que sim, levantando Jakon com uma das mãos. Ela entrou no duto de ventilação, quase sem fazer barulho. Subi logo depois, infelizmente com um pouco mais de barulho – Jakon era mais leve do que eu, e bem mais graciosa. Decidi silenciosamente, então, ter mais cuidado com a minha distribuição de peso; a última coisa de que precisávamos era que o duto se rompesse e nos entregasse. Jakon me olhou com ar convencido quando passei cuidadosamente por ela para assumir a liderança, testando meu peso contra a chapa de metal.

Jo subiu logo depois, as asas recolhidas ao redor dela como uma capa. O duto de ventilação era pequeno demais para eu me virar e olhar para ela, mas tive a sensação de que estava irritada. Lembrei-me de Jo ter dito que acabara de sair do banho, mas me controlei para não rir. Ela com certeza precisaria tomar outro depois daquilo.

– Jakon, você está com sua arma?

– Estou – resmungou ela, como se dissesse “claro, né”.

– Ótimo. Me passa a arma aqui. Quando Jai der o sinal, vou ativar meu escudo e entrar primeiro. O escudo vai levar os primeiros tiros; devo conseguir eliminar alguns deles enquanto isso. Depois de ouvir os quatro ou cinco primeiros disparos, você desce e faz o que sabe. A sala para onde vamos tem uma janela externa, à esquerda. Assim que der, vamos quebrá-la. Jo, quando você ouvir o vidro quebrar, desça e pegue o Andarilho. Então voe com ele para fora...

- Não posso voar aqui – explicou ela. – Posso planar, mas...
- Então faça isso! Encontre o portal mais próximo e volte à Base.

Entenderam?

Jakon assentiu. Jo hesitou por um instante, obviamente não achando uma boa ideia nos deixar ali, mas finalmente sussurrou “entendido”.

Continuamos avançando em silêncio e então encontramos algo que eu não esperava.

O duto de ventilação se bifurcava.

– Para onde? – sussurrou Jakon, e respirei fundo, tentando imaginar o mapa de J/O na parede. Estávamos de frente para lá, e os dutos subiam... Mas eu tinha corrido o dedo para os lados ao longo da parede, o que não era a mesma coisa que “para cima”, e agora parecia que íamos para outro lado. Seria para a esquerda?

Eu não tinha certeza.

– Joey! Para onde? – sibilou Jakon, e fechei os olhos. Eu nunca tinha sido bom nesse tipo de coisa. Por que eu podia andar entre mundos e pensar em planos elaborados que de fato às vezes davam certo, mas não conseguia ler um mapa?

Espere um minuto – era porque também sou um idiota. Eu não precisava de mapas. Sou um Andarilho, assim como a pessoa que íamos salvar.

Respirei fundo, buscando em minha mente até encontrar aquilo que me permitia Andar, e o expandi.

Então senti o novo Andarilho. Era como quando estávamos no *Maléfico* e tínhamos libertado os espíritos de nossos irmãos e irmãs, tirando-os dos potes... Meu cérebro parecia cheio de estática, e havia uma nítida atração magnética conectando-me ao Andarilho preso. Nossos sentidos se tocaram, e eu o conheci. Seu nome era Joaquim.

– Para a direita – sussurrei, e Jakon virou. Eu a segui às cegas, ainda zonzinho pelo entusiasmo e a adrenalina do que tinha acabado de fazer, e por me lembrar daqueles espíritos que libertamos em nossa fuga desesperada da BRUX, a primeira missão que fez de nós uma equipe.

Parei. Estávamos bem acima deles. Eu podia sentir.

– Aqui. – Peguei a arma de Jakon e a minha e me preparei, apoiando-me na lateral do duto, com os joelhos junto ao peito.

Jai? Situação?

J/O está tentando driblar o firewall.

Deixe que o alarme dispare, pensei. Desde que ele consiga as informações que queremos, o alarme nos ajudará a escapar.

Houve uma pausa, então.

Permita-nos deliberar a respeito. Outra pausa. Faremos o que você disse. Ele está desabilitando o firewall...

– Prontas?

As meninas assentiram, e eu respirei fundo, esperando a voz de Jai na minha cabeça.

Agora!

Abri a lateral do duto com um chute, ativando o meu escudo enquanto me deixava cair, armas apontadas para os dois lados, como um herói de filme de ação. Todas as minhas aulas no EntreMundos foram proveitosas, mas algumas mais do que outras.

Havia de oito a dez guardas na sala, todos nabos – três deles na única porta, alguns outros ao redor, e quatro em volta do novo Andarilho. Não me dei o trabalho de mirar nesses; era muito arriscado acertar nele. Um alarme disparou, e consegui eliminar um inimigo enquanto pousava e outro antes de começarem a disparar. Senti o impacto das explosões em meu escudo, contando automaticamente: *um... dois...*

Pelo canto do olho, vi o Andarilho ficar de pé, girando a cadeira em que estivera sentado como uma arma. A cadeira se quebrou em um dos clones, e então tive de mudar abruptamente minha estratégia quando dois dos outros o atacaram. Sinceramente, fiquei um pouco surpreso. Achei que ele estaria apavorado com tudo aquilo. Eu havia ficado quando o mesmo acontecera comigo. Em vez disso, ele estava atraindo alguns de seus disparos, e não tinha escudo.

Atirei no que estava mais perto dele, contando outros dois disparos que me atingiram no peito e no braço. Senti o escudo enfraquecer e, bem na hora, Jakon saltou do duto, emitindo um som entre um uivo e um latido. Ela aterrissou em cima de um dos clones, usando-o para pular de novo como se fosse um trampolim, e afundou seus dentes em outro. Acertei mais um dos nabos perto de Joaquim, então pensei que, se ele estava sendo proativo, podia também ser útil.

– A janela! – gritei, e ele olhou para mim.

Independentemente de quantas vezes isso acontecesse, era sempre um choque ver seu próprio rosto olhando de volta para você. Eu me perguntava se os gêmeos, de alguma forma, se sentiam assim. Joaquim era menos parecido comigo do que alguns: seu cabelo e seus olhos eram mais escuros, embora ainda visivelmente vermelho e castanhos, respectivamente. Vi nos olhos dele o mesmo choque e desconfiança que todos nós sentimos quando isso acontece, apenas por um instante – e então ele fez o que sugeri, girando a cadeira para quebrar a janela.

O vidro caiu para fora, junto com a cadeira, e Jo pulou do duto. Suas asas se abriram (levantando uma nuvem de poeira que teria sido engraçada em qualquer outra situação), e ela meio voou, meio caiu em cima do novo Andarilho. Os olhos de Joaquim se arregalaram quando ela passou os braços em volta dele, levando os dois para fora pela janela. Eles desapareceram de

vista por um momento enquanto caíam, então Jo pegou uma corrente ascendente e voltei a vê-los, o novo Andarilho pendurado em seus braços. Ela bateu as asas uma, duas vezes, ganhando altitude – e alguém disparou atrás de mim, o tiro saindo de controle quando Jakon atacou um dos clones. Passou zunindo por mim, levando o que restava do meu escudo, e atravessou a asa direita de Jo.

Ela caiu, deixando para trás somente algumas penas empoeiradas.



CAPÍTULO SETE

LEMBRO QUE SOFRI UM acidente de carro uma vez. Mamãe estava dirigindo, e a pessoa no carro da frente pisou no freio para evitar uma bola que rolou para o meio da rua. Eu não estava prestando atenção, mas me lembro de ouvir mamãe dizer “Não...!” quando nosso carro derrapou no asfalto, em um tom entre a voz prática da minha mãe e a que a minha irmã usava, suplicante, para dizer *não, ainda não está na hora de ir para a cama*. Lembro-me de como percebi que havia algo muito errado um segundo antes de o nosso carro bater no outro. Não estávamos indo rápido demais, então o acidente não foi feio: mais do que a própria batida, o que nunca consegui esquecer foi a maneira como minha mãe gritou *não*, como se pudesse parar o carro pela força da sua vontade. Mais tarde, ela não se lembrava de ter gritado nada.

Faz parte do instinto humano reagir a uma situação ruim, independentemente do quão eficaz essa reação possa ser. Algumas pessoas se mexem, outras congelam, algumas prendem a respiração ou arfam ou gritam. Nosso professor de luta sempre dizia que todo mundo tem instintos, era apenas uma questão de treiná-los, adequando-os ao que mais beneficiaria você e seus companheiros de equipe em qualquer situação.

Então, quando Jo desapareceu do céu, não perdi tempo com palavras. Sabendo que Jakon cuidaria do clone atrás de mim, levei a mão ao disco-escudo em meu cinto, ativando o carregador. Um escudo totalmente carregado pode aguentar várias explosões de plasma, alguns feitiços e talvez nove quilos de força bruta. Eles levam uns dez segundos para carregar totalmente. Eu tinha quase esse tempo para chegar à janela.

Corri, agarrando-me à moldura com uma das mãos, enquanto via os dois caírem pelo ar. Jo tinha aberto as asas, tentando retardar a queda deles, os braços ainda envolvendo o novo Andarilho.

– Jo – gritei. Passaram-se dois segundos. Três. Quatro...

Ela dobrou uma asa, virando enquanto caía para poder me ver. Tirei o escudo do carregador e o atirei, no estilo *frisbee*, em direção a ela. Eu a vi cerrar os dentes enquanto batia as asas de novo, tentando adiar o inevitável por tempo suficiente para o escudo chegar até ela. Nós dois sabíamos que não estava totalmente carregado; na melhor das hipóteses, ela e o Andarilho sairiam dali com vários ossos quebrados. Se o escudo chegasse até ela antes que atingissem o chão.

Joaquim estava com os braços em volta da cintura dela. Jo conseguiu soltar uma das mãos e estendeu-a em direção ao disco. Estava feliz por meu pai ter me ensinado a lançar; minha mira era boa, mas Jo estava muito longe. Não iria alcançá-la a tempo...

Pude, então, ver um olhar de choque em seu rosto. O corpo dela pareceu ondular, apenas por um instante, assim como o ar ao seu redor – e, em seguida, eles desapareceram, o disco passando pelo ar onde estavam antes e atingindo o chão um segundo depois.

– Ela Andou – disse Jakon ao meu lado. – Ela está bem. Ela Andou.

Fechei os olhos e procurei sentir um portal, o coração ainda acelerado pela adrenalina.

– Você tem certeza? Não sinto um portal em lugar algum...

– Quando você procurou por um?

– Agora mesmo...

– Então ela usou, e você não conseguiu sentir mais, porque já se foi.

Devíamos fazer o mesmo. Vamos!

Ela puxou a minha camisa, levando-me de volta para o centro da sala, mas não antes de eu ver de relance alguns clones saindo pelas portas lá embaixo, tentando encontrar a menina que tinham acabado de ver caindo do céu. Todos no prédio sabiam que estávamos ali, definitivamente era hora de ir embora.

Jakon me deu um impulso até o duto de ventilação, e em seguida saltou para subir. Voltamos pelo mesmo caminho que fizéramos para chegar ali, sem nos preocuparmos em fazer silêncio. Eu esperava que J/O tivesse terminado o download.

Jai, estamos voltando.

Não recebi nenhuma resposta, só percebi uma mistura de preocupação e confusão.

Jai!

Depressa, Joey! Sua voz chegou até mim, tensa. Há um caminho aqui, mas está fraco. Precisamos de vocês três e do cara novo. J/O não pode Andar agora.

Somos apenas dois agora – Jo e o Andarilho voltaram para a Base, eu acho...

Jai xingou em uma língua que eu não conhecia, mas o significado em sua mente ligado ao que disse me teria feito corar em qualquer outra circunstância. *Chegue logo aqui...*

Pulei pela mesma abertura que Jakon usara pela primeira vez para entrar na sala, interrompendo a frase mental de Jai ao aterrissar praticamente em cima dele. Jakon desceu um segundo mais tarde, com um grunhido gutural baixo. Devolvi sua arma e fiquei em choque por alguns instantes.

Jai e Josef estavam de pé no centro da sala, J/O caído sobre o ombro de Josef como um saco de batatas biônicas. Jai estava com os braços abertos como Gandalf na famosa cena do “não passará”, e toda a sala tinha ganhado vida.

Era como estar dentro de um computador, se esse computador também fosse um desses trens-fantasmas, em que as coisas pulam em cima de você inesperadamente. Os objetos normais que você está acostumado a ver em qualquer sala – interruptores de luz, tomadas elétricas, trilhos de luz, ventiladores de teto – estavam todos tentando nos matar.

Apontei e disparei, acertando um fio que saía como um tentáculo de uma tomada e pulsava azul com a eletricidade.

– O que aconteceu com J/O?

– Ele parece ter vivenciado alguma espécie de...

– Na minha língua, Jai!

– Ele entrou em curto-circuito! Concentre-se no caminho... Temos que abrir um portal!

Esquivei-me para evitar uma pá de ventilador que girava em minha direção como um bumerangue psicótico, ao mesmo tempo em que atirava em uma das luzes. Isso explicava por que a porta só abria por dentro – os Binários eram todas entidades eletrônicas, e havia um servidor embutido na parede. Quem precisava de portas quando se pode ligar sua consciência a qualquer estação elétrica no prédio? O computador deixava os clones ou máquinas mais simples entrarem, mas nada passava por aquela porta sem que ele soubesse... a menos que tivesse um minimizador e acesso aos dutos de ventilação, assim como Jakon.

OK, um mistério resolvido. Agora o outro: como sair dali. Firmei meus pés no chão, mais uma vez com aquele leve formigamento na mente que sinto quando procuro um portal. Não havia nenhum ali, mas a energia era forte; mais ou menos como as linhas ley. Em algum universo perto daquele, existia um portal. O caminho estava lá, só tínhamos que andar por ele. Ou, mais especificamente, Andar por ele.

– Josef, concentre-se! – Ele era o único outro que não se dedicava exclusivamente à luta, já que segurava J/O inconsciente. A versão maior de mim firmou a arma, segurando-a à frente e deixando que o treinamento assumisse o controle enquanto concentrava a mente. Senti o seu poder se juntar ao meu, a possibilidade de um portal cada vez mais uma probabilidade.

– Jakon!

Ela apoiou as costas em mim com um grunhido, guardando a arma e usando as garras para bloquear os fios e circuitos que vinham em sua direção. Normalmente, a encarnação loba preferia mesmo usar as garras. Sua consciência se uniu às nossas, o caminho ficando claro diante de nós.

Agora vinha a parte mais difícil.

– Jai!

Minha versão mais espiritual fechou os braços e, em seguida, estendeu-os novamente. Em vez de soltar o escudo que vinha segurando, como eu esperava, ele o expandiu para abrigar todos nós, e juntou sua mente à nossa.

Juntos encontramos *aquilo* que era nossa passagem para casa, a equação

$$\{EM\} := \Omega/\infty$$

que nos dizia aonde ir e como chegar lá.

E nós Andamos.

Bem, alguns de nós. Alguns foram carregados, e alguns – como Jai e eu – não se lembravam de nada além da extravagância caótica da Interzona segundos antes de perdemos a consciência.

Não foi a primeira, segunda ou mesmo terceira vez que eu acordava na enfermaria. Eu sabia onde estava antes de abrir os olhos, antes mesmo de saber que eu estava acordado. O lugar cheirava a remédio e produtos de limpeza, e eu podia sentir a presença de outros ao meu redor. Tinha quase

certeza de que sabia quem eram, e, quando abri os olhos, confirmei minhas suspeitas: meus companheiros de equipe.

Jai estava no leito à minha frente, ainda adormecido ou inconsciente. J/O estava do meu lado esquerdo, ligado a um tubo intravenoso e um computador, também ainda inconsciente. À minha direita (e para meu grande alívio) estava Jo.

– Ei – falei baixinho, e minha voz soou aliviada até mesmo para mim. Ela levantou os olhos e esboçou um sorriso, tudo o que eu normalmente podia esperar dela. Eu gostava da Jo; e isso desde aquele dia no penhasco, em que chegamos a um tipo de entendimento sobre a morte de Jay. Eu sabia que, na melhor das hipóteses, ela era indiferente a mim, mas estava feliz por tê-la em minha equipe. – Sinto muito sobre sua asa. Como está?

Ela olhou para o membro ferido, fazendo uma careta. Estava sentada em cima da cama, não sob as cobertas, e recostada contra os travesseiros, e pude ver ataduras enroladas em torno de seu rádio e sua ulna. Havia perdido várias de suas penas secundárias, e outras estavam chamuscadas.

– Vou ficar alguns dias sem voar... E provavelmente não conseguirei voar em linha reta por algumas semanas, até que voltem a crescer.

– Sinto muito – repeti, sem saber bem o que dizer. Ela me olhou de novo.

– Obrigada por tentar lançar o escudo para mim. Poderia ter dado certo.

– Claro. Sem problemas. Mas você não precisou dele. Foi muito inteligente da sua parte Andar daquela maneira. Bom trabalho.

Ela balançou a cabeça.

– Não fui eu. Foi o garoto novo.

Fiquei olhando para ela por alguns instantes, enquanto meu cérebro processava aquilo. O garoto novo tinha Andado? Com Jo? Quando nenhum de nós tinha sentido o portal?

– Como?

– Instinto, eu acho... Como todos nós Andamos pela primeira vez?

Inclinei a cabeça ligeiramente, concordando. Não sabia dizer direito como tinha acontecido – simplesmente *acontecera*, o que, na minha opinião, era o que ela queria dizer. Pensar na primeira vez em que Andei me fez lembrar de outra coisa, e posso ter sorrido um pouco.

– Como ele se saiu na Interzona?

– Não sei... Eu desmaiei. – Ela parecia um pouco desconfortável em admitir isso, então decidi não pressioná-la, mas na verdade aquilo só me deixou ainda mais curioso. O garoto novo tinha encontrado o caminho através da Interzona sozinho, levando um Andarilho ferido?

Certo, preciso admitir. Estava impressionado.

– Como estão J/O e Jai?

– Jai só gastou energia demais com o escudo e tentando Andar. Acho que como vocês dois ainda estavam ligados...

– ... eu desmaiei também – concluí, e ela balançou a cabeça, confirmando.

Fiz uma careta. Tinha sido estúpido da nossa parte manter a ligação quando estávamos juntos e prestes a tentar algo difícil, mas, para ser justo, não tínhamos tido tempo de desfazê-la. Ainda assim, eu precisaria incluir isso no meu relatório, e estava certo de que o Ancião me lançaria um daqueles seus *olhares* quando lesse.

Jo percebeu a minha expressão e acenou com a cabeça de novo – *you deserve this* –, mas continuou falando.

– J/O está... Eles acham que foi só invadido por algum tipo de vírus de segurança, que provocou um desligamento brusco. Estão monitorando ele agora, mas os médicos não parecem muito preocupados.

Fiz que sim com a cabeça. Então, de modo geral, a gente havia se saído bem. Algumas lesões, alguns hematomas, mas tínhamos resgatado o novo Andarilho. E...

– Ele conseguiu obter os dados?

Jo acenou com a cabeça novamente.

– Sim. O Capitão Harker está examinando tudo.

Jo era a única da minha equipe que às vezes o chamava desse jeito em vez de Ancião. Mas ouvir isso sempre me incomodava. Meu pai costumava me chamar assim quando eu era pequeno. Eu tinha passado por uma fase *Star Trek* e fingia que era o capitão da minha própria nave espacial – a nave era o sofá do andar de baixo, minha cama, o carro ou qualquer outra coisa em que eu pensasse. Sempre ouvia a voz do meu pai quando alguém dizia “Capitão Harker”, e aquilo me soava estranho. Ainda assim, não era culpa da Jo. Ela não tinha como saber, embora eu me perguntasse se seu pai era parecido com o meu. Mundos paralelos são curiosos assim.

– Já apresentou seu relatório? – perguntei, recostando-me no travesseiro. A cama não era exatamente confortável, mas com certeza era melhor do que ficar enfiado em um duto de ventilação.

– Sim. Não havia muito o que fazer.

– Quanto tempo fiquei apagado?

– Só uma meia hora, mas o colocaram para dormir outra vez para monitorar seus sinais vitais e diminuir o seu vínculo com Jai. Faz umas duas horas que chegamos.

– Ah. – Virei a cabeça lentamente em direção a Jai, de modo a não agravar a dor de cabeça que ameaçava aparecer. Agora que ela havia mencionado isso, eu me lembrava vagamente de acordar pela primeira vez e ser trazido pelos corredores para a enfermaria. Tinha sido desconexo e

confuso, já que na hora eu ainda me encontrava ligado a Jai, um pouco como estar em dois lugares ao mesmo tempo. – Como ele está?

– Os médicos dizem que ele se sobrecarregou um pouco, mas deve melhorar quando descansar.

Balancei a cabeça, respirando fundo antes de girar as pernas para fora da cama e me levantar cuidadosamente. Me senti bem, mesmo que ainda sem firmeza, mas sabia que devia preparar aquele relatório o mais brevemente possível. Quanto mais cedo eu entregasse, mais cedo poderia descansar.

– Vá lá, antes que ele apareça aqui pedindo a você que faça o relatório pessoalmente – recomendou Jo, como se lesse minha mente.

– Boa ideia. – A última coisa de que eu precisava era ter de me lembrar de todos os detalhes da nossa missão diante de seu olhar inabalável de reprovação.

Comecei a andar até a porta, então parei. A voz dela parecia mais baixa do que de costume, meio sem força, e ela parecia pálida e exausta.

– Você precisa de alguma coisa? – perguntei. Ela pareceu surpresa, então balançou a cabeça.

– Só... dormir mais um pouco. Estou bem.

Saí e fui até o meu quarto, espantado em ver como ela sempre parecia surpresa quando eu era legal com ela. Está certo que nunca nos déramos muito bem, mas o contrário também não era verdade. Pelo menos, não desde que eu lhe dissesse para deixar de ser uma idiota comigo. Talvez tivesse algo a ver com isso.

Os corredores estavam vazios quando segui para o meu quarto. Que horas eram, afinal? Olhei para o meu relógio: três da manhã. Não era de estranhar que estivesse tudo silencioso.

Já no meu quarto, notei algo estranho, embora tenha levado alguns instantes para perceber o que era. Não havia nada exatamente *errado*, só

que...

O quarto estava vazio. Nada de Tom nem Acacia.

Nem mesmo tinha percebido que esperava encontrá-la até não vê-la ali. A verdade é que havia praticamente me esquecido dela desde que precisara me concentrar na missão... mas agora, sozinho no meu quarto escuro e silencioso, fiquei surpreso em ver como estava desapontado. Onde ela estava? Será que lhe deram um quarto? Será que ela havia deixado a Cidade Base?

Esse último pensamento quase me fez sair de novo do quarto, mas me detive antes mesmo de começar a virar.

– Não seja ridículo, Joey – murmurei em voz alta, e bati com a mão na testa, frustrado, ao perceber que havia *me* chamado de “Joey”.

Não era de admirar que parecesse quase impossível conseguir fazer as outras pessoas pensarem em mim como “Joe”. Nem eu mesmo conseguia me lembrar disso.

– Faça o relatório e vá para a cama – disse a mim mesmo, como se esperasse que alguém me respondesse.

Mas meu quarto continuou em silêncio, então fui até a escrivaninha e me sentei diante do computador, que estava mais para uma máquina de escrever sofisticada. Pode esquecer os jogos de computador e a internet – aquela coisa era tão rápida quanto um iPod nano, mas não fazia nada além de digitar e imprimir.

– Missão 2 à Terra F delta noventa e oito à sexta – murmurei enquanto digitava. – Joe Harker. – Olhei para o meu nome por um instante, então acrescentei um γ . Depois deletei. Então apaguei tudo e escrevi *Joseph*.

Neutro e agradável. Afinal, o Ancião se apresentara a mim como Joe Harker, e não havia sentido em criar confusão.

Olhei para a tela em branco por um tempo, depois comecei a escrever.

A única sensação mais irritante do que ficar em segundo plano em relação ao garoto novo no campus é você resgatar o garoto, mas não levar nenhum crédito por isso. Não apenas Joaquim era o novo herói da Cidade Base, como sem dúvida a versão mais legal de mim que havia conhecido, e ele sabia disso. Estava levando a coisa toda com uma calma imperturbável e, no mínimo, desconcertante, o que me fazia querer atirá-lo na Zona de Perigo com uma alta porcentagem de variáveis e nenhuma arma toda vez que ele contava de novo como tinha salvado Jo.

É claro que ele só contava de novo a história porque seus colegas Andarilhos lhe *pediam*. Ele nunca pensaria em ficar se vangloriando. Deixava que os outros fizessem isso por ele.

Também não era como se algum dia eu já tivesse sido o maioral no campus. Eu tinha sido evitado durante boa parte dos meus primeiros meses ali e, mesmo depois de ter resgatado sozinho minha equipe das garras da BRUX e ajudado a destruir um navio que teria feito Darth Vader chorar chamando pela mãe, não conseguira nada além da satisfação de ver as pessoas se sentarem de vez em quando ao meu lado no refeitório ou acenarem quando eu passava por elas no corredor. Com certeza ninguém me pedira para contar de novo a minha história sem parar.

O que tornava tudo pior era que, enquanto lhe davam os parabéns por ter salvado Jo e conseguido voltar sem ajuda, eu estava sendo crucificado por perder o disco-escudo.

Eu tinha terminado o relatório de manhã cedo e deixado o meu quarto para levá-lo ao escritório do Ancião, depois de verificar se não havia nenhuma marca de tecla em meu rosto. Adormecer em cima do teclado (ficar com “cara de waffle”, como chamávamos) era considerado um incidente de novato, e a última coisa que eu queria era aguentar esse tipo de

provação naquela manhã. Já tinha aturado provação suficiente no dia anterior.

Não havia nem chegado ao refeitório quando Jernan, o intendente, me encontrou. Então precisei aturar uma bronca de dez minutos sobre a importância do equipamento, de mantê-lo sempre limpo, em boas condições e, acima de tudo, *ali*. Tentar explicar que eu fizera aquilo para salvar Jo – e o novo Andarilho – foi em vão.

Depois de me tornar o novo modelo do que *não* fazer em uma missão, me sentei para tomar café da manhã. Não havia nenhuma maneira errada de tomar o café da manhã, mas o Altiverso ajudava quem tentava me dizer o contrário.

– Eca, aveia. Quem come *isso*?

Eu não deveria ter ficado surpreso. Não importa aonde eu fosse, Acacia “não me chame de Casey” Jones estava lá para maltratar um pouco mais meus nervos já castigados.

Eu me virei com uma resposta pronta, mas tive de morder a língua quando vi que ela se sentou ao meu lado com sua própria tigela de aveia. Ela piscou, e não pude deixar de esboçar um sorriso de volta, voltando a me concentrar no meu café da manhã. De repente estava muito menos feliz ao vê-la naquela manhã do que estaria se a tivesse visto na noite anterior.

– Ei, o que há de errado?

– Nada. É que o dia está difícil.

– Não são nem nove horas.

– Bem, meu dia não terminou até às quatro horas da manhã, e me levantei às seis. Por isso, para mim, é como se ainda fosse ontem.

– Você fica mal-humorado quando não dorme direito – provocou ela, e não pude deixar de me sentir um pouco atacado.

– O que você quer que eu diga? – Acho que minha voz acabou saindo mais ríspida do que eu queria, porque sua resposta foi como um tapa na cara.

– Não ligo para o que vai dizer, mas para de agir como se eu fosse a vilã da história.

Respirei fundo e tomei um gole de água vitaminada.

– Sinto muito.

– O que deixou você desse jeito?

– Tive um dia longo ontem, foi só isso. E Jernan, o intendente, está furioso comigo por eu ter perdido um disco-escudo. – Ao notar seu olhar indagador, suspirei e expliquei. – Tentei jogá-lo para Jo quando ela caiu...

– Uma boa jogada, por sinal.

Na maioria das vezes, era impossível saber quem estava falando a menos que se visse quem era. Quer dizer, todos nós tínhamos praticamente a mesma voz, com pequenas diferenças. Mas aquela soava *exatamente* como a minha, assim não fiquei surpreso quando Joaquim se sentou à nossa frente. Sabia que era ele, em razão da minha sorte ultimamente.

– Eu não fazia ideia do que aquilo era quando você o atirou pra gente – continuou ele, espetando seu garfo em algo feito para se parecer com ovos. – Mas fiz a ligação quando as pessoas começaram a falar que você perdeu o disco-escudo.

Meu desânimo provavelmente ficou estampado na minha cara, porque ele fez uma careta e pareceu solidário.

– Me desculpe. Mas é que estão falando sobre isso.

– Claro que estão. As pessoas só sabem falar sobre o que eu fiz de errado, isso quando falam de mim. – Acacia levantou uma sobrancelha para mim, mas a ignorei.

– Ah, deixa disso – falou Joaquim. – Sou o garoto novo agora, tenho certeza de que vou fazer um monte de besteira.

Bufei, irritado.

– Você já se tornou um herói, salvando Jo daquela maneira. – Me irritava admitir na frente dele, mas precisava fazer isso. Era verdade, e era algo que todos nós precisávamos ouvir. – Foi impressionante.

– Obrigado. Estava apavorado – admitiu ele, e meu ciúme diminuiu um pouco. – Eu não tinha a menor ideia do que estava acontecendo, e foi tudo tão irreal... então cheguei àquele lugar maluco, como... Era como...

– Uma pintura de M. C. Escher cheio de ácido? – sugeri.

– Exatamente. – Ele riu. – Minha nossa, estou feliz que tenha dito isso. Todo mundo tem falado sobre coisas que eu não entendo.

– Fico feliz que você tenha entendido – admiti. – Somos todos de mundos diferentes, alguns mais do que outros. É difícil encontrar uma referência comum de cultura pop às vezes.

– Sim, perguntei a uma garota se formávamos uma equipe de X-Men, e ela me olhou com um profundo desgosto. Acho que não entendeu.

Eu ri.

– De onde você é, então?

– Terra, hã... – Ele levantou o braço e puxou a manga da camisa. Vi de relance algo rabiscado às pressas em sua pele. – FΔ98⁶, foi o que o capitão me disse.

– Pode chamá-lo de Ancião. Todo mundo o chama assim. E isso não vai ajudá-lo com os testes por aqui – adverti, indicando as anotações em seu braço.

– Nunca ajudaram – respondeu ele, parecendo um pouco envergonhado. –Tenho a impressão de que vou ficar para trás.

– Não é para tanto. – Droga, ele me parecia cada vez mais legal, apesar da minha decisão inicial de pensar o contrário. –Temos que memorizar muita

coisa, mas somos bons nisso. Quer dizer, eu sou, o que significa que você é, certo?

– Acho que sim. Cara, eu não... Quero dizer, você sou eu. Você se parece comigo. *Todos* aqui são eu.

– Eu não – falou Acacia, e tenho de admitir que quase tinha esquecido que ela estava lá.

– Eu ia perguntar sobre isso. Você é... – Joaquim fez uma pausa, e Acacia só olhou para ele, esperando e achando um pouco de graça. – Quem é você?

– Acacia Jones – disse ela.

– Não a chame de ‘Casey’ – aconselhei, e ele sorriu. Ela me deu uma cotovelada, um pouco mais forte do que o necessário.

– Acacia Jones, o mistério do EntreMundos – disse uma nova voz, e, quando ergui os olhos, vi que era Jerzy. Minha versão pássaro segurava um único prato, em vez de uma bandeja, com uma pequena quantidade de comida.

– Sou apenas um mistério em geral – disse ela, piscando. As penas dele se encrespavam um pouco, como teria acontecido com as minhas se eu tivesse alguma. Mas provavelmente por outra razão.

– Ou é o que você gosta que a gente pense. – Ele sorriu para ela; Jerzy não era do tipo que aceitava provocação de ninguém, nem de garotas bonitas. – Você investe muito em sua imagem, não é?

– Não preciso – respondeu ela alegremente. – Vocês estão fazendo isso por mim.

Joaquim riu, bufando. Passei a gostar ainda mais dele. Jerzy se juntou a nós na mesa.

– Como foi o resgate? – perguntei a ele.

A equipe de oficiais tinha chegado com o outro Andarilho no meio da manhã, e todos estavam morrendo de curiosidade de saber como era ele ou

ela. Mas ninguém teve sorte – o novo Andarilho tinha sido levado para um check-up na enfermaria e depois direto para o escritório do Ancião.

Ninguém mais tinha tido notícias dele ou dela desde então.

– Foi incrível! – exclamou Jerzy, olhando rapidamente para Acacia. As penas vermelhas e brilhantes de seu cabelo estavam arrepiadas, como um pavão tentando atrair uma parceira. – Muito louco, na verdade.

– É mesmo? – provoquei.

– Sim. Josy perdeu uma trança.

– Aaah. – E estremeci. Josy era muito vaidosa com seu cabelo. – E imagino que quem fez isso tenha sofrido uma morte terrível.

– Com certeza. – Jerzy riu. – Era um tipo de planta. Estávamos numa área de selva exuberante com um monte de vinhas carnívoras. Resgatamos os Andarilhos numa boa; era tudo uma questão de se esconder. A BRUX tem verdadeira fixação neles.

Algo estava me incomodando. Depois de um momento, percebi o que era.

– Andarilhos?

As penas de Jerzy se arrepiaram de emoção.

– Sim. Ainda não é oficial, então, se eu ouvir isso espalhado por aí, já sei de onde veio. – Ele parou para olhar para Acacia (que fingiu fechar a boca com um zíper) e Joaquim, que assentiu. – Mas o novo Andarilho são Andarilhos. Dois deles. Gêmeos fraternos.

Meu queixo caiu.

– Isso já aconteceu antes?

– Acho que não! E então o Ancião mandar vocês atrás de um terceiro Andarilho... – Acenou a cabeça em direção a Joaquim. – Três de uma vez é algo totalmente inédito. Não é impossível, claro. Mas resgatar dois habitantes

dos mundos limítrofes e mais um terceiro ao mesmo tempo... Joeb disse que foi um bom dia.

Jerzy ergueu o copo para Joaquim em um brinde.

– Uau! – exclamei, ainda sem palavras. – E, ei, olha só você, saindo com uma equipe de oficiais! – Então bati meu copo no dele, depois que Joaquim fez o mesmo. – Você vai ser promovido?

Jerzy ficou um pouco vermelho.

– Não por enquanto, se é que vai mesmo acontecer. Mas foi *incrível* vê-los em ação – admitiu. – Joeb é um grande líder. Os novatos confiaram nele imediatamente. Eu também teria confiado.

– Foi como quando eu vi o Joey – concordou Joaquim. Fiquei tão feliz com o elogio que nem liguei de lhe pedir que me chamasse de Joe. – Quero dizer, depois que percebi que não estava olhando em um espelho.

Ele sorriu para mim. Retribuí o sorriso, me lembrando de que havia pensado mais cedo se os gêmeos alguma vez tinham esse problema. Bem, agora eu teria a quem perguntar!

– Gêmeos de um mundo limítrofe, não é? – repeti, ainda surpreso com as chances de tal acontecimento. – Como são eles?

– Neste momento, muito confusos! Mas estão lidando bem com as novidades, apesar de tudo. Eles têm um ao outro, o que os mantém presos à realidade. Seus nomes são Jari e Jarl, uma garota e um garoto. O Ancião vai fazer um pronunciamento sobre eles.

Então, aproveitando a deixa, o alto-falante bipou acima de nós.

– Belo truque – comentei com Jerzy, como se ele tivesse planejado.

Ele se envaideceu todo, e Acacia riu. Mas, assim que o Ancião começou a falar, deixamos as brincadeiras de lado. Sua voz era grave, o tipo de tom que não era alto, mas fazia todo mundo parar para ouvir.

– Andarilhos, permaneçam sentados. Um dos nossos sistemas de segurança captou uma anomalia no gráfico, e não podemos correr o risco de sermos descobertos. Vamos pisar fundo. Sei que a maioria de vocês está no meio do café da manhã, então segurem seus pratos. Pisando fundo em cinco segundos.

O alto-falante estalou, depois desligou. Um murmúrio correu a multidão, algumas das vozes pareciam animadas, outras reclamavam, e alguns poucos que não ainda não tinham passado por aquilo estavam confusos – incluindo Acacia.

– O que ele quer dizer com ‘vamos pisar fundo’?

– Você vai ver – respondi, feliz por finalmente saber algo que ela desconhecia. – Você não enjoa andando de avião, enjoa?

Ela me encarou com um olhar fulminante, mas segurou firme a bandeja e a bebida, como Jerzy e eu estávamos fazendo. Joaquim fez o mesmo, parecendo confuso.

Um segundo depois, a realidade explodiu.

Essa era a melhor maneira de descrever, de fato. “Pisar fundo” basicamente significava colocar os motores e o transportador interdimensional em sobrecarga ao mesmo tempo. Naquele instante, viajávamos através de mundos, realidades e possibilidades a alguns anos-luz por hora, enquanto continuávamos parados. Seria mais ou menos como pegar todos os *remakes* que você pudesse encontrar do mesmo filme, sobrepô-los no mesmo projetor e reproduzir todos de maneira acelerada. A nave ao nosso redor piscou – o dia e a noite se sucediam trinta vezes em um único segundo; um bando de pássaros apareceu no meio da sala e foi embora quase rápido demais para se ver; árvores apareciam e desapareciam. Estávamos todos debaixo d’água e nenhum de nós estava molhado. Era como

estar na montanha-russa 3-D mais louca e rápida já inventada. Olhei para Acacia para ver se ela estava gostando do passeio.

Não estava. Seus olhos estavam arregalados, e levava as mãos à cabeça, como se estivesse tentando conter a pior dor de cabeça do mundo. Suas curiosas unhas com placas de circuito pulsavam com pequenas cargas, e ela não piscava no mesmo ritmo que o restante de nós. Podia vê-la através da paisagem, então pude ver a nave através dela, o que não estava certo.

Ela estava fora de sincronia.

– Ei – gritei, tentando me fazer ouvir sobre o barulho surdo do vento, dos motores e do sinal sonoro do alarme.

Ela se virou na minha direção, o cabelo escuro açoitando o rosto. Começou a estender o braço, depois recolheu-o, ao mesmo tempo que eu. Nós dois sabíamos que era uma ideia ruim. Se ela estava fora de sincronia, não estávamos na mesma fase – e se trocássemos de fase no mesmo espaço e ao mesmo tempo, as coisas poderiam ficar feias.

– O que há de errado? – gritei.

Sua boca se moveu, mas eu não podia ouvi-la. Ela franziu a testa e respirou fundo, estreitando os olhos. A nave balançou, perdi o controle da minha bandeja, e as luzes se apagaram por um momento quando os motores se desligaram.

As luzes voltaram um segundo depois, trazendo com elas a reação habitual de uma sala cheia de Andarilhos. Alívio ou decepção por tudo já ter acabado, algumas risadas ao verem aqueles que perderam seu café da manhã (em sentido figurado ou literal; alguns de nós tinham o estômago mais forte que os outros). Tudo voltara ao normal.

E Acacia não estava ali.



CAPÍTULO OITO

– **ME DESCULPE – DISSE** eu enquanto Joaquim limpava a aveia da camisa.

Eu tinha soltado a bandeja durante a distorção, o que era outro erro de novato. A bandeja deslizara pela mesa e acabara indo parar em cima de Joaquim. Agora parecia que alguém tinha usado meu café da manhã para fazer uma pintura abstrata nele.

– Sem problema – respondeu ele tranquilamente. – Estou feliz por não ter vomitado. Isso foi uma loucura.

– Sempre é – concordei, olhando ao redor. – Você viu aonde Acacia foi? – Era meio absurdo, mas eu esperava de todo o coração que, de alguma forma, ela tivesse corrido para o banheiro quando as luzes se apagaram, ou algo assim.

Jerzy e Joaquim balançaram a cabeça, e Jerzy me lançou um olhar surpreendentemente sério para alguém como ele.

– Não, mas você devia relatar isso. Ela não pode ter ido longe no tempo que levou para as luzes voltarem.

Ele estava certo, e eu sabia disso. Ainda assim, por mais preocupado que eu estivesse com Acacia, não queria dizer ao Ancião que tinha perdido a desconhecida que deveria estar acompanhando. Provavelmente não era para *tanto*, mas...

– Você precisa de alguma ajuda? – perguntei a Joaquim, que ainda limpava o café da manhã na camisa.

Ele olhou para Jerzy, que me encarou como se dissesse saber que eu estava tentando adiar e não ia me deixar fazer isso. Dei língua para ele.

– Você não é um oficial ainda – provoqueei.

Não demorei muito a chegar ao escritório do Ancião. Aquilo me parecia urgente o bastante para usar as esteiras. Mais cedo do que gostaria, eu estava de pé em frente à mesa dele, vendo-o mexer em alguns papéis como se houvesse questões muito mais importantes com que se preocupar.

– Senhor? – Eu não tinha certeza se ele me ouvira da primeira vez. Ele me encarou, seu olho biônico fixo em mim como um cervo diante de faróis. Reuni forças e então falei de novo: – Acacia Jones desapareceu depois que pisamos fundo. Ela parecia estar precisando de ajuda, senhor.

– Ouvi você e assenti. O aceno significava ‘Eu ouvi’. – Mais alguma coisa?

Respirei fundo.

– Eu... não deveríamos nos... preocupar? Senhor?

Ele colocou a pilha de papéis em sua mesa com tanta força que o ar agitou meu cabelo.

– Não, Harker, não deveríamos. Você se lembra de quando o seu companheiro fovimal desapareceu depois de entrar na Zona de Perigo? – Fiz que sim. – Algumas coisas não são compatíveis com outras. E é só. – Ele esperou alguns segundos para ver se eu era idiota o bastante para dizer outra coisa. Quase fui, mas ele continuou antes que meu cérebro chegasse a isso. – Sugiro que você tire algum tempo para descansar. Haverá um exercício de treinamento mais tarde.

Mais uma vez quase fui idiota o suficiente para insistir, mas o interfone do Ancião tocou, e a voz de sua assistente encheu a sala.

– Jayarre está aqui para vê-lo, capitão.

– Mande-o entrar – respondeu o Ancião, sem tirar os olhos de mim.

Engoli o que eu queria dizer, saindo do escritório. Passei por Jayarre – que me cumprimentou com sua cartola enquanto entrava – e Josetta, que ainda ouvia o Ancião pelo interfone. – ... Joryn, Jirathe, Jyelda, Jeric e J’emi

– dizia ele, enquanto Josetta anotava. Todos oficiais. – E me traga Jaroux – ouvi quando cheguei ao corredor, o que me fez parar. Ele estava reunindo vários oficiais... mas por que também chamava o bibliotecário?

Havia todo um setor da nave dedicado a informações não digitais – livros de todas as formas e tamanhos, dicionários, enciclopédias, revistas, jornais, páginas impressas e encadernadas de sites no estilo da Wikipédia de vários mundos etc. Era no setor da biblioteca que pegávamos nossos livros de estudo para as diversas aulas, embora Jaroux fosse o bibliotecário mais rígido que já conhecesse. Ele tinha um senso de humor peculiar e podia conversar por horas sobre qualquer assunto, mas nenhuma desculpa de qualquer um dos dez mundos poderia ajudá-lo se você devolvesse um livro atrasado – ou pior, danificado.

Um plano começava a se formar na minha cabeça. Eu tinha as próximas horas de folga, e havia sido encorajado a descansar um pouco. O setor da biblioteca era um ótimo lugar para isso – e eu sabia bem que, além de um extenso sistema de referência cruzada, a biblioteca dispunha de um conjunto completo de relatórios de censo de quase todos os mundos a que tivemos acesso nos últimos cem anos, alguns deles organizados por pessoa.

Era um começo.

Logo após Jaroux ter passado assobiando pelo corredor em direção ao escritório do Ancião, entrei furtivamente. Na verdade, não havia motivos para me esconder; tínhamos acesso à biblioteca a qualquer hora, mesmo que Jaroux estivesse fora. “O conhecimento é livre e deve estar sempre disponível, mesmo que eu não esteja”, dissera ele mais de uma vez. E também fazia questão de nos lembrar que conhecia pessoalmente cada item lá dentro e notaria se algo desaparecesse. A maioria de nós suspeitava de que era apenas porque todos os livros provavelmente tinham um rastreador.

Eu não planejava levar um livro, mas não precisava ter de me preocupar em explicar por que de repente estava interessado em cem anos de censos.

Para dizer a verdade, nem eu sabia bem por quê. Só sabia que não estavam me contando toda a história sobre a misteriosa Srta. Jones, nem de longe. Afinal, tentar conseguir uma resposta direta dela era como tentar arrancar os dentes de um tubarão – o que no fundo não me incomodava; na verdade, eu meio que respeitei. Apesar de seu senso de moda estilo “baú da vovó”, parecia óbvio para mim que ela estava em algum tipo de organização militar ou paramilitar. A maneira rápida e eficaz como tinha nos tirado de nossa confusão inicial na FΔ98⁶ era prova suficiente disso; e também era preciso levar em conta o respeito relutante mas inequívoco com que o Ancião a tratava. Acrescente a isso a misteriosa falta de preocupação que ele demonstrara quando lhe contei que ela havia desaparecido quando pisamos fundo, e ficava claro que ali havia mais coisas do que os sentidos pudessem perceber.

E mesmo se deixássemos de lado todas essas coisas, eu tinha visto muito claramente a expressão dela antes de desaparecer. Ela estava mais do que desorientada, estava com medo.

– Pesquisar pessoas, nome: Acacia Jones – eu disse ao catálogo, que imediatamente se iluminou e emitiu um zumbido fraco.

– Pesquisa concluída. Quatro trilhões, sete bilhões, trinta e seis milhões, nove mil setecentos e cinquenta e oito resultados.

Olhei para o catálogo, atônito. Aquilo era normal? Eu nunca tinha feito uma pesquisa de nome antes.

– Pesquisar pessoas, nome: Joseph Harker – falei, só para ter certeza.

– Pesquisa concluída. Três mil oitocentos e vinte e três resultados.

Aquele número era bem mais razoável, considerando que “Joseph Harker” era um nome bastante comum. Eu *sabia* que havia várias versões

diferentes de mim com o mesmo nome espalhados pelo Altiverso e estava procurando nos censos dos últimos cem anos.

Olhei para a máquina por mais alguns segundos.

– Pesquisar pessoas, nome: Acacia Jones. Parâmetros: idade de catorze a dezesseis, cabelo preto, olhos violeta.

A máquina voltou a fazer aquele zumbido, e então:

– Pesquisa concluída. Quatro trilhões, sete bilhões, trinta e seis milhões, seis mil setecentos e três resultados.

Não era possível. Limitar mais a pesquisa só tinha eliminado três mil e cinquenta e cinco pessoas? *Todas as outras* Acacia Jones do Altiverso tinham entre catorze e dezesseis anos, cabelo preto e *olhos violeta*? Mais de quatro trilhões delas?

Não tinha nem ideia do que fazer depois. Por fim, confuso, perguntei que seção continha os primeiros mil registros.

Nem todos eram de Acacia, pois pelo menos metade das folhas de estatísticas continham tanto uma data de nascimento quanto uma de morte. Não estava certo se aquilo me confortava ou não, embora tivesse tornado as coisas um pouco mais rápidas quando limitei a pesquisa para incluir apenas organismos vivos. Finalmente, após quase duas horas virando páginas, uma das folhas incluía algo novo: uma categoria de afiliação, em que se viam as letras *PT*.

Todas as outras estatísticas na folha pareciam coincidir. Só para ter certeza, procurei um pouco mais. Em todas que coincidiam com a Acacia que eu conhecia, havia essas mesmas letras.

– Pesquisar organizações, iniciais: *PT* – pedi ao catálogo, após deixar de lado os arquivos dos censos.

– Pesquisa concluída. Número incalculável. – Eu deveria ter imaginado.

Tentei várias pesquisas diferentes, a maioria delas baseadas nos mundos específicos que mencionavam Acacia Jones. Tentei procurar brana a brana, mundo a mundo. Algumas buscas renderam resultados, mas nada de útil. Meia hora mais tarde, não tinha conseguido nada além de aumentar minha frustração.

Muitos cenários... mesmo limitando-me aos relativamente poucos mundos paralelos que continham consciência – aqueles que não tendiam a se autodestruir em grandes rasgos ou inversões cosmológicas ou, pior ainda, *loops* temporais que consistiam de alguns segundos a alguns milênios depois de cada big bang, só para reiniciar e começar tudo de novo. Mesmo, como eu disse, sem contar todos os outros mundos – os quais representariam um número que garantiria a mim e a meus descendentes até a enésima geração miopia e enxaqueca –, não conseguiria resultados nem que dedicasse minha vida inteira a isso.

Resistindo ao impulso de bater minha cabeça na tela e soltar algumas das palavras e frases mais interessantes que aprendera do vasto e completo repertório de Jai, fechei os olhos e contei até dez. Ainda estava no quatro quando me vi enlouquecido pelos números. Estava cansado de números. Eram tantos malditos números.

Respirei fundo. Como se procura por algo que existe *em toda parte*?

– Pesquisar organizações, iniciais: *EM*.

– Pesquisa concluída. Número incalculável.

Espere um minuto. O EntreMundos existe *em toda parte*, não é?

– Pesquisar organizações, nome: EntreMundos.

– Pesquisa concluída. Um resultado. – A informação surgiu na tela, listando Joseph Harker como capitão e alguns dos oficiais superiores.

Senti que estava perto de descobrir algo, só não sabia bem o quê. Talvez estivesse só me agarrando a qualquer esperança, mas aquela linha de

pensamento parecia estar me levando a *algum lugar*. Se eu estava procurando algo que podia existir *em toda parte*...

Bingo.

– Pesquisar organizações, iniciais: *PT*. Localização: Altiverso.

– Pesquisa concluída. Um resultado.

A informação surgiu na tela; e então, como nessas demos irritantes de jogos que obrigam você a pagar antes de ver o jogo todo, a tela escureceu e apresentou uma mensagem: ACESSO PERMITIDO SOMENTE A OFICIAIS.

Obviamente, eu não tinha acesso de oficial, nem me parecia provável conseguir uma autorização desse nível. Havia passado as últimas horas vasculhando arquivos e, no final, tudo o que consegui foram três palavras.

Três palavras pouco visíveis, quase escondidas por trás daquele aviso presunçoso de ACESSO PERMITIDO SOMENTE A OFICIAIS.

Patrulha do Tempo.

Não era que eu estivesse bisbilhotando, disse a mim mesmo pela centésima vez; eu estava apenas em busca de conhecimento. Essa era uma causa nobre, certo? O Ancião sempre dizia para aprendermos tudo o que podíamos, porque nunca se sabe quando um detalhe poderá ser importante.

Bem, eu duvidava que ele fosse aceitar essa desculpa se me encontrasse vasculhando sua mesa daquele jeito, mas tinha o forte pressentimento de que aquilo era *importante*. E eu precisava saber.

Depois de ficar lá com o meu nariz enfiado no monitor por alguns minutos, para tentar em vão descobrir algo mais sobre a Patrulha do Tempo, examinando a tela escura por trás das enormes letras que davam acesso exclusivo aos oficiais, voltei ao escritório do Ancião, decidido a lhe perguntar sobre isso. Ou pedir acesso. Ou pedir acesso temporário para algo que não tinha nada a ver com aquilo e usá-lo a fim de obter informações

sobre a Patrulha do Tempo. Esta última me parecia a melhor opção, mas todos os planos foram frustrados quando Josetta me informou que o Capitão Harker não estava no escritório.

Concordei em esperar, afundando-me em uma das poltronas surpreendentemente macias em frente à mesa dela, e entrei em um frenesi de especulação, enquanto ela organizava tranquilamente uns papéis.

Quatro trilhões, sete bilhões, trinta e seis milhões, nove mil, setecentos e cinquenta e oito resultados. A voz familiar do computador continuava soando na minha cabeça: era a mesma voz feminina que pedia para nos identificarmos em algumas portas, nos informava sobre as mudanças nos horários ou que deveríamos nos preparar para uma distorção, respondia perguntas na sala de projeção e nos dava instruções na sala sinistra. O fato de eu estar acostumado com a voz não a tornava menos enlouquecedora, principalmente quando me dizia que meu acesso não era permitido. Essa informação poderia me ajudar a descobrir aonde Acacia tinha ido e se ela estava bem. *Eu tinha de saber.*

Depois de um tempo, Josetta se levantou para ir ao banheiro. Antes mesmo de me dar conta do que estava fazendo, me peguei no escritório do Ancião, abrindo uma de suas gavetas. Ele tinha cartões de acesso temporário lá; eu já o tinha visto dar um para J/O antes. Só podiam ser usados uma vez, mas com um desses talvez eu descobrisse o que era a Patrulha do Tempo.

Fichas, canetas, grampos, várias referências de bolso sobre todos os assuntos imagináveis, uma calculadora que parecia poder decifrar a teoria das cordas e explicá-la em termos simples, dois intercomunicadores portáteis, uma arma que provavelmente atirava algo pior do que as balas... não – nenhum cartão de acesso. Àquela altura, eu já estava pensando nas mil maneiras diferentes que ele poderia usar para me matar se me encontrasse ali. Talvez estivessem mais para trás.

Puxei a gaveta um pouco mais, encontrando outros livros de referência, blocos de notas e uma coisa que me fez congelar no momento em que vi.

Era uma foto, velha e arranhada; parecia ter sobrevivido a um incêndio e, talvez, possivelmente, a uma inundação. Apesar da má qualidade, as pessoas eram inconfundíveis; afinal, você sempre se reconhece em fotos, mesmo que esteja algumas décadas mais velho.

O Ancião não estava tão velho na foto e ainda tinha os dois olhos. Ele usava uma calça jeans e uma camiseta branca solta que parecia já ter visto dias melhores, uma jaqueta do exército debaixo do braço. Seu outro braço envolvia uma menina mais velha do que eu a conhecia, o sorriso travesso tão inconfundível quanto a unha verde cheia de circuitos do polegar estendido para cima que mostrava ao fotógrafo.

Acacia Jones, com uns dez anos a mais. E com o Ancião.



CAPÍTULO NOVE

NÃO SEI QUANTO TEMPO EU teria ficado lá, perplexo, se o alto-falante não tivesse soado. Quase morri de susto ao ouvir a voz do Ancião, mas um segundo depois a lógica me disse que, se estava falando no alto-falante, era porque estava parado, e não a caminho do escritório, onde me pegaria no flagra e, sem dúvida alguma, me mataria.

– Todos os Andarilhos juniores apresentem-se à sala de reunião. Como alguns de vocês sabem, as aulas estão suspensas hoje em razão de um pequeno exercício. As tarefas das equipes já foram definidas. – Como ele ainda estava no alto-falante, eu tinha mais alguns preciosos segundos.

Tentando acalmar meu coração acelerado, olhei de novo para a fotografia. *Sem dúvida alguma*, eram o Ancião e Acacia. Virei a foto na minha mão e quase morri de susto outra vez, deixando-a cair na gaveta. Atrás da foto não havia uma data, ou qualquer tipo de legenda, apenas palavras escritas à mão: *Guarde isto de volta*.

– Com licença – ouvi a voz firme e aguda de Josetta logo após o pronunciamento do Ancião.

Fiquei então profundamente grato pelo meu nervosismo. Tinha fechado a gaveta no segundo em que ouvi a porta, então ela não me pegou com a mão na massa. Eu nem sequer estava atrás da mesa do Ancião, mas sim ao lado dela. Ainda podia me sair bem dessa.

– Me desculpe – comecei, tentando imitar o tom que usava quando minha mãe me pegava perto do pote de biscoitos. – Imaginei que como ele estava perto de um telecomunicador, eu poderia entrar em contato direto com ele para fazer a minha pergunta.

Joseetta olhou para mim pensativa, mas podia ver que eu não tinha nada nas mãos e que elas nem estavam perto da mesa, e que minha roupa não era larga o bastante para esconder nada. Ela relaxou um pouco quando olhei com ar envergonhado, como se tivesse acabado de perceber como aquilo parecia suspeito.

– Me desculpe – repeti.

– É melhor você ir logo para lá – afirmou ela com um sorriso, e acrescentou no mesmo tom: – E não encare isso como nada pessoal. – Ela deu um passo à frente e me revistou.

Por um instante fiquei feliz por não ter achado os cartões de acesso.

– Nada pessoal – repetiu ela, ao ver que não encontrou nada suspeito. Assenti com a cabeça, ainda exibindo o que eu esperava ser um sorriso envergonhado. – Agora vá.

Saí dali com o estômago embrulhado e os nervos abalados. Tinha sido uma ideia estúpida; se ela tivesse me visto roubando um cartão de acesso, eu estaria em sérios apuros. Já havia sido expulso uma vez e era capaz de apostar que, se me metesse em encrenca de novo, poderia dizer adeus para sempre.

No entanto, eu não estava saindo de mãos vazias, pelo menos no sentido figurado. O Ancião conhecia Acacia. Ou uma versão mais velha dela. Mas com quatro *trilhões* de paraencarnações dela no Altiverso, aquilo provavelmente não significava muito. Então ele conhecia uma versão mais velha dela, ou iria conhecer, no futuro. Será que a Patrulha do Tempo era como o EntreMundos – uma organização composta de Acacias em vez de Joeys? Essa parecia a explicação mais provável, mas por que havia muito *mais* versões dela do que de mim? E por que não estávamos já trabalhando com elas?

Apesar de agora saber que o Ancião tinha algum tipo de ligação com Acacia, eu não estava certo de quanto isso iria me ajudar. Será que eu

poderia lhe perguntar sobre isso? Não podia admitir de forma alguma que andara bisbilhotando sua mesa. Eu poderia mentir e dizer que havia encontrado informações relevantes nos arquivos do censo, mas ele provavelmente sabia que tipo de acesso é necessário para se conseguirem essas informações.

Ainda estava pensando nisso quando entrei na sala de reunião alguns minutos depois, e o barulho repentino me desorientou por um instante. Tinha passado as últimas horas sentado na ala da biblioteca, com apenas o computador como companhia, e agora estava de repente em uma sala com algumas centenas de outros Andarilhos, todos ainda falando sobre quando pisamos fundo naquela manhã e do misterioso Andarilho que a equipe de Jobb resgatara. Também ouvi o nome de “Joaquim” pelo menos uma dezena de vezes enquanto cruzava a sala. Seguia em direção às asas brancas de Jo, facilmente visíveis entre minhas paraencarnações quase todas ruivas.

– Ei – chamei quando cheguei perto, vendo que Jai e J/O também estavam ali. – Está se sentindo melhor?

– Todos os sistemas operacionais.

– Bem, isso é bom. Mas como você está se *sentindo*?

Ele ficou só olhando para mim, sem dizer nada, por tanto tempo que o silêncio foi constrangedor. O que estava acontecendo? J/O não era *só* computador – e já respondera perguntas como aquela antes sem nenhum problema.

– Bem – respondeu ele, e então me distraí com outra voz ao meu lado.

– A recuperação de J/O ocorreu com muito mais celeridade do que o inicialmente previsto – afirmou Jai, com seu característico sorriso tranquilo.

– E os médicos acreditam que ele se encontra em condições de participar de nosso exercício.

– Fico feliz por vê-lo acordado – eu disse a ele.

Aquela reunião repentina com a minha equipe me fez sentir um pouco de culpa. Andara tão concentrado em encontrar Acacia, pesquisar nos arquivos e me lembrar de minha tentativa frustrada de roubo que não havia voltado a pensar que, quando os vi na última vez, dois deles estavam inconscientes na enfermaria.

Jai sorriu novamente e pareceu que ia dizer algo sobre como tínhamos sido idiotas por não termos desfeito a conexão antes de gastarmos tanta energia (usando um pouco mais de sílabas), quando toda a sala ficou subitamente em silêncio, e sabíamos o que isso significava.

O Ancião se colocou à nossa frente, impondo o silêncio apenas com sua presença, como sempre. O barulho dera lugar a um murmúrio antes mesmo que ele parasse e, quando virou em nossa direção, seria possível ouvir um alfinete cair no planeta mais próximo.

– A missão desta noite consiste, como muitas outras das quais já participaram, de um treino do tipo “busca e resgate”.

Tentei aplacar a sensação de pavor que sentia em meu estômago. Claro, eu já tinha estado em outras missões desde o incidente desastroso da BRUX em que toda a minha equipe foi capturada e acabei sendo expulso do EntreMundos sem uma lembrança sequer, mas nunca conseguia controlar o medo que as palavras “busca e resgate” despertavam em mim.

– Vocês não vão longe. Este exercício ocorrerá logo abaixo de nós, em nosso próprio planeta. Seus oficiais foram todos equipados com o que gosto de chamar de dispositivos quente-frio, que vão direcioná-los ao seu objetivo – Isso me fez sentir um pouco melhor. – Esta missão é uma corrida de captura à bandeira, e vocês vão competir com as outras equipes. Vocês podem tentar sabotar uns aos outros, e uma rivalidade amigável é incentivada, mas lembrem-se de que, afinal, estamos todos do mesmo lado, e todos os ferimentos graves serão investigados *a fundo*. – O Ancião fez uma

pausa para enfatizar o que tinha dito, o olho biônico espreitando cada um de nós. – Em seguida, vocês verão a ordem das disputas na tela. Vamos mandá-los para as áreas designadas, uma equipe de cada vez. Quando virem seus nomes, vão para a sala sinistra. Vocês têm uma hora depois da aterrissagem para voltar com sua bandeira. Boa sorte.

Ele se virou para sair, e percebi que eu não havia prestado atenção. Repassando o que fora dito em minha mente, percebi que tinha retido a informação, mas eu ficara tentando ver em sua expressão severa a mesma da foto com Acacia. Procurava encontrar *aquele* homem por baixo do jeito rude e decidido de soldado do Capitão Harker. Não tinha sido fácil, mas achei ter vislumbrado isso quando ele disse “boa sorte”, pela maneira como suas sobrancelhas se relaxaram um pouco e os cantos de sua boca se curvaram para cima. Já era alguma coisa.

– Alguma ideia de quem vamos enfrentar? – perguntei quando nos viramos para a tela, mas Jo se limitou a dar de ombros e J/O não fez nem disse nada.

Eu começava a me perguntar se ele estava com algum problema comigo de novo. Tínhamos superado nossa inimizade havia meses, no que me dizia respeito, mas agora ele parecia distante.

– Imagino que vamos descobrir ao certo quando lermos o aviso, então não há muito sentido em fazer conjecturas.

– Isso – concordou Josef enquanto se aproximava. Jakon estava com ele. Então, estávamos todos juntos de novo, e inteiros, apesar de tudo.

– Como foram com seus relatórios? – perguntei, mantendo um olho na tela, em que começavam a aparecer os nomes.

Todos eles assentiram ou fizeram algum som querendo dizer “tudo bem”, menos J/O. Já estava pronto para ficar irritado com ele por seu mau humor quando ele falou.

– Não precisei fazer nenhum relatório; eles baixaram as informações do meu banco de memória. – Seu tom era convencido. *Com certeza* eu teria de me controlar para não perder a paciência com ele agora.

– Bom para você – comentou Jakon, e pude notar que ela também estava irritada com a atitude dele.

Josef olhou para mim.

– Ouvi dizer que você teve problemas com Jernan.

Fiz uma careta.

– Sim. Ele ficou muito chateado por eu ter perdido um disco. – Olhei para Jo. – Imagino que você não estaria disposta a lhe explicar que eu estava tentando salvar sua vida.

Jo sacudiu a cabeça.

– Você está por sua conta – retrucou ela, embora estivesse sorrindo.

– Vocês estão me ajudando muito – reclamei com minha equipe.

– Aí estamos nós. – Josef apontou para a tela, que mostrava todos os nossos nomes em uma coluna e, ao lado, o nome de nossos seis oponentes.

Eu me animei um pouco; era a equipe de Jerzy. O esperto menino-pássaro tinha sido uma das primeiras pessoas com quem fizera amizade ali, antes de sermos designados oficialmente para nossas equipes.

– Vamos competir com Joliette. – Jakon olhou para Jo, aparentemente irritada.

Joliette, embora não fosse um vampiro *de verdade*, era o mais perto disso que a maioria de nós já vira. Tinha caninos afiados e pele pálida, e, apesar de não morder pescoços nem ter aversão a cruces, o sangue era uma parte importante de sua dieta. Como no mundo de onde Jo viera existiam mesmo vampiros, entre as duas havia uma amistosa rivalidade. O restante de nós se divertia com a dicotomia: as asas brancas de Jo a faziam parecer angelical,

enquanto Joliette tinha uma personalidade mais sombria, e gostávamos de colocar uma contra a outra sempre que possível.

– E Jenoh – replicou Jo.

Jakon mostrou os dentes, animada. Jenoh era mais felina do que lupina, mas as duas também tinham uma rivalidade amigável. Gostaria de saber se o Ancião tinha nos colocado contra aquela equipe de propósito; eu não estranharia nada.

Olhei de volta para a tela. Éramos nós contra Jerzy, Joliette, Jaya, Jenoh, Jorensen e...

– Boa tarde, futuros rivais. – Joaquim abriu um discreto sorriso enquanto se aproximava, ao lado de Joliette. – Alguma coisa em particular que eu deva saber sobre exercício?

– Você vai perder – brinquei com ele.

– Vamos ver – retrucou Joliette, antes que Joaquim pudesse responder qualquer coisa. – Ei, Jo. Como está a asa?

– Bem, só que não posso voar, e está doendo.

– Então acho que vamos competir de igual para igual.

Olhei para Jo. Apesar de suas respostas rápidas, estava aparentemente... abatida. Seu tom parecia desanimado, suas asas, caídas; a pele, um pouco mais pálida. Eu me preocupei por cerca de meio segundo, então me dei conta de que não a teriam deixado sair da enfermaria se não estivesse em condições de participar do exercício. E por falar em ter condições...

– Já estão enviando você para fora da Base? – perguntei a Joaquim. – Tive de passar por várias semanas de treinamento antes de me deixarem sair.

– Fiquei sentado naquela sala por horas antes de vocês me encontrarem. Isso me deu tempo para me acostumar com a situação, e, acredite em mim, prefiro estar aqui do que lá. Quero começar logo – afirmou ele, parecendo desconfortável, mas determinado. – Gostaria de começar a ajudar.

– Sei como é – concordou Jerzy, que tinha acabado de passar pela multidão para chegar até nós. – Mal podia esperar para sair em minha primeira missão depois de ser resgatado pelo EntreMundos.

Jorensen acenou para Jai com a cabeça, que o cumprimentou de volta. Eles eram os dois Andarilhos seniores naquela missão, o que me pareceu engraçado; Jorensen fazia o tipo taciturno, ao contrário de Jai.

– Onde está o Tom?

Eu me virei e vi Jenoh, que sorria para mim de maneira ao mesmo tempo doce e selvagem. Enquanto a maioria dos Andarilhos via Tom com incerteza ou desconfiança, alguns tinham feito amizade com ele. Jenoh era um desses, embora eu desconfiasse que tinha mais a ver com sua natureza felina e o fato de Tom às vezes lembrar um novelo de barbante.

– Não sei – disse. – Ele vem e vai. Não o vejo desde a noite passada.

Jenoh fez um bico engraçadinho e depois um ruído de aceitação. Tínhamos quase chegado à sala sinistra, e mais pessoas do grupo de Jorensen se uniam a nós. Em pouco tempo, a única que faltava era Jaya, que apareceu assim que chegamos à porta.

– Ei – cumprimentei-a. Ela sorriu para mim com doçura, seu cabelo vermelho-dourado caindo sobre os ombros em ondas.

– Ei, Joey. – A voz dela se parecia muito com a minha, como a de todos ali, mas muito mais melódica. Tinha um tom tão doce que eu nem me importei por ela ter me chamado de Joey.

– Estão todos aqui, Jorensen? – O oficial fez que sim, e com um gesto pediu à equipe que chegasse para o lado, em frente a uma das portas.

Eles seguiram até lá, enquanto a equipe à nossa frente desaparecia pelo teletransporte.

– Prossigam em fila indiana – instruiu a voz familiar da nave. – E atenção ao entrar.

– Vamos lhes dar uma vantagem – provoqueei, e Jerzy riu para mim, enquanto Joaquim me olhou com ar agradecido, antes de perceber que eu estava brincando.

– Não vamos precisar – replicou Jorensen, com sua voz grave e bem-humorada. Fiquei feliz por não ser o único a brincar.

A equipe de Jorensen entrou, em fila única, conforme as instruções, e em seguida foi a nossa vez.

– Prepare-se, pessoal – disse à minha equipe. – Quando chegarmos lá, a sorte estará lançada.

Eles assentiram, e eu entrei.

Usar um teletransportador é como calcular mal quantos degraus faltam para chegar lá embaixo. Você começa a abaixar o pé, pronto para descer mais um degrau, e o chão aparece antes do que você esperava. Não importa o quão cuidadoso seja, você sente um choque na perna, que às vezes faz até seus dentes baterem. E é ainda mais enervante porque você nunca sabe exatamente *onde* está pisando, já que não pode ver o chão.

Dessa vez, o choque não foi tão ruim, embora somente porque pisei em uma poça de lama cerca de oito centímetros de profundidade. Nós aterrissamos no meio de uma floresta verdejante, e parecia que tinha acabado de chover.

– Lama – avisei, me virando em direção aos outros enquanto chegavam atrás de mim. – Muito bem, Jai. Aonde vamos?

– Abaixar-se! – gritou ele, e obedeci logo. Quando Jai usa poucas sílabas, é sério. Alguma coisa passou sobre mim, e, quando me atirei no chão, ficando com lama dos pés à cabeça, percebi que era Jenoh. Então foi minha vez de gritar.

– Que ideia foi essa?

– Podemos sabotar uns aos outros, lembra? – respondeu ela com doçura, já pronta para saltar. Ela e Jakon se colocaram em posição de ataque, um rosnado começando a se formar na garganta da garota-lobo.

Olhei para Jai, que fez sinal com a cabeça para a minha esquerda. Certo, então, para a esquerda. Fiz contato visual com o restante da minha equipe, menos Jakon, e todos nós saímos antes que Jenoh pudesse tentar nos deter de novo. Corremos por entre as árvores, pisando de vez em quando em poças de lama, e os grunhidos de Jenoh e Jakon, que na verdade estavam brincando, foram ficando para trás.

– J/O, procure os outros! – Eu meio esperava que ele fosse protestar ou me ignorar, mas o garoto biônico assentiu e escaneou com seu olhar cibernético o cenário à nossa volta.

– Joliette está à frente, uns vinte metros a nordeste.

– Jo, quer ir atrás dela?

A menina alada fez que sim, separando-se de nós para mudar de ângulo. Eu podia apostar que para ela não faria diferença se, mais cedo, Joliette não tivesse feito aquele comentário sobre sua asa.

– A que distância estamos da bandeira, Jai?

– O dispositivo não indica proximidade precisa.

– Apenas direção?

– Afirmativo.

Estreitei os olhos para enxergar a distância. Por entre as árvores, dava para ver o céu, as nuvens, o brilho de algo que poderia ser um lago ou uma simples ilusão de ótica, e o topo do que parecia uma montanha muito alta.

– Aposto que está lá em cima – indiquei, quando paramos perto do limite das árvores. Jai olhou para lá também.

– Você pode estar correto.

– Lá está Jerzy! – disse Josef, apontando. Há cerca de cem metros de nós, as pontas das penas vermelhas de Jerzy estavam bem visíveis contra a grama verde exuberante.

– Adoro a cabeça desse cara – falei, o que fez Jai rir.

– Com certeza nos permite localizá-lo mais facilmente aqui – concordou.

– Vamos – incentivou Josef ansiosamente, mas eu parei.

– Aposto que eles planejaram alguma coisa. Se correremos até lá, vão nos pegar em uma emboscada. Jai, me passe o localizador? – Ele me entregou, parecendo curioso.

– Você pode fazer o seu truque de “não estamos aqui” quando ficarmos a céu aberto? – Ele hesitou, depois assentiu. Eu sabia que era difícil fazer isso em alvos móveis, mas éramos apenas três. – Você não precisa manter o truque por muito tempo. Basta nos dar uma dianteira em direção à montanha. – O pequeno disco estava quente na minha mão. Eu tinha bastante confiança de que nosso objetivo estava naquela montanha.

Jai respirou fundo, então fechou os olhos e nos deu um sinal.

– Em frente.

Deixamos as árvores, Josef, J/O e eu correndo a toda velocidade até a base da montanha. Minha nuca formigava. Esperava que algo me atacasse a qualquer instante, mas esse era o tipo divertido de adrenalina, como quando você é pequeno e brinca de pique-esconde.

Um pulso de energia atingiu o chão a poucos metros de nós; alguém usava uma arma a laser ou de choque. Estávamos no meio da planície – não havia onde se esconder, e provavelmente eles também tinham um escudo de invisibilidade. Eu me censurei por não ter pensado em pegar algumas engenhocas úteis quando estávamos de saída, então me lembrei de que Jernan, o intendente, ainda sentia raiva de mim; logo, o mais provável é que

ele não fosse me deixar pegar nada mesmo. De alguma forma, isso fez com que eu me sentisse melhor por não ter me preparado.

Jorensen apareceu um segundo depois, o que significava que Jai o havia descoberto e fritado seu escudo de invisibilidade – o que também significava que ele já não mantinha mais o nosso. Eu continuava a ver Jerzy dirigindo-se para a montanha ao longe, mas nada ainda de Joaquim e Jaya.

– J/O, você identifica alguma coisa?

– Jakon alcançou Jo, e Joliette está voltando.

– Isso é ótimo, mas você identifica alguma coisa *lá na frente*? – Ele voltou sua atenção para o terreno diante de nós enquanto corríamos. Não sei nem por que ele tinha se preocupado em olhar para trás.

Jakon deve ter derrotado Jenoh, mas Joliette estava voltando? Jo não costumava perder para ela. Estava no EntreMundos havia mais tempo e era mais rápida nas lutas. Mas Jo parecia *mesmo* um pouco sem energia. E me perguntei se ela estava tomando remédios para a dor na asa.

– Não – respondeu J/O simplesmente, e se eu não estivesse tentado manter o fôlego naquele momento, poderia lhe ter dito que não faria mal se ele fosse um pouco mais útil.

Tínhamos quase chegado às rochas agora, mas eu havia perdido Jerzy de vista. Era mais difícil vê-lo contra a pedra marrom, principalmente com o sol se pondo atrás de nós e lançando uma luz vermelha por toda parte. O pequeno disco na minha mão continuava quente e pulsando regularmente – com certeza estávamos chegando perto.

– Isso, na verdade, foi bem simples – comentei com a minha equipe quando chegamos à base da montanha.

– Acho que o verdadeiro desafio é chegar *lá* em cima – retumbou Josef. J/O não disse nada.

Eu estava de costas para Josef, atento para ver se localizava Jerzy, Joaquim ou Jaya. Ou Joliette, aliás, já que eu não sabia quanto tempo levaria para ela chegar ali.

– Bem, pelo menos sabemos que eles não podem voar.

– Nem nós, já que a asa da Jo está ferida.

– Sim – concordei, e então tive uma ideia. – Jai pode pairar. Se ele se tornar mais leve, você pode atirá-lo? – Josef assentiu. – Isso vai nos dar uma vantagem, pelo menos. E Jakon sabe escalar. Jogue os dois para cima, quando chegarem aqui. O mais alto que puder. J/O e eu vamos começar a escalar.

Josef assentiu de novo, parecendo feliz em não ter de escalar a montanha. Ele era um cara muito grande e pesado, e aposto que não lhe agradava a ideia de descobrir da maneira mais difícil quais rochas estavam soltas.

– Venha, J/O! – chamei, animado, mas ainda dava de cara com uma parede onde antes costumava haver uma pessoa. Eu me perguntei se ele estaria com raiva de mim.

– Venha você – respondeu ele. – Sabe muito bem que eu escalo mais rápido. – Aquilo fez eu me lembrar mais de seu jeito competitivo de sempre, mas ainda achava que havia algo de errado com ele.

– Ei, algum problema? – perguntei quando Josef já não podia mais nos ouvir. A montanha tinha algo semelhante a uma pista no começo, mas depois dos primeiros passos era preciso escalar algumas rochas para chegar a várias plataformas naturais, que ficavam cada vez menores e mais íngremes.

– Não. – J/O olhou para mim de soslaio, de maneira estranha. – Por que haveria?

Não tive chance de responder, já que ele virou de repente a cabeça para olhar montanha acima.

– Jaya está mais à frente – informou-me.

– Hã... Por que você não vai primeiro? Você é imune ao truque dela de sereia, não é? – Ele fez que sim e continuou a subir sem dizer mais nada.

Esperei até ouvir a voz de Jaya cantar as primeiras notas da canção mais bonita que já ouvi – qualquer coisa que Jaya cante fará você pensar assim – e, então, silêncio. Eu estava longe o bastante para não ter sido *muito* afetado, mas ainda assim lamentei que a música tivesse parado.

Comecei a subir novamente, sentindo o pequeno disco em meu bolso pulsar mais rápido. Ainda estava longe do topo, mas parecia que havia algumas cavernas em torno da montanha. Em vez de estar no topo, a bandeira podia estar escondida em uma delas.

Raciocinei por um momento; não queria revelar minha posição, mas J/O já tinha neutralizado Jaya – como, eu não tinha certeza, mas ela obviamente tinha parado de cantar – e ele não sabia onde a bandeira estava.

– J/O? – chamei. Silêncio.

Subi em uma rocha grande e praticamente plana. Estava certo: havia uma pequena caverna, não muito maior que eu, entre duas rochas. Dali se podia ver que estava vazia, mas uma trilha passava à sua volta pela direita, parecendo que poderia me levar mais acima. Comecei a andar, mas meus sentidos me disseram para *abaixar*. A perna de Jerzy passou fazendo barulho pela minha cabeça, quando ele saiu de repente de trás de uma rocha.

– Você demorou, hein. – Suas penas se eriçaram um pouco enquanto ele adotava uma posição defensiva.

– Eu disse que ia lhe dar uma vantagem – retorqui, tentando acertá-lo com meu punho. Ele se esquivou facilmente, movendo-se em um semicírculo.

Saltitei um pouco nas pontas do pé, a adrenalina começando a correr pelo meu corpo. Sempre gostei de lutar com Jerzy; ele era leve e rápido, aproximadamente do meu tamanho, e sempre tinha uma resposta inteligente

junto com os golpes. Ele não levava as coisas para o lado pessoal, apenas gostava de testar sua força e habilidade.

– Mandou o garoto novo pegar a bandeira para você? – brinquei, me abaixando para evitar outro chute e me agachando para lhe dar uma rasteira.

– Foi ideia dele. – Jerzy pulou agilmente, aterrissando à minha esquerda.
– Está ansioso para provar seu valor porque teve de ser resgatado, eu acho. Me lembra alguém...

– Ei, também contribuí com minha parcela de resgates no final. – Me esquivei, bloqueei, golpeei, me esquivei e voltei a bloquear quando Jerzy me obrigou a me defender, e finalmente me agachei para evitar seus golpes quando senti a parede de rocha às minhas costas.

– *Depois* que foi expulso – provocou ele.

Eu não me importava, até porque consegui revidar naquela hora: um soco em cheio na mandíbula. Jerzy balançou a cabeça e riu, dando uma joelhada na lateral do meu corpo. Batíamos com cuidado, mas ainda assim doía. Comecei a rir, rolando para longe dele.

– Sim, e voltei em uma semana. Eu já teria apanhado a bandeira a essa altura também. Ele é lento.

Jerzy chegou um pouco para trás então, dando uma olhada para o alto da montanha. Não me aproveitei da vantagem; ele franziu ligeiramente a testa ao ouvir meu comentário e baixou um pouco a guarda.

– Na verdade, eu acredito nisso. Ei, Joaquim! – chamou, colocando uma das mãos em torno da boca. – Depressa! Eles estão vindo!

Eu me virei para olhar por cima do meu ombro. De onde estava, Jerzy tinha um campo de visão um pouco melhor que o meu e vira o restante da minha equipe antes de mim. Joliette estava subindo por onde eu viera, Jo, não muito atrás dela, e Jai seguia em direção à montanha, quando o ar em torno dele ondulou depois que Jorensen atingiu o campo de força com sua

arma elétrica. Josef acenou para mim, então atirou Jakon para cima da montanha com uma só mão – com a outra segurava Jenoh no alto pela parte de trás da camisa, enquanto ela lutava para se soltar, furiosa.

– Minha equipe está aqui – provoqueei Jerzy.

Ele se virou para olhar para mim, ainda com a testa franzida. Abriu a boca... e algo explodiu.

Nós dois olhamos para cima ao mesmo tempo e ouvimos outra explosão, depois outra – uma série de pequenos estouros como fogos de artifício. Foram cinco ou seis deles no total, mas foram logo substituídos por um estrondo, e começou a chover pedras e poeira.

– O que é...? – comecei, mas não consegui nem ouvir minha voz com o barulho das rochas caindo.

Ergui os olhos para a nuvem de poeira e terra, e fiquei ali pensando calmamente como se aquilo estivesse acontecendo com outra pessoa.

Avalanche. Não há para onde ir, nem onde me esconder. A encosta da montanha não vai nos proteger, e já estamos alto demais para pular. Essas rochas são enormes...

Jerzy se moveu primeiro, lançando-se em minha direção e me puxando para a beirada. Pular era a nossa única opção...

A caverna. Finquei meus pés no chão, puxando de volta o braço de Jerzy. Uma pedra do tamanho do carro do meu pai bateu na rocha em que estávamos, partindo-a em duas. Caí para o lado, e Jerzy se soltou de mim. Eu não conseguia ver nada – a poeira no ar era tão densa agora que eu não conseguia respirar, mas teimosamente mantive meus olhos abertos, tentando encontrá-lo para puxá-lo em direção à caverna.

Outra pedra caiu ao meu lado, cortando meu ombro esquerdo. Doeu como o *diabo*, e eu tropecei para trás – bem na hora, porque outra rocha caiu exatamente onde eu estava antes. Continuei andando para trás, o instinto

assumindo o controle, pois cada vez ficava mais escuro, a avalanche literalmente bloqueando o sol.

Já não conseguia nem mais me manter de pé, mas não parei de recuar até sentir as rochas ao meu lado, e segui tateando para encontrar a entrada da caverna. Me arrastei até lá, rezando para encontrar Jerzy ali dentro.

Não encontrei. Então ouvi um barulho ensurdecedor ao meu lado, senti um solavanco e caí.

Lembro-me de ouvir vozes um pouco depois disso, embora não soubesse de quem eram. Lembro-me de estar envolto pela mais absoluta escuridão e depois notar que clareou um pouco, assim como quando você está com os olhos ainda fechados e uma luz se acende. Lembro-me de sentir que havia algo errado, como quando você adormece em um lugar a que não está acostumado e não sabe onde está quando acorda.

Pensei ter ouvido um choro e sei que senti alguém agarrar meu pulso. Ouvi alguém dar ordens com uma voz forte e decidida, que soava como a do meu pai, e alguém me fazia perguntas.

Eu não conseguia respirar nem ver; acho que eu estava tentando dizer alguma coisa, mas não sei se o que eu falava fazia sentido. Eu tinha de dizer a eles que Jerzy não conseguiu chegar até a bandeira. Precisava lhes contar que ele teria vencido se eu não o tivesse puxado para a caverna, e o que eu vira antes de as rochas caírem, mas não tinha certeza se me lembrava o que era.

—... aleijado — dizia alguém —, mas não é provável... Vários ossos quebrados, contusões múltiplas e treze pontos, mas estável.

— Este aqui?

— Clavícula quebrada e maxilar deslocado, pulso torcido.

— E este? — A voz era sem emoção e metódica. Não soava mais como a do meu pai.

– Fratura exposta do rádio, três dedos quebrados, onze pontos, tornozelo torcido.

Ouvi passos que cruzavam a sala, então a mesma voz novamente.

– E ele? – A voz soava abafada, como se a pessoa estivesse de costas para mim.

– Hematomas. Desidratação e exaustão. Ele desmaiou pela energia gasta na criação de um escudo para protegê-los.

Aquele lugar tinha um cheiro familiar. Era um odor forte e penetrante, mas de alguma forma tranquilizador. Cheirava a remédio... Eu estava na enfermaria.

– Este aqui.

– Fratura proximal do úmero, costelas machucadas, inalação de poeira. A caverna o protegeu do pior.

Esse devia ser eu. Tentei me mexer para mostrar que eu estava acordado e ver como todo mundo estava, mas meu corpo não respondia aos impulsos do meu cérebro.

– Nenhum deles saiu ileso, mas só houve uma baixa.

– Uma já é demais – disse a voz mais velha de maneira brusca, e eu parei de me esforçar para me mover.

As palavras soaram na minha cabeça mais alto do que qualquer coisa que eu já tivesse ouvido, e, tendo em vista que eu acabara de sobreviver a um deslizamento, isso dizia muito. *Uma baixa*. Consegui abrir os olhos, mas depois os fechei com força de novo. Eles arderam, e minhas pálpebras pareciam uma lixa, mas teimosamente insisti, piscando para clarear minha visão. Tentei levantar minha mão para esfregá-los, e a dor fez as lágrimas transbordarem. Apesar da dor, as lágrimas realmente ajudaram, e, depois de piscar algumas vezes, pude ver a sala branca e clara e as camas à minha volta.

Como antes, Jai estava à minha frente, e Jo, ao meu lado, ambos dormindo ou inconscientes. Jorensen estava do outro lado, e a forma grande na cama ao lado de Jai só podia ser Josef. Ondas de cabelo vermelho-dourado se espalhavam sobre um travesseiro – Jaya.

Reuni todas as minhas forças para olhar em volta, identificando todos que consegui. Dava para ver o cabelo vermelho mais escuro de Joaquim em uma cama perto da porta. J/O parecia ileso, desligado e sentado em uma cadeira próxima.

Fiz força para me sentar, ignorando as vozes que me diziam para ficar quieto, e continuei olhando em volta da sala. Vi a ponta da cauda de Jenoh e a pele pálida de Joliette, uma das garras peludas de Jakon, com talas em três de seus dedos, mas em nenhum lugar daquela sala tão branca vi as pontas das penas vermelhas e brilhantes do cabelo de Jerzy.



CAPÍTULO DEZ

O FUNERAL FOI MUITO parecido com o de Jay, só que eu assisti da primeira fila, e não da janela da enfermaria. Eu estava entre Jo e Josef, os únicos dois da minha equipe, além de mim, que conseguiam ficar de pé. Jai ainda estava inconsciente, a menor das lesões de Jakon era um tornozelo torcido, e J/O ainda estava desligado. Tinha estado tão perto das explosões que alguns de seus circuitos fritaram. Ele iria sobreviver, eles tinham certeza. Só não sabiam dizer se voltaria a funcionar bem como antes.

O Ancião estava na plataforma diante de um caixão, falando sobre quando Jerzy chegara ao EntreMundos. Ele contou uma rápida história sobre como o entusiasmo de Jerzy com o treinamento o fizera ficar trancado na Zona de Perigo por uma noite inteira uma vez, e alguns de nós riram. Jo estava chorando. Eu também.

Eu havia me perguntado, na época, para onde o corpo de Jay tinha ido quando ele morreu. A caixa tremeluzira, cintilava e desaparecera, mas eu não sabia para onde. Em alguns instantes, o mesmo aconteceria com Jerzy. Eu gostaria de poder ver as penas brilhantes de seu cabelo vermelho mais uma vez, mas o caixão estava fechado. Ele fora tão soterrado pela avalanche que uma das pedras tinha esmagado seu peito, e o Ancião não queria que nenhum de nós o visse assim. Quando ele falou isso, procurei novamente em seu rosto pelo homem que tinha visto em sua foto com Acacia. Mas não consegui encontrá-lo dessa vez. Aquele homem parecia feliz. E o que via à minha frente, apenas cansado.

Entendi os gritos agora também. Foi a primeira coisa que eu tinha visto no funeral de Jay, quando assisti da enfermaria. Quando o caixão desapareceu, quinhentas pessoas gritaram ao mesmo tempo: um último urro.

Eu não tinha conseguido entender aquilo na época, mas agora mesmo meus ouvidos zumbindo, minha garganta arranhando e meus olhos ardendo, entendi o grito assim que deixou minha garganta. Embora não falasse nenhuma palavra, eu estava gritando: *Cuidado!* Estava gritando: *Por aqui, tem uma caverna.* Estava gritando: *Sinto muito.* Estava dizendo adeus. Todos nós estávamos.

A música tocou, e todos continuamos lá quando o caixão desapareceu. Alguns choraram. Alguns se abraçaram. Eu queria pegar a mão de Jo, mas meu braço estava numa tipoia e meu ombro estava me matando, e eu precisava da minha mão livre para limpar os olhos e poder ver. Também não sabia se ela ia gostar disso, de qualquer forma. Afinal de contas, era possível que eu tivesse sido o culpado pela morte de Jerzy.

Repassei a cena milhares de vezes na minha mente enquanto me recuperava na enfermaria depois do funeral. Eu a via em sonhos, e procurei me lembrar de tudo que podia quando me perguntaram. Ele havia me puxado até a beirada para que pudéssemos tentar saltar. Eu me lembrara da caverna, e o puxara para trás. Uma rocha tinha acertado meu ombro, e senti a mão dele se soltar da minha. Não consegui mais vê-lo depois disso. E se eu tivesse tentado gritar? Não me lembrava. Talvez se eu fizesse isso, ele pudesse ter me encontrado. Talvez tivesse conseguido chegar à caverna.

As aulas seguiram sua programação habitual naquele dia; a morte de um Andarilho não significava que podíamos ter um dia de descanso, e sim que tínhamos de trabalhar mais. Significava que a situação tinha piorado para nós. Significava que tínhamos uma pessoa a menos no caminho da BRUX e dos Binários. Significava que precisávamos nos unir.

Menos eu, aparentemente.

– Joey Harker.

– Senhor. – Minha voz soava sem vida e desanimada. Estava cansado; não tinha conseguido dormir na noite depois do funeral de Jerzy. Ficava sonhando que ele estava caindo na minha direção, que, se eu conseguisse pegá-lo, poderia dizer a todos que ele não estava morto.

– Seus ferimentos vão melhorar em questão de semanas, três no máximo. Se tomar vitaminas todos os dias e evitar qualquer atividade extenuante, deve estar bem para treinar novamente em duas semanas, talvez até mesmo uma. Consulte os médicos *todas as noites*. Entendido?

– Sim, senhor.

– Você foi diagnosticado com transtorno de estresse pós-traumático. Entende o que isso significa?

– Sim, senhor.

– Está dispensado de suas atividades diárias até segunda ordem. Vão lhe injetar um rastreador, para sua própria segurança. E foram agendadas sessões regulares com o terapeuta.

– Sim, senhor.

Minha mente estava entorpecida. Não sabia mais o que dizer – estava só feliz com o fato de que não iam me matar. Ou pior, apagar minha memória e me expulsar. Afinal, eu sabia o que o Ancião não estava dizendo: eu agora estivera presente na morte de *dois* Andarilhos. Já tinham se arriscado uma vez comigo não podiam se arriscar de novo. Eu não estava de molho porque tinha TEPT, estava sob liberdade vigiada. Um movimento em falso, e me mandariam para fora dali tão rápido que minha cabeça ficaria zonzinha, supondo que ela ainda estivesse ligada aos meus ombros.

Embora as aulas continuassem normalmente, a depressão pairava como névoa sobre a Cidade Base, algo tangível e opressivo. Os Andarilhos que eu encontrava pelos corredores não me olhavam nos olhos, e a maioria se afastava para me deixar passar. Todo mundo andava com os ombros caídos;

todo mundo andava com a cabeça baixa e arrastando os pés, parecendo cansado e chateado.

Minha tipoia era ao mesmo tempo uma marca de honra e de vergonha; todos sabiam que eu tinha estado lá. Sabiam que eu me ferira em um acidente que matara um Andarilho. O que eles não desconfiavam era de que toda vez que alguém se afastava para me deixar passar, toda vez que alguém acenava a cabeça quando eu passava, eu me odiava um pouco mais.

Não tinha conseguido salvá-lo. Eu estivera *lá*, e ele tentara me ajudar e acabou morto. Quantos outros Andarilhos morreriam por minha causa?

Era como quando eu chegara à Cidade Base após a morte de Jay, só que pior. Naquela época, quinhentas pessoas que eu nem conhecia me odiaram e me evitaram. Agora, quinhentos *companheiros* olhavam para mim com ar desconfiado.

Não iria tão longe a ponto de chamar cada um deles de amigos. Ainda não conhecia todos, pelo menos não pessoalmente. Quando se convivia com cerca de quinhentas pessoas cujos nomes começavam com *J* não era nada fácil conhecer a todos, mas pelo menos eu tinha começado a me encaixar. Era apenas um recruta como outro qualquer, fora minha amizade com Tom.

Agora a conversa em voz baixa ficava ainda mais silenciosa quando eu entrava no refeitório, as pessoas baixando o volume ou deixando de falar quando olhavam na minha direção. Tentei ignorar, indo direto pegar uma bandeja, mas senti como se todo mundo estivesse me olhando. Me sentei a uma mesa vazia, sem nem ter certeza se queria que alguém se juntasse a mim. Minha nuca formigava, como durante o exercício, mas sem a euforia. Eu me sentia como um rato em um pote de vidro. Sentia falta de Jerzy e estava preocupado com Acacia e com todos que saíram feridos da avalanche. J/O continuava desligado, Jai ainda não tinha acordado, e era possível que Jorensen nunca voltasse a andar.

Alguém deixou cair uma bandeja à minha frente, e, ao olhar, vi que era Joaquim. Um lado do seu rosto estava coberto de arranhões e escoriações, e ele parecia tão cansado quanto eu.

– Oi – cumprimentei-o, tentando usar um tom de voz normal.

– Oi – respondeu ele, e ficamos em silêncio por um tempo, os dois sem comer. – Como você está?

– Já estive melhor.

Ele olhou para o meu braço.

– Está doendo?

– Está. – Eu não estava com fome, mas tentei comer ainda assim. Depois de alguns instantes, ele fez o mesmo. – Você está bem? – perguntei também.

– Acho que sim. Eu... Não. Não... – Ele olhou para a comida em seu garfo, depois deixou-o no prato. – É sempre assim?

Hesitei. Não sabia como responder isso. Não, não era sempre assim, mas... quando algo desse tipo acontecia, era sempre ruim assim. Era sempre difícil assim.

– Perder as pessoas nunca é fácil – respondi, por fim.

– Sinto muito – disse ele. – Será que os outros vão ficar bem?

– Sim. Jai e J/O ainda estão inconscientes.

Ele assentiu.

– E Jorensen? Ele estava na base da montanha quando aconteceu, não é?

– Sim. Ele atirou Jenoh contra o escudo de Jai, mas não conseguiu alcançá-lo. Vários ossos quebrados, alguns pontos. Um dos joelhos dele está bem ruim.

– Eu vi Jo voar quando caí. Ela conseguiu escapar?

– Acabou piorando o ferimento na asa tentando planar, mas acho que teria sido pior se ela não tivesse voado. Você teve alguma notícia de Jaya?

Repassamos toda a história, falando de todos que estiveram envolvidos, trocando relatos. Joaquim contou que estava no topo da montanha quando o estrondo começou. Ele ativou o disco-escudo e pulou. Perguntou sobre os nossos companheiros que ainda estavam na enfermaria – fiquei surpreso por ele saber o nome de todos, uma vez que acabara de conhecer a maioria de nós. Ele parecia realmente tentar conhecer todo mundo, realmente procurar se encaixar. Eu não tinha me esforçado nem a metade disso quando cheguei... mas também logo fui condenado ao ostracismo.

– Não deveria ser assim – disse ele de repente, e algo na maneira como falou, a convicção em sua voz, me fez parar para pensar.

– Assim como?

– Assim... Não deveríamos ter que lutar.

– Não deveríamos – concordei. – Mas lutamos. Se não lutarmos, os Binários e a BRUX vão assumir o controle. Eles vão destruir tudo, fazer do Altiverso o que quiserem.

– Um sonho de prata – comentou ele, virando o garfo nas mãos. Pensei em perguntar o que ele queria dizer com aquilo, mas continuou antes que eu tivesse a chance. – Joey... sabe que várias pessoas estão culpando você, não sabe?

– Eu estou me culpando – respondi, sinceramente, e ele balançou a cabeça.

– Não faça isso. Não foi culpa sua. Eu estava lá, sei que não foi. Mas... as pessoas estão desconfiadas, de qualquer maneira. – Ele hesitou, ainda brincando com o garfo. – Ouvi alguns dos oficiais conversando... Estão investigando a possibilidade de crime.

Fiquei lá sentado, tentando absorver tudo aquilo. Fazia sentido, é claro. Como eu podia não ter pensado nisso? As explosões que ouvi pouco antes de as rochas caírem... não foram disparos, e mesmo que tivessem sido, as

descargas de uma arma de choque não soavam assim. O Ancião tinha dito que todos os ferimentos graves seriam investigados a fundo. E aquele acidente resultara em ferimentos bem sérios, com certeza; então é claro que estavam investigando. E o que provavelmente iriam descobrir? Que Joey Harker havia lutado com Jerzy pouco antes de ser morto. Joey Harker, que já tinha sido acusado de trair sua equipe uma vez. Joey Harker, que se salvara e deixara alguém morrer.

Eu também havia sido resgatado da avalanche, provavelmente o único motivo para não estar sendo tratado com desconfiança declarada, mas Joaquim tinha razão. As pessoas *estavam* desconfiadas. A tipoia que envolvia meu braço até meu ombro fraturado melhorar era como minha carta de “Saída Livre da Prisão”, só que eu ainda não tinha permissão de passar pela casa do “Ponto de Partida” para tentar ganhar algum dinheiro.

Não me lembro de ter saído do refeitório ou ter voltado ao meu quarto. Em algum momento percebi que estava sentado na minha cama, meu ombro doendo insuportavelmente, e o pano branco que atravessava o meu peito, segurando meu braço, estava molhado de lágrimas. Tom pairava melancolicamente ao meu lado.

– Jerzy foi meu primeiro amigo aqui, além de você – contei para ele.

Tom balançou a cabeça tristemente, adquirindo uma tonalidade deprimida de azul-acinzentado. Continuei sentado e em silêncio por algum tempo, até me ocorrer uma ideia e uma centelha de esperança se acender em meu peito. Se Tom tivesse estado lá, talvez tivesse visto o que aconteceu. Talvez pudesse mostrar ao Ancião que aquilo fora um acidente, e que eu não era culpado.

– Você viu o que houve, Tom? Você estava por lá?

Ele piscou, o que me passou a impressão de um dar de ombros, a cor subindo até o topo de sua esfera e depois se apagando para baixo de novo. E

eu senti a centelha de esperança fazer o mesmo dentro de mim.

– Onde você estava? – perguntei desanimado, sem esperar de fato uma resposta. Ou me importar com o que ele tivesse a dizer. Por que as coisas tinham que continuar dando errado assim?

A metade inferior de Tom ficou marrom-avermelhada, e a superior não exibía apenas uma cor, mas uma infinidade delas, todas girando e se misturando.

Eu não entendia o que ele estava tentando me dizer, e suspirei.

– Certo – comentei, e apoiei a cabeça em uma das mãos. Eu não estava cansado, mas queria estar. Queria dormir até tudo voltar ao normal.

Aquela ideia me fez rir. Me lembrei de quando *normal* era ir para a escola, voltar para casa, fazer os deveres, tentar escapar das tarefas domésticas e brigar com minha irmã para escolher o canal da televisão. Com uma saudade tão forte que doía, me lembrei de como era a mesa de jantar e onde todos se sentavam. Me lembrei de quando o normal era implorar à mamãe e ao papai que nos deixassem jantar vendo TV, em vez de sentados àquela mesa, e jogar videogame ou passar o tempo no computador, enquanto eu saboreava a sobremesa. Me lembrei do cheiro do meu quarto quando começava a dormir.

Não era nada normal assistir às aulas de manhã sobre sólitons oscilantes e *supercontinuums*, artes marciais depois do almoço, treinamento na Zona do Perigo e diversos táxons de cacodemônios antes do jantar. Nem dobrar uma esquina, dar de cara com um espelho e, então, ouvir sua imagem pedir desculpas e se desviar de você. Algumas pessoas ali se pareciam tanto comigo que eu achava que não me acostumaria nunca, independentemente de quantas vezes as visse.

Todos eles eram eu, mas nenhum deles parecia ter a minha sorte. Nenhum deles parecia ter a minha inclinação para se meter em encrencas.

Nenhum deles tinha visto dois de nós morrerem.

Tom pairou confuso em torno de mim por um tempo, ainda com aquele estranho padrão dividido e multicolorido. Fiquei vendo-o orbitar lentamente em volta da minha cabeça como um planeta que acabara de ser expulso do sistema solar, enquanto pensava que Jerzy já tinha um lugar na Parede, e eu não sabia com o que contribuir. Talvez eu pudesse fazer o que tinha feito para Jay e pegar um pouco de terra da base da montanha. Sim, isso seria uma grande homenagem. A terra que tinha contribuído para sua morte. Muito significativo.

Suspirei, me atirando na cama. Meu ombro doeu com o movimento, o que só fez me irritar. Sem aulas, sem treinamento, sem poder me esforçar muito e sabendo que a maioria dos meus colegas Andarilhos voltara a me odiar. Mas que diabos estava fazendo ali? Bem, na verdade eu não podia ir a lugar algum.

Ou podia? O Ancião tinha dito que eu estava dispensado das aulas, não que eu não poderia deixar a Base. E eu tinha um rastreador em mim, não é? Excursões para fora da Base não eram proibidas, desde que você tomasse cuidado, registrasse sua saída e não ficasse fora por muito tempo. Não havia nada me proibindo simplesmente... de sair para Andar.

Aquela linha de pensamento levou a outra, e me sentei de novo depois de alguns instantes. Eu sabia o que colocar na Parede do Jerzy.

Após o acidente, tínhamos nos deslocado alguns mundos para o lado, pelo que me disseram, para ter certeza de que o EntreMundos não seria descoberto. Não era tão difícil saber para que Terra voltar; tínhamos o registro dos últimos lugares em que estivemos disponível para qualquer um que tivesse a curiosidade de consultá-lo, e, em pouco tempo, consegui o nome.

Algumas pessoas me olharam de maneira estranha quando passei para o vestiário, coloquei um traje básico de combate – só por precaução – e me dirigi à escotilha. Mas ninguém me deteve; a Base estava em regime de confinamento parcial, o que significava que deixá-la era *desencorajador*, mas não proibido. Registrei minha saída, estipulei um tempo de retorno e basicamente fiz tudo como se aquela fosse apenas uma viagem normal. *Era* uma viagem normal. Só que... eu não era mais um recruta normal.

Saí da nave e pisei em um pequeno monte de areia, balançando meu braço bom para recuperar o equilíbrio. Nem sequer tinha me dado o trabalho de pedir ao intendente um disco antigravidade; ele ainda estava com raiva de mim por ter perdido o disco-escudo, e eu preferia não arriscar a sorte. Comecei a andar.

Bem, mais especificamente, eu Andei, e *então* comecei a andar. Fechei os olhos, respirei fundo e segui o rastro de um portal para o mundo que eu estava procurando.

A poeira ainda pairava espessa no ar perto da montanha. Era possível vê-la a distância, uma fraca nebulosidade quase parecida com um vulcão. A montanha já era bastante ameaçadora por si só, mas a poeira no ar com certeza contribuía para lhe dar um ar maléfico. Comecei a caminhar até lá, e a depressão me dominava com mais força a cada passo. Gostaria de ter alguém com quem conversar. Gostaria de saber para onde Acacia fora, ou o que Tom tentara me dizer. Gostaria de não ter decidido voltar ali, mesmo que para conseguir fazer uma homenagem perfeita a Jerzy.

Caminhei até chegar à base da montanha – não tinha mudado quase nada, exceto pelas rochas maiores espalhadas pelo chão. Fiquei parado por um momento, só olhando e me sentindo muito pequeno. O que parecia algumas pedras fora do lugar matou um amigo meu e feriu duas equipes inteiras de guerreiros treinados em combate.

Era melhor não brincar com a Mãe Natureza.

Havia avisos de cuidado em determinadas áreas, como os que tínhamos em certos lugares pela Cidade Base, geralmente com sensores de movimento e câmeras. Alguns dos oficiais provavelmente pretendiam vasculhar a área mais outras vezes. Não me preocupei em evitar as câmeras enquanto escolhia meu caminho através das rochas; eles sabiam que eu estava ali, provavelmente me acompanhavam pelo rastreador e não estava fazendo nada de errado.

Sim, eu reconhecia minha necessidade de me tranquilizar continuamente, obrigado.

Comecei a subir a montanha, testando cada pedra cuidadosamente com o pé antes de colocar meu peso. Algumas delas se mexiam mesmo depois de eu tê-las testado, o que sempre fazia meu coração pular para a garganta e meus joelhos tremerem. Talvez aquela coisa toda de TEPT não fosse apenas uma desculpa.

Demorei um bom tempo para chegar desse jeito ao topo, mas não me atrevi a ir mais rápido. Meu ombro ainda estava fraturado; eu não podia escalar, e não poderia me agarrar em algum lugar se caísse. Cada passo que eu dava soava como um F-18 explodindo no chão, e uma vozinha no fundo da minha mente dizia que eu não sobreviveria a um segundo deslizamento. Finalmente, porém, cheguei a uma pequena plataforma natural cerca de dez metros abaixo do topo.

Algumas pedras da plataforma estavam enegrecidas e chamuscadas, assim como a saliência mais projetada da montanha. Por um segundo fiquei confuso: aquilo *era* um vulcão? Então me lembrei das explosões. Sem dúvida, quem andou vasculhando a área tinha levado amostras para estudo. Pensando bem, provavelmente por isso não havia ninguém ali naquela hora. Eles podiam já ter encontrado todas as evidências de que precisavam. E eu esperava que não implicassem comigo de alguma forma.

Virei lentamente sem sair do lugar, à procura de outro caminho até o pico da montanha. Em vez de encontrar qualquer coisa que parecesse escalável, o que vi foi algo colorido que se destacava sobre o fundo marrom-avermelhado das rochas, meio enterrado contra a lateral da montanha.

Tive de puxar, retorcer, girar e soltar vários palavrões criativos, mas, por fim, estava de pé na plataforma, segurando alto a bandeira que Jerzy morrera tentando pegar.

Não era muito, em se tratando de homenagens, mas achei que seria particularmente apropriado. Jerzy sempre fora tão dedicado. Ele dissera mais de uma vez que devia sua vida ao EntreMundos e que a melhor forma de retribuir isso era dedicá-la à causa. Eu me enfurecia sabendo que ele tinha morrido em uma *missão de treinamento*. Um jogo estúpido de capturar a bandeira. Pensando assim, talvez não fosse a melhor homenagem. Talvez eu devesse deixá-la ali e pensar em outra lembrança para colocar na Parede para ele.

Olhava para a bandeira com rancor, pensando em atirá-la do penhasco e Andar de volta para casa, quando ouvi um *pop* familiar sobre o meu ombro direito. Tom surgiu no meu campo de visão, ainda exibindo aquele mesmo estranho esquema dividido de cores que eu vira no meu quarto.

– Ei, Tom. Peguei a bandeira – expliquei, surpreendendo-me com a inflexão carregada de ironia em minha voz. Tom virou lentamente, e em seguida balançou de um lado para outro, tentando me dizer algo.

Não conseguia entender o quê; minha atenção foi atraída por um brilho no chão quando o fovimal se moveu.

– Ei, espere, Tom... faça isso de novo.

Ele parou, depois repetiu o movimento mais devagar, e eu encontrei a fonte do brilho: um pedaço transparente de algo que parecia ser de plástico,

invisível nas rochas cobertas de terra até Tom passar por ele. Deve ter saído do lugar quando puxei a bandeira.

Parecia-se um pouco com os círculos de plástico transparente que vêm em *cases* de CDs virgens. Ou, para aqueles que estudaram em uma academia militar multidimensional, parecia-se com um disco-escudo descarregado.

– Hum.

Virei-o em minhas mãos, testando a carga, depois o interruptor de energia de emergência. Nada deu certo; ou estava completamente sem carga ou simplesmente quebrado. Eu não sabia até levá-lo de volta a um carregador. Perguntei-me o que estaria fazendo ali; então me lembrei de que os ferimentos de Joaquim haviam sido menos graves porque ele estivera com um disco-escudo. Me senti um pouco melhor – não fora o único a perder um disco, embora com certeza tivesse funcionado melhor para Joaquim do que para mim. Talvez eu conseguisse marcar alguns pontos com Jernan levando-o de volta.

Deixei meus ombros caírem. Jerzy estava morto, e o que eu procurava era uma maneira de diminuir a irritação do intendente comigo? Eu realmente precisava revisar minhas prioridades.

Virei para Tom.

– Pronto para ir para casa?

Ele balançou novamente, aquele mesmo movimento de um lado para outro. E assumiu uma coloração vermelho-acinzentada de frustração, depois voltou para as cores de antes, o marrom-avermelhado cor de lama na parte inferior e a aquarela de cores na parte de cima. Dessa vez, olhei com atenção.

As cores me lembraram alguma coisa – a dura terra vermelha em que eu não conseguira nem mesmo abrir uma cova rasa, e a morte de Jay sob aquele céu de cores líquidas.

– Você voltou lá? – Tom se iluminou, ficando rosa de satisfação. – O que você estava fazendo lá?

Sua superfície se tornou reflexiva, como quando tinha me mostrado Acacia atrás de mim no meu quarto. Agora eu via apenas minha própria imagem, incluindo as sardas, o cabelo ridículo e tudo mais, de pé como um bobo sobre a montanha, com um braço na tipoia e uma bandeira na mão.

– Não entendo. – Tentei evitar parecer frustrado, e Tom piscou rapidamente. Ele pulsava, alternando entre um azul alegre e brilhante e a superfície espelhada, de modo que eu via minha imagem segundo sim, segundo não. Não era exatamente útil.

Ao ver minha cara de absoluta perplexidade, Tom voltou a balançar para frente e para trás, flutuando ao meu lado, depois à minha frente, alternadamente reflexivo e azul, dependendo de onde ele estava. Arrisquei uma pergunta.

– Você estava interagindo com alguma coisa? – Ele brilhou tanto que quase tive de desviar o olhar, mas isso me fez rir. Eu não esperava estar certo.

– Você estava falando com alguém? – Ele se iluminou de alegria novamente. – Você quer que eu vá lá? – Piscou para dizer que sim, subindo e descendo satisfeito.

Animado, enrolei a bandeira e enfiei-a no bolso, tentando me lembrar das coordenadas do local onde havia conhecido Tom. Sorrindo como um bobo, dei um passo em direção à beirada e Andei para fora da montanha.

Havia uma lição ali sobre tirar conclusões precipitadas, eu tinha certeza, mas não queria pensar sobre isso.

O planeta – ou lugar, ou o que quer que fosse – continuava igual à última vez que o vira, incluindo o céu fervilhante e as pegadas que Jay e eu

tínhamos deixado. Não havia vento naquele mundo; aparentemente, nem outras pegadas – e nenhum outro ser humano à vista.

Acacia não estava ali.

Fiquei parado por um momento, olhando os passos maiores de Jay. Eu ainda podia localizar onde tínhamos aterrissado, por onde tínhamos andado, onde havíamos sentado e conversado... e o ponto em que eu tinha começado a correr de repente para resgatar uma criatura que eu não tinha a menor ideia se seria amigável. E, com isso, Jay acabara morrendo... mas aquilo também servira para eu ficar amigo de Tom, que uma vez me salvara das garras da BRUX. Eu ainda não tinha certeza se fora uma troca justa.

– É seguro aqui? – perguntei a Tom.

Ele fora capturado por um monstro gigante que parecia uma mistura de dragão, cobra e dinossauro – um gyradon, como aprendi mais tarde – na última vez em que estivera ali.

– Tão seguro quanto qualquer outro lugar, o que é relativo – minha própria voz respondeu.

Olhei para Tom, que estava balançando e exibindo sua cor de satisfação.

– O quê?

A resposta foi uma risada, que soava muito como a minha.

– Ah, vamos lá. Adivinha... Você é um garoto inteligente.

A voz *parecia* vir de Tom. Dei alguns passos, olhei em volta, depois para o pequeno fovimal... nada. Então, quando dei um passo para o lado, vi meu próprio rosto refletido no meu amigo em forma de balão.

Não. Não o meu rosto.

O de Jay.

– Jay! – Eu me virei, não vi nada, então corri atrás de Tom. Ainda nada. A risada soou novamente.

– Você quase conseguiu. Tom, você pode ajudá-lo?

O fovimal deu a volta em mim, posicionando-se com a sua “frente” virada para mim e a parte de “trás” para onde as pegadas seguiam – e pude ver Jay novamente, como se Tom fosse um tipo de lupa viva, mas que permitisse ver coisas que não estavam lá.

– Estou vendo através dele – afirmei, e Jay sorriu e assentiu.

– Sim.

– Mas você está... mesmo aqui.

– Não, estou meio aqui. Ou estou aqui, mas sou meio eu... é complicado. Basicamente, sou uma impressão psíquica. Morri aqui, então parte da minha essência ficou aqui.

– Como um fantasma?

– Se você quiser chamar assim... É algo bem parecido, em todo caso. Não tenho certeza se é mais magia ou ciência. – Ele balançou a cabeça. – Chega de falar de mim. O que o traz aqui?

– Não foi você? Pensei que Tom tivesse ido me buscar...

– Se ele foi, é coisa dele. – Tom piscou animado, momentaneamente bloqueando o rosto de Jay. – Ele e eu estávamos conversando havia algum tempo. Ele pediu desculpas pelo ocorrido e disse que está fazendo o melhor possível para mantê-lo seguro.

– É sério? – Tentava olhar para Jay e Tom alternadamente, mas a única maneira de conseguir isso era ficando vesgo, e não queria que Jay risse de mim novamente.

– Bem, não em tantas palavras. Mas essa foi a impressão que me deu.

– Jay... – Estava tendo problemas para me adaptar ao fato de que eu estava ali *falando com Jay*. Quer dizer, uma vez quando eu estava caindo pelo Lugar-Algum, ouvi a voz de Jay me dando conselhos, mas não tinha certeza se havia sido mesmo *ele* ou era apenas *eu*. Agora, ele estava *bem ali*. Mais ou menos.

– Como vão as coisas na escola? – Parecia uma pergunta estranha, daquelas que um irmão mais velho faria para tentar quebrar o gelo.

Era exatamente o que eu precisava. Uma pergunta que eu pudesse responder sinceramente, e alguém com quem conversar.

Contei tudo a ele. Falei sobre a missão à Terra FΔ98⁶, Joaquim, a história de perder o disco-escudo, os Andarilhos gêmeos, a missão de treinamento, Jerzy e *tudo mais* – e então lhe contei sobre Acacia. Jay só ouvia, até eu falar sobre minha excursão à biblioteca e os resultados insignificantes que me rendeu. As sobrancelhas de Jay subiram quase até seu cabelo.

– Patrulha do Tempo? – Ele deu um assobio.

Meu coração pulou para a garganta.

– Você sabe sobre a Patrulha do Tempo? O que pode me dizer?

Jay hesitou por um momento, pensando.

– A Patrulha do Tempo é basicamente o EntreMundos, só que... não ainda.

– Então... eles são o que o EntreMundos vai se tornar?

– Não exatamente. Olha, Joey, não tenho certeza de quanto disso devo lhe contar.

– Me chame de Joe. E, por favor, não me esconda nenhuma informação. Estou cansado das pessoas me ocultando as coisas para o meu próprio bem. Você morreu antes mesmo de eu saber o que estava acontecendo, Jerzy pode ter morrido porque alguém armou para nós, e eu estou aqui em liberdade vigiada enquanto eles usam TEPT como desculpa. Você precisa me dizer *alguma coisa*.

Não sabia bem o que tinha dado em mim para começar a falar daquele jeito, mas percebi no meio do caminho como eu estava certo. A ficha caiu, pela primeira vez, de que Jerzy – um *bom* Andarilho e meu amigo – não tinha morrido por acidente. Estavam investigando a possibilidade de crime, e

é claro que tinha sido um crime. As explosões, as marcas de queimaduras... Aquilo me enfureceu. Estava cansado de ser tratado como criança, e mais do que pronto para receber algumas malditas respostas daquela vez.

Jay olhava para mim como se estivesse vendo alguém diferente. Ele piscou e estreitou os olhos e, em seguida, para meu espanto, concordou vigorosamente com a cabeça.

– Sim, senhor – retrucou ele, com ironia. – Não é que eles sejam o que o EntreMundos vai se tornar, exatamente; são mais a subseção do EntreMundos que lida especificamente com o tempo. Nós evitamos que a BRUX e os Binários governem todos os mundos do Arco, e a Patrulha do Tempo evita que controlem o fluxo temporal, embora haja problemas maiores do que os Binários e a BRUX.

– Problemas maiores? Como o quê?

Jay hesitou novamente, apenas por um segundo, como se relutasse até mesmo em dizer seus nomes.

– Os Tecmaturgos.

– Os...?

– São as coisas que povoam os pesadelos tanto de Lorde Dogknife quanto do Professor. Não há muitos deles, mas são tão poderosos que, com um simples olhar, poderiam destruir um mundo. Eles refinaram as artes da magia e da ciência a ponto de se tornarem praticamente indestrutíveis. E incrivelmente destrutivos. Eles não querem governar toda a vida existente; querem exterminá-la e começar do zero.

– Mas se eles podem destruir mundos assim tão facilmente, por que ainda não ganharam?

– A Patrulha do Tempo. Não sei exatamente como fazem isso, mas são eles que mantêm as coisas em ordem.

– E eles podem viajar no tempo.

– É isso aí.

– Então... Acacia é uma...

– Agente do Tempo. O que significa que vocês dois têm um caminho bem difícil pela frente.

Não queria exatamente saber, mas perguntei mesmo assim.

– O quê?

– Sei que vocês acabaram de se conhecer e tudo mais, mas se você parece comigo, e sei que sim, tenho certeza de que está interessado.

– Não estou – argumentei, mas Jay riu.

– Por favor. Estou tentando falar com você como um adulto. Aja como um. Você está interessado, e por que não deveria estar? Parece que ela está também, pela fixação que tem em você. – Meu rosto estava tão vermelho quanto a terra sob os nossos pés, mas fiquei quieto.

– Os Agentes do Tempo se preocupam com uma coisa, somente com uma coisa: o futuro. Em assegurar que ele aconteça. Eu tomaria cuidado com ela, sinceramente. Se ela achar que você pode alterar os eventos futuros, vai acabar com você, e ninguém questionará sua decisão. No que se refere ao tempo, a autoridade deles é absoluta. Não importa quais sejam suas intenções, ou o que ela sinta por você...

– Entendi – afirmei. E passei o dedo indicador pela garganta. – *Zup*.

– Isso se você tiver sorte. Ela pode fazer coisa muito pior do que simplesmente matá-lo. Pode *apagar* você. E é o que vai fazer se achar que é necessário para preservar a continuidade. – Eu nunca tinha visto Jay tão sério.
– Para salvar o fluxo temporal, se for preciso, ela cuidará para que seja *eliminado*.

Olhei para ele, a lógica travando uma batalha com o sentimento – embora, na verdade, os dois não sejam mutuamente exclusivos.

– Eu... mas, como ela pode... E tudo o que eu fiz? Se eu for *apagado*, o que acontece com as coisas que eu mudei?

– Ela preenche as lacunas, corrige as coisas por conta própria. Não seria *você* que teria feito essas coisas, seria ela ou outra pessoa. Ela pode fazer isso – garantiu ele, notando meu ar de incredulidade. – E, como eu disse, se ela achar que é melhor para o futuro você nunca ter estado no passado, é o que ela vai fazer.

Eu não tinha como discutir isso, mas com certeza queria muito. Depois de pensar um pouco e não ter nenhuma ideia, decidi deixar aquilo de lado e seguir em frente.

– Então, o que eu faço agora?

– Vá para casa. Volte à Base. Sente-se e espere.

Fiquei só olhando para ele. Os segundos se passavam, até que ele riu.

– Já sabia que você não ia gostar muito da ideia. Mas você devia *mesmo* voltar para casa, pelo menos até saber se eles descobriram alguma coisa.

– E quanto a Acacia?

– Ela é uma Agente do Tempo. Se você estiver predestinado a vê-la de novo, então você a verá.

– Mas...

Era tarde demais; a conversa tinha acabado. Não sei se foi Tom que mudou o foco de seu poder de lente ou o próprio Jay, mas a imagem dele brilhou como óleo na água e, então, desapareceu.

De repente, eu precisava me sentar. E foi o que fiz, meio sentando e meio desabando no chão. Olhei em volta, maravilhado mais uma vez em ver como tudo parecia exatamente igual. Até mesmo as marcas que eu havia deixado ao arrastar o corpo ensanguentado de Jay ainda estavam lá. Estremeci ao pensar nisso e desviei o olhar.

No entanto, notei algo estranho e, por mais que não quisesse, voltei a olhar as marcas. Tudo estava exatamente como eu me lembrava, com exceção de um detalhe.

Não havia sangue.

Eu me lembrei claramente de quando arrastei Jay, todo coberto pelo traje prateado, fora os enormes buracos deixados pelos dentes de adaga do gyradon. O sangue jorrou, a princípio violentamente, e depois em gotas mais lentas e fracas, à medida que seu coração foi parando, e as veias e artérias, esvaziando-se. Havia sangrado muito, eu me lembrava com perfeição, deixando uma grande mancha no chão de terra, como uma lama escura e viscosa.

Não havia nem sinal disso.

O sol, pensei, deve ter...

Entretanto não havia sol, apenas aquele céu rodopiante de Van Gogh.

Fiquei de pé num pulo. De repente, senti uma necessidade urgente de sair logo dali. Tom pairava ansiosamente à minha frente, pulsando cores e padrões, como um caleidoscópio sobrecarregado.

Senti algo – uma presença – atrás de mim... uma brisa – ou uma respiração? – na minha nuca. Então, na minha cabeça piscaram algumas imagens de olhos vermelhos em fenda e brilhantes dentes amarelos. Ainda estava para cruzar, em todas as minhas viagens e missões, com alguém tão horripilante quanto o líder da BRUX, e ele ainda aparecia em meus sonhos em momentos como aquele, em que eu tinha certeza de que havia *alguma coisa* atrás de mim...

Então, o mais rápido que pude, eu Andei.

Aquela conversa podia não ter esclarecido todas as minhas dúvidas, mas com certeza já tinha informação o bastante para começar. Agora, se o destino se

apressasse e me deixasse ver Acacia logo novamente, eu teria chance de descobrir um pouco mais.

Gostaria de poder dizer que então ouvi alguém chamar meu nome com uma voz familiar. Gostaria de dizer que a ouvi assim que entrei na Interzona, me virei e lá estava ela. Gostaria de poder dizer isso, não só porque isso significava que eu teria visto logo Acacia, mas também porque seria muito menos dolorido.

O que *realmente* aconteceu foi que atiraram em mim com uma arma a laser.

Já falei sobre o barulho que há na Interzona, então não é uma grande surpresa dizer que não ouvi a arma disparar. É como quando você encosta a mão em algo muito quente quando não está olhando – há o choque da dor e então uma sensação de que há algo *errado*, mas por um instante você não sabe nem o que provocou aquilo. Dói tanto que a princípio você não sabe nem dizer *onde* dói.

Meu cérebro precisou de algum tempo para processar tudo, mas, mesmo antes disso, eu já tinha me jogado para a direita, saindo da pequena saliência de areia listrada em que estava. Vi de relance uma figura humanoide antes de o caos psicodélico da Interzona me cercar e eu cair, de uma forma mais ou menos controlada, em um pedaço de grama do tamanho de um Volkswagen. O lado esquerdo do meu peito e a parte de dentro do meu braço estavam queimados, e havia um buraco claro na tipoia que cobria meu ombro.

Adotei uma postura defensiva, de olho no que estava acima de mim. O que quer ou quem quer que tivesse atirado em mim tinha de vir da mesma direção. O teletransporte básico não funcionava na Interzona; o lugar era muito caótico, tinha muitas interferências.

Dessa vez, eu o ouvi – uma espécie de *zuipp*, mas vinha de algum ponto atrás de mim. E pouco antes do som, senti algo em minha mente, algo que

reconheci logo, uma sensação tão familiar quanto a batida do meu coração...

Alguém tinha acabado de Andar por ali.

Tom tinha ficado atrás de mim e, quando dispararam o laser novamente, ele se transformou em uma espécie de pedaço achatado gigante de borracha refletora. Então ele ricocheteou o laser, voltando depois para sua forma esférica habitual. Era como ver alguém esticar muito um balão, só que ele não estourava, apenas voltava à forma original.

Quando o fovimal fez isso, pude ver através dele. Pude ver a pessoa que tinha atirado, braço ainda estendido, ainda mirando com o laser. E não era *ninguém* que eu esperasse ver.

– Mas que diabos você está fazendo?

– Exterminar alvo: Joey Harker – disse J/O, e disparou novamente.



CAPÍTULO ONZE

TUDO NELE LEMBRAVA O J/O QUE eu conhecia, fora os arranhões e ferimentos causados pelo deslizamento – e o laser apontado para mim. Eu não estava acostumado a vê-lo daquele ângulo. J/O e eu tivéramos um começo difícil, mas já éramos companheiros de equipe havia dois anos. Eu já me acostumara aos comentários sarcásticos e até rebatia a maioria deles, mas agora ele estava *tentando mesmo me matar*, o que estava a vários anos-luz de uma mera palavra sarcástica sob qualquer ponto de vista.

Tom fez seu truque de desviar o laser de novo, mas eu podia ver que aquilo o machucava. Ele adquiriu uma coloração verde-avermelhada de dor, parecendo se encolher sobre si mesmo. Tom não podia aguentar muito mais – e lá estava eu, em um pedaço de chão flutuante com a Interzona ao meu redor, e nenhuma arma.

Bem, nenhuma arma *comigo*. A Interzona, no entanto, estava cheia de coisas aleatórias...

Saltei em direção ao que parecia a tampa de uma lixeira de metal ou de bueiro, só que azul brilhante. Girei-a, usando-a como escudo bem a tempo de desviar outro disparo enquanto pousava em uma esfera semelhante a uma bola de praia. Parecia bem sólida, mas, infelizmente, as coisas nem sempre são o que parecem na Interzona. O globo estourou como uma bolha de sabão (*bôia*, sussurrou a lembrança da voz do meu irmãozinho), e caí cerca de três metros por um caminho que cheirava a perfume muito doce e parecia a estrada para Oz.

J/O aterrissou na minha frente um instante depois, e usei meu escudo improvisado para desviar outro disparo. Bastou olhar para ele uma vez para

ver que tentar argumentar seria inútil – estava em modo Exterminador. Olhava fixamente para mim como se eu fosse mesmo um alvo, nada mais, e percebi que ele continuaria me perseguindo.

– J/O, de acordo com as leis e os códigos de conduta do EntreMundos, ordeno que pare de atirar! – Saber que aquilo era inútil não ajudava muito. Ele ainda era meu amigo e companheiro de equipe; o que mais eu poderia fazer?

Ele ignorou o comando, como imaginei, e disparou novamente. Apontou para a minha cabeça, e levantei o escudo-tampa mais uma vez para me proteger. Vi um clarão vermelho ao redor dele, e então notei pequenas rachaduras se espalhando por toda a superfície. Eu teria que encontrar um novo escudo.

Arremessei a coisa no estilo Capitão América, agradecendo silenciosamente meu professor de Educação Física Alternativa por ter nos ensinado a arte questionavelmente útil do arremesso de disco. J/O ergueu o braço para bloquear, e ouvi um estalo quando atingiu seu laser retrátil. Esperando de todo o coração que minha arma improvisada tivesse quebrado a arma incorporada ao braço de J/O, pulei para fora do caminho e aguicei meus sentidos em busca de outro portal. Eu poderia Andar pela Interzona, desde que tomasse cuidado; fazê-lo com muita frequência poderia ser bastante desorientador, e se havia algum lugar do Altiverso em que você *não queria* se perder, era ali. Bem, ali e em Lugar-Algum.

Não havia nenhum portal próximo o bastante para eu Andar, então não podia voltar para a Base, mas vi alguns raios de luz passando por uma escotilha flutuante. Peguei um deles no ar, ou no que se passava por ar ali. Era quente e brilhava demais para se olhar diretamente. Eu esperava que fosse distrair J/O o suficiente para que eu pudesse... Não tinha certeza. Eu não queria machucá-lo.

Ele, por outro lado, obviamente não tinha problema algum em me machucar...

Notei um brilho atrás de mim e me virei, girando o raio em forma de oito. Seu próximo disparo (pelo visto, não tinha dado a sorte de quebrar a arma) ricocheteou em minha espada improvisada, e me senti, por um instante, como um Jedi. J/O havia passado para o lado negro da Força, e eu tinha de enfrentá-lo, gostando ou não disso.

– J/O – tentei de novo, mas não tive tempo de dizer mais nada.

O laser se retraiu, e J/O avançou em minha direção, agarrando um dos feixes de luz. Então tive um estalo: ele não estava só tentando me matar, estava tentando me *derrotar*. Seu laser era uma arma melhor do que a espada de luz, mas ele não iria usá-lo. Ele estava aceitando um desafio, aproveitando a oportunidade de me vencer em uma luta justa. Isso significava que ele estava motivado, pelo menos em parte, pelo seu ego.

E isso significava que, independentemente do motivo pelo qual ele estava lutando comigo, o J/O que eu conhecia ainda estava lá dentro.

Infelizmente, eu não teria a chance de tentar fazê-lo me ouvir. Já tinha visto J/O lutar com uma espada antes, em um duelo até a morte no Maléfico. Ele ganhou, e não tinha sido por um triz. J/O era *bom*, e a probabilidade de eu virar sushi crescia a cada vez que ele aparava ou partia para um contragolpe.

Saltei para trás e passei minha espada por uma bolha flutuante gelatinosa, espirrando pedaços dela em direção ao meu ex-companheiro de equipe. Larguei a espada de feixe de luz na mesma hora, sem esperar para ver se tinha atingido alguma coisa. Meu ombro *doía*, assim como as áreas que tinham sido queimadas pelo primeiro disparo, e eu devia encontrar um portal e Andar de volta para o EntreMundos. Precisava contar a eles que havia algo errado com J/O.

Ouvi uma explosão atrás de mim, mas nem sequer parei para ver o que era. Uma rajada de calor bagunçou meu cabelo enquanto eu pulava de novo. Eu não fazia ideia do lugar aonde estava indo, mas, com meu ombro naquelas condições, escalar não era uma opção. Eu só podia ir para baixo. E me perguntava se a Interzona tinha um “chão” ou algo parecido.

Continuei correndo, atirando coisas para trás de vez em quando e vendo J/O de relance no meu encalço, quando eu pulava ou corria ou caía passando por uma superfície refletora. Eu mal conseguia ficar à frente dele e sabia que não aguentaria aquele ritmo por muito mais tempo. Ele contava com a vantagem de ser um ciborgue, sem falar que *não* tinha um ombro fraturado e várias costelas machucadas. Que começavam a doer insuportavelmente.

Não tenho certeza do que aconteceu depois. Em um instante, eu estava correndo por uma floresta de cabeça para baixo com flores gigantes de aparência estranha, em vez de árvores, e no seguinte eu estava esparramado de costas sentindo muita dor. Eu estava desorientado demais até mesmo para ver com o que me chocara, mas na Interzona poderia ter sido qualquer coisa. O instinto me fez ficar logo de pé e procurar por um portal, mas não tive sorte. J/O estava se aproximando, e eu não tinha para onde ir.

– J/O – chamei mais uma vez, segurando o ombro com a mão. – Não sei o que deu em você, mas pare com isso! Reinicie aí ou faça algo parecido! Tente se reprogramar!

– Alvo confirmado – respondeu ele com a nossa voz, coisa com a qual já havia me acostumado, mas que ainda era tão estranho às vezes, principalmente quando dizia algo assim. – Joey Harker. – Ele levantou o braço, acionando novamente o laser, mirou...

– Me chame de Joe – retruquei. Levando-se em conta que deviam ser minhas últimas palavras, não foram talvez as mais brilhantes, mas me

pareceram apropriadas. Uma luz vermelha se acendeu no cano da arma de J/O, e olhei em volta num esforço desesperado para encontrar algo que eu pudesse usar.

Ouvi o som de um disparo de laser, e não senti nada. Literalmente, embora tenha levado um instante para perceber que não havia sido atingido.

– Variável inesperada – disse J/O, no momento em que vi a figura que pairava a três metros de nós. – Acacia Jones.

– Acacia!

O cabelo dela chicoteou-lhe o rosto quando ela se virou para mim, o braço ainda estendido e segurando algo na mão que parecia mais apropriado para abrir a porta de um carro do que salvar minha vida, mesmo tendo sido exatamente isso o que acabara de fazer. Meu alívio ao vê-la foi rapidamente substituído pela preocupação: Acacia tinha acabado de se converter em um alvo, e J/O mirava de novo.

Ela se lançou em minha direção – eu não sabia bem como, mas parecia ter algo a ver com seus sapatos – atravessando a Interzona, usando a coisa que parecia uma chave de carro para atirar em J/O. Me lembrei então de quando Tom me salvara dos agentes da BRUX atirando-se em alta velocidade em minha direção e nos teletransportando. Acacia fez o mesmo, colidindo comigo enquanto uma explosão de luz roxa nos envolvia. Caímos através do nada, e a dor em meu ombro mais uma vez ficou insuportável quando aterrissei de costas. Arfei e, ao abrir os olhos, vi Acacia, iluminada por trás por um céu azul brilhante.

Ela estava meio em cima de mim, as pontas de seu cabelo escuro roçando minhas bochechas e meus lábios. Pisquei quando alguns fios entraram nos meus olhos e senti que ela se levantou. Depois que esfreguei os olhos para clarear minha visão, vi que ela estava de pé, olhando para longe.

Sentei-me com cuidado, usando um braço para me levantar. A grama debaixo de mim era verde, e o céu, no alto, azul, com grandes nuvens brancas passando por ele. O sol subia alto no céu; imaginei que devia ser umas onze horas, supondo que naquele mundo se contava o tempo como no meu. O ar estava limpo e fresco, um pouco frio, e exalava um cheiro ligeiramente acre.

– Essa foi por pouco – disse Acacia, de repente, virando-se para me olhar com um ar amigável. – Ei, Joe. Quanto tempo!

Normalmente, eu não teria dado muita atenção àquilo e perguntado onde estávamos, ou como ela sabia onde me encontrar. E teria apenas ficado feliz em vê-la de novo, e esquecido completamente o conselho de Jay.

Agora, porém, eu sabia que ela era uma Agente do Tempo, e isso significava que eu tinha perguntas diferentes.

– Quanto tempo?

Ela fez uma pausa e me olhou, pensativa.

– Desde a última vez em que tive de sair. Quando pisamos fundo.

– Eu me lembro. Há quanto tempo foi isso para você?

Acacia virou o corpo todo em minha direção e colocou as mãos nos quadris.

– Bem, acho que você já sabe.

– Sim.

– Que sou uma Agente do Tempo.

– Sim.

– Tudo bem. Boa pergunta. Você acreditaria em mim se eu dissesse que faz alguns anos?

Parei para pensar. Observei-a com cuidado, comparando o que via com o que me lembrava; ela não parecia mais velha. Estava usando praticamente as

mesmas roupas que antes, seu cabelo continuava do mesmo tamanho. Ela parecia a mesma.

– Não – respondi finalmente, tentando parecer seguro. E fui recompensado com um sorriso luminoso e travesso.

– Boa resposta! Faz o quê? Três dias para você.

Dei de ombros; sinceramente, com o deslizamento e a morte de Jerzy, eu não sabia bem há quantos dias a vira pela última vez. Parecia ontem e há uma eternidade.

– Faz mais ou menos uma semana para mim. Quando sua nave, *hã, pisou fundo*, isso me desorientou um pouco. Na verdade, bagunçou bastante as coisas. Fiquei doente por uns dois dias, não podia comer nada. – Ela estendeu os braços para cima e depois entrelaçou as mãos na nuca casualmente, virando-a para um lado e para o outro para dar uma olhada no que havia à nossa volta.

– Por quê?

– Porque vocês viajavam através de múltiplas dimensões em velocidade de dobra. Eu sou uma Agente do Tempo, Joe. Minha conexão com este plano é um pouco mais tênue do que a sua. Tenho que me ancorar temporariamente aonde quer que eu vá.

Isso fazia certo sentido.

– Então, bagunçamos sua âncora.

– Foi mais o caso de eu tê-la perdido completamente. Você já ficou muito, muito enjoado?

Balancei a cabeça.

– Desci uma cachoeira dentro de um barril uma vez.

Ela riu.

– Bem, provavelmente foi parecido. – Ela fez uma pausa, inclinando a cabeça de lado. – Você escutou isso?

Prestei atenção. Ao longe, ouviam-se barulhos de percussão e fracas explosões.

– Sim. O que é?

– Vamos – chamou ela, me pegando pela mão.

– Lembro-me de ter estudado essa matéria no ensino médio. – Estávamos de pé em uma montanha, no meio de um bosque, observando as figuras em seu jogo de xadrez mortal lá embaixo. – A Batalha do Somme, 1916. Terceiro tempo de História, com o Sr. Luru.

– Eu também – comentou Acacia, mas sorriu quando olhei para ela e explicou: – Me lembro de ter estudado isso. Não em seu terceiro tempo de História. Eu estava, de fato, aqui. Excursão. Vimos bem dali. – Apontou.

– O que eles dizem em todas as histórias de ficção científica é verdade? Que você cria um paradoxo ao estar na mesma hora, no mesmo lugar, que poderia destruir o mundo ou fazer surgirem mais versões de você?

– Não. Não é possível. Quando você entra em um fluxo temporal, se ancora nele e permanece ancorado; quando você está ali, se torna parte dele. Se você soltar a âncora, pode sair do fluxo temporal e voltar, mas não vai dar de cara consigo mesmo, porque você não está lá, está aqui.

Tentei acompanhar o raciocínio, tentei mesmo. E não queria admitir que havia me perdido, mas...

– Então... você pode afetar qualquer coisa, quantas vezes quiser?

– Não exatamente. Enquanto eu estiver ancorada aqui, se viajar cinquenta anos no futuro e ficar lá por uma semana, só posso voltar aqui dentro de uma semana. Se eu soltar a âncora e for para outro lugar, e ancorar em um fluxo de tempo diferente, posso voltar a este mesmo dia e não me deparar comigo, mas qualquer coisa que eu tenha afetado enquanto estava aqui continua afetada. *Por isso* precisamos ter muito cuidado com os paradoxos.

– Então por que você não pode simplesmente fazer a mesma coisa várias vezes?

– Em primeiro lugar, porque isso nos deixa com um terrível enjoo temporal. – Ela notou que eu não tinha entendido nada e esclareceu: – Pense em todas as vezes na vida em que ficou realmente enjoado: cada vez em que andou num daqueles brinquedos radicais de parques de diversão, cada tempestade no mar, cada gripe ou...

– Já entendi. Obrigado.

– Então pense em todas essas ocasiões sobrepostas, um enjoo em cima do outro, de modo que você pode senti-los separadamente e todos ao mesmo...

– Que parte de ‘já entendi’ você não pegou?

Ela riu novamente.

Sabe aquelas lembranças que parecem congeladas no tempo, como um instantâneo? Mesmo que você não tenha uma foto para olhar, consegue se lembrar de cada detalhe. Muitas vezes, logo que o momento passa, você sabe que será uma dessas lembranças – tudo parece desacelerar, e aquela imagem fica gravada na sua mente.

Assim que senti alguém Andar, no exato instante em que ouvi o *vuip* do laser, eu soube que aquele segundo ficaria comigo para sempre, o momento anterior àquele em que o sorriso dela deu lugar a uma expressão de espanto.

Eu me virei, calculando a trajetória do ataque: tinha vindo de trás de mim, um pouco para a esquerda. Mergulhei para frente, tentando me aproximar para que J/O não tivesse tempo de usar seu laser de novo. Ele levantou um braço para bloquear meu primeiro golpe e o segundo, mas consegui acertar o terceiro. Eu tinha que mantê-lo na defensiva. Precisava levá-lo para longe de Acacia.

Eu não conseguia vê-la direito, mas, pelo que podia notar de relance, quando me abaixava ou chutava, achava que ela ainda estava viva. Mais do

que isso, ela estava fazendo alguma coisa – suas unhas cheias de circuitos verdes brilhavam e faiscavam, as mãos pressionadas ao local em que eu imaginava que estivesse ferida, na região perto do estômago. Me perguntei se ela podia se regenerar. Esperava que sim.

– Alvo travado: Joey Harker – disse J/O, o que era somar a injúria ao agravo, uma vez que falou isso logo depois de me acertar um incrível gancho de direita.

Minhas costas bateram no chão de novo, e senti as costelas protestarem. Não ia conseguir suportar muito mais daquilo e já estava ficando cansado de me ver sempre na mesma situação.

– Como diabos você conseguiu nos seguir? – A voz de Acacia soava surpreendentemente firme para alguém que tinha acabado de ser atingida.

J/O olhou para Acacia, que começava a se levantar atrás de mim. Sem responder nada, estendeu o braço a laser de novo.

– Você não é capaz de Andar através do tempo – insistiu ela, traçando o contorno de um distintivo no ar, que se iluminou por um instante com uma luz verde, exibindo uma insígnia de aparência bem oficial com o nome dela, antes de desaparecer. – Como uma Agente oficial da Organização Patrulha do Tempo, ordeno que responda.

Olhei para Acacia, incrédulo, enquanto ela mancava até chegar do meu lado, o distintivo se movendo à sua frente. Ela achava mesmo que aquilo daria certo? (Tudo bem que eu tinha tentado a mesma coisa, à minha maneira...)

J/O riu.

– Nós não respondemos à sua Patrulha do Tempo.

– Se você roubou nossa tecnologia, acredite em mim, *vai responder sim*.

– Não precisamos da sua tecnologia, Agente do Tempo. Conhecemos sua *essência* e vamos segui-la a qualquer lugar.

Acacia endireitou-se bruscamente, colocando a mão no meu ombro. Suas unhas de placas de circuito brilharam, e senti algo como um choque estático.

– Vamos ver.

J/O desapareceu. Pelo menos, foi o que pensei no primeiro instante – então ele estava de volta, mas as árvores ao redor dele eram diferentes. O sol e a lua se alternavam criando um efeito estroboscópico; o chão embaixo de nós era grama, areia, água, grama de novo. Me agarrei à mão de Acacia, vendo o mundo à nossa volta mudar, e J/O aparecer e desaparecer: às vezes perfeitamente sólido ali, outras, translúcido, e outras, somente uma sombra ou uma impressão, apenas por um segundo.

Era um pouco como pisar fundo, só que não estávamos em movimento. Estávamos completamente imóveis, e o mundo ia mudando ao nosso redor. As árvores ficavam mais altas, depois mais baixas, uma delas foi atingida por um raio e em seguida estava inteira e verde novamente. Eu não sabia dizer se estávamos indo para frente ou para trás; então percebi que eram as duas coisas. Uma figura passou por mim e depois se dividiu em duas; um lado para a esquerda, o outro para a direita. Mais e mais figuras começavam a se formar ao nosso redor; soldados, principalmente, correndo e saltando ou se abaixando e se escondendo, por vezes se dividindo em duas versões diferentes, uma delas caindo morta no chão, a outra rastejando até um lugar seguro – e o tempo todo J/O aparecia e desaparecia, e se aproximava cada vez mais.

Agora eu entendia o que Acacia havia sentido na Cidade Base, quando entráramos em força máxima. Eu preferiria descer novamente a cachoeira em um barril, mesmo com todos os pontos que teria de levar.

Então finalmente, *finalmente*, parou. Eu nem mesmo sabia onde estávamos agora, só que havia um arbusto por perto e que eu precisava me livrar de

tudo o que comera nas últimas horas. E me sentiria humilhado se não tivesse ouvido Acacia fazer o mesmo a alguns metros dali.

Eu me recuperei mais rápido e consegui me arrastar até lá e esfregar suas costas enquanto ela sofria, curvada e ofegante.

– Você está bem? – perguntei, e ela fez que sim. – Aqui. – Tirei um pequeno cantil da minha bota, abri e lhe ofereci. Ela me olhou como se eu fosse completamente louco. – Confie em mim. – Peguei a mão dela e entreguei o cantil, saboreando mais uma vez o fato de saber algo que ela desconhecia. Me lembrei da primeira vez que Jay me ofereceu aquilo, quando pensei que fosse álcool. Achei que Acacia estava pensando o mesmo.

Ela cheirou o cantil, hesitante, e em seguida tomou um gole. Não pude deixar de sorrir quando vi suas sobrancelhas se levantarem de surpresa e suas feições relaxarem.

– É muito bom, né?

Ela tomou outro gole e me devolveu o cantil, virando para usar o meu joelho como travesseiro. Ela fez que sim, e eu também tomei um gole. Nunca me disseram claramente o que aquilo era, e eu não ligava mesmo – só sabia que não era álcool e, portanto, não tinha nenhum de seus efeitos colaterais desagradáveis. Por menor que fosse o gole que você tomasse, imediatamente se sentia como se estivesse se levantando da cama mais macia, em um dia de clima agradável, com o cheiro do seu café da manhã favorito no ar. Você se sentia pronto para enfrentar o mundo.

Finalmente parei para olhar em volta, embora não houvesse muito o que se ver. Estava tudo cinza, coberto por uma espessa névoa. Sombras e formas se moviam através dela, e, mesmo que não fosse do tipo que obscurecesse minha visão, aquela névoa deixava tudo indistinto. Era como olhar algo através de uma janela de vidro jateado: dava para ver as formas, mas não para distinguir os detalhes.

– Onde estamos?

– Isso é difícil de responder – ouvi a voz de Acacia vindo do meu colo, fraca e cansada.

– E existe uma pergunta melhor?

Acho que ela sorriu, mas não tenho certeza.

– Você pode perguntar onde nós não estamos.

– Tudo bem. Onde não estamos?

– Em nenhum lugar. – Ela respirou fundo, sentando-se. Ajudei-a, mantendo a mão em seu ombro para firmá-la. – Nós não estamos em nenhum lugar.

Ela estava péssima. Ainda parecia tonta e tremia, e sua pele estava pálida e úmida. Ofereci-lhe o cantil de novo, mas ela balançou a cabeça.

– Não estamos em nenhum lugar? Então estamos em lugar nenhum? Estive em Lugar-Algum, e aqui não é...

– Não, não é a mesma coisa. – Ela respirou, colocando o cabelo para trás das orelhas. Uma de suas unhas estava quebrada no sabugo e sangrando. – Soltei a âncora. Sem um destino.

Aquilo começava a fazer algum sentido, mais ou menos.

– Então caímos através do mundo?

Ela balançou a cabeça de um lado para outro.

– Caímos através do *tempo*.

Olhei para as figuras enevoadas e distorcidas andando ao nosso redor. Era como se estivessem sobrepostas – uma figura passava ao seu lado, se abaixava para pegar algo no chão e logo se levantava e seguia seu caminho, mas ainda haveria outra figura ali de pé, olhando para o que quer que fosse. Então essa sairia em outra direção. Elas estavam por toda parte, às vezes até mesmo passando através de mim.

– Você está bem? Ele atirou em você.

Acacia fez que sim, levantando um pouco a blusa para me mostrar. A camisa tinha sido furada pelo laser, mas a pele por baixo não estava queimada. Vermelha, sim, com uma marca clara de hematoma, mas não queimada.

– Escudo de pele.

– Isso é... como um traje de proteção, ou algo assim?

– Mais ou menos. Não é algo que se vista como uma roupa, é só um... um escudo de energia. Tenho que recarregá-lo agora... foi um impacto muito forte. – Ela suspirou, passando os dedos pela área. Suas unhas faiscaram, os circuitos pulsando com uma luz verde, e um pensamento me ocorreu.

– Você pode recarregar isso? – Segurei o pequeno disco-escudo que ainda estava comigo, aquele que havia encontrado na montanha. Acacia o pegou, virando-o em suas mãos, pensativa.

– Acho que sim. É muito parecido com meu escudo de pele, só que... bem, menos avançado. Sem ofensa.

Dei de ombros. Acacia estendeu a mão, a palma para cima, os dedos dobrados e separados. Então colocou o disco sobre as unhas. Uma faísca de eletricidade saltou de uma unha para a outra, passando por quatro de seus dedos; uma de suas unhas ainda estava quebrada. O disco se iluminou com uma fraca luz azul.

– Belo truque – comentei. Ela sorriu, mas não respondeu.

Contei os segundos até ela terminar. Vinte, não os trinta que geralmente eram necessários para carregar totalmente um disco. As unhas de Acacia eram mais poderosas do que qualquer coisa que tínhamos.

Ela me devolveu o escudo, e eu o liguei. A superfície dele se acendeu, e então apareceu um número de série em azul: FB₂₄₂.

– Isso não pode estar certo – murmurei. Acacia olhou para mim de maneira indagadora.

– Está funcionando?

– Sim, mas... este é o que eu perdi. É o que fez o intendente ficar furioso comigo. O que eu tive que deixar na Terra FΔ98⁶.

– Onde você o encontrou?

– Na... – Então percebi que ainda não lhe tinha contado sobre o deslizamento. Talvez ela já soubesse. – Na montanha. Lá no alto.

– Tem certeza de que é o mesmo?

– Sim. – Ela parecia cética. – Certeza absoluta. O número de série dele é FB duzentos e quarenta e dois, e o aniversário da minha mãe é no dia 24 de fevereiro. Me lembro de notar isso quando registrei sua saída. É o mesmo.

– Então, como foi parar lá?

– Não *sei*. Eu vi o escudo cair. E o deixei para trás; não tive escolha. – Então o desliguei, prendendo-o de volta em meu cinto. Aquilo tudo estava ficando muito confuso. – Tentei jogá-lo para Jo quando ela estava caindo, mas Joaquim a agarrou, e os dois Andaram...

– Alguém poderia ter voltado para recuperá-lo?

– Eu não...

Suspirei, passando a mão pelo cabelo e olhando para o céu. Estava ao mesmo tempo ensolarado e nublado, e nuvens escuras de tempestade vinham do oeste. Se eu olhasse com atenção, podia ver chuva caindo ao nosso redor, mas não estávamos molhados. As figuras fantasmagóricas ainda perambulavam por ali, caminhando ou correndo ou caindo, por toda parte.

E um deles parecia familiar.

– Ele nos achou! – Comecei a me levantar, mas Acacia agarrou meu pulso.

– Não. – Ela puxou o meu braço, e eu parei. – Não achou. Ele está procurando, mas não pode nos ver. Se pudesse, estaria *aqui*. E o veríamos claramente.

– Ele *pode* nos encontrar? – Sentei-me novamente.

Ela balançou a cabeça, depois esfregou a têmpora, frustrada.

– Não sei. Não deveria conseguir. Não devia ter conseguido Andar através do tempo. Andarilhos não podem fazer isso, certo? – Ela olhou para mim.

– Não – respondi –, exceto para mudanças relativísticas e siderais de um mundo a outro.

Imagine que vai de Nova York a Los Angeles – isso é viajar no tempo, de certa forma. Mas você gasta algum tempo viajando de uma cidade a outra, sejam apenas algumas horas de Boeing 747 ou alguns meses de carroça.

– O mais perto de viajar no tempo que chegamos é a Interzona, mas fazemos isso para ir de um mundo para outro; trata-se de *aonde* vamos, não *quando*.

De repente, fiquei enjoado só de pensar na quantidade de cálculos matemáticos necessários apenas para se deslocar fora do tempo: ir seis meses para a frente ou para trás instantaneamente e não acabar flutuando, congelado no espaço, porque a Terra seguiu seu caminho ao redor do sol e já não está embaixo de você. As coisas eram bem mais simples para Sir Isaac quando o tempo era algo separado do restante do universo, e não todo misturado ao espaço.

– *Eu* não sei fazer isso, de qualquer maneira – continuei. – Nem ninguém que eu conheça, a não ser que tenham escondido isso de mim. Não aprendemos essas coisas no EntreMundos.

Acacia deu a volta, e ficamos sentados, apoiando as costas um no outro. Me reclinei com certo alívio; minhas costelas estavam me matando.

– O que ele disse? – perguntou ela. – Ele disse que não respondia à Patrulha do Tempo. O que mais?

Tentei pensar, ainda que fosse difícil sentindo tanta dor.

– Hã... ele disse que não precisava da sua tecnologia. E que ele estava... ancorado...? Não. *Fixado* em nossas almas.

– Essência – corrigiu Acacia com segurança. – Ele disse: ‘essência’. Que conhecia minha essência e a seguiria em qualquer lugar. Mas não é assim que fazemos. Não é a tecnologia da Patrulha do Tempo. Podemos rastrear pessoas, mas não como...

Notei que ela se endireitou de repente, e que sua respiração se acelerou.

– Acacia?

– Eles fazem isso – disse ela, com voz trêmula. – *Eles* fazem isso.

– ‘Eles’?

– As coisas que juramos combater. Mas ele não era...

– Um Tecmaturgo?

Ela se virou, e eu quase caí pela falta repentina de apoio.

– Como você sabe sobre eles? – Seu olhar era intenso. Ouvi o eco fantasmagórico da voz de Jay: *apagar você... ela cuidará para que seja eliminado...*

– Como eu saberia que você era uma Agente do Tempo? Simples. Fiz minha própria pesquisa.

De certa forma era verdade, e eu não saberia bem como explicar que quem me dissera fora a impressão psíquica do meu antigo mentor. Quero dizer, ela provavelmente acreditaria em mim, mas parecia melhor não contar.

Após um instante, ela respirou fundo, olhando para o nebuloso céu cinza-azulado.

– OK. Ele não pode *de fato* ter poderes de Tecmaturgo, ou nós estaríamos mortos. Mas, ainda assim, conseguiu se fixar em nossa essência e nos seguir. *Como?*

– Bem, o que mais J/O disse? – Ficamos em silêncio por um instante, pensando.

Finalmente, Acacia balançou a cabeça.

– Ele só disse que não precisava da nossa tecnologia e que tinha se fixado na nossa essência.

De repente, tive um estalo.

– Não, espere. Ele disse ‘nós’. Disse ‘Nós não precisamos da sua tecnologia’.

– ‘Nós’? – Acacia olhou para mim.

– J/O não fala assim. Ele diz *eu*, primeira pessoa. Ele pode ser um ciborgue, mas sempre foi um ele-mesmo-ciborgue. Os únicos robôs que conheço que se referem a si mesmos no coletivo são os...

Então minha ficha caiu, e achei que fosse ficar enjoado de novo.

– Os Binários – consegui dizer, e Acacia olhou para mim.

– Você disse que ele é um ciborgue.

– Ele vem de um mundo mais próximo do extremo tecnológico do Arco. Mais avançado em ciência. Injetam microchips de programação em você no dia em que nasce. As pessoas vivem mais, são mais saudáveis, tudo isso.

– Ele poderia ser um traidor esse tempo todo?

– Não – falei, um pouco veemente demais. Ela levantou uma sobrancelha. Respirei fundo. – Não, acho que não. Ele está na minha equipe há tantas missões; foi capturado pela BRUX uma vez... ele é como eu. Ele é *um* dos eus. Acho... – Fiquei em silêncio, e Acacia me cutucou com o ombro.

– Você acha o quê?

– Acho que isso aconteceu recentemente. Quando resgatamos Joaquim. Estávamos em um mundo binário, e J/O teve de invadir o mainframe para obter algumas informações para o Ancião. Algo deu errado, e... ele estava

inconsciente quando me juntei de novo à equipe. Ele ficou apagado por alguns dias.

– Eles o infectaram – murmurou Acacia, confirmando o que eu tinha acabado de perceber.

– Será que ele não tem um *antispyware* ou algo assim? – perguntei-me em voz alta. – Até o meu mundo tem isso, e nem somos tão avançados assim!

Acacia deu uma risada, mas eu estava preocupado demais para achar graça. Meu amigo era um Binário agora. Não era de admirar que estivesse tentando me matar. Apoiei minha cabeça nas mãos.

– Ei, está tudo bem, Joe. Podemos consertá-lo. – Ela fez uma pausa, depois continuou, apesar de aparentemente relutante. – Eu... mas isso não explica como ele nos seguiu. Os Binários também não podem viajar no tempo. Os únicos que podem fazer isso são os Tecmaturgos, mas mesmo eles têm suas limitações. Essa é a nossa vantagem.

– Se eles podem viajar no tempo, um deles não poderia ter voltado e lhe dado esse poder?

– Não podem transferir o poder assim. É muito mais complicado do que isso. Toda vez que alguém tenta alterar o curso do tempo, mundos alternativos são criados. E eu saberia se algum deles estivesse aqui, ou tivesse estado aqui.

– Como?

– Porque é meu trabalho saber. Nós acompanhamos esses caras *de perto*. Não são muitos, mas...

– Mas o seu poder pode destruir mundos com um único olhar, eu sei. – Passei as mãos pelo cabelo, agarrando-o, frustrado. – Eu tenho que voltar. Não sei se ele está só atrás de mim, mas o EntreMundos pode estar em perigo.

Senti Acacia suspirar, senti seu cabelo roçar minha nuca quando desviou o olhar.

– Acho que você não devia voltar ainda, Joe.

– Por que não?

– Porque não é seguro.

Minha reação foi uma risada que saiu muito mais amarga do que eu pretendia.

– *Nenhum lugar é seguro agora, Acacia. Minha equipe, e a maior parte de outra, mal conseguiram voltar vivas de uma simples missão de capturar a bandeira. Um de nós não conseguiu. E um Andarilho acabou de nos seguir através do tempo, alguém que deveria pertencer à minha equipe...*

Parei, mas não porque Acacia estava falando. Não sei nem direito o que ela estava dizendo... me pedindo que eu me acalmasse, talvez, ou explicando por que ela achava que não era seguro. Eu não estava ouvindo. Estava pensando no deslizamento, no vírus de J/O e no disco-escudo. Estava pensando que ele tinha ficado em *stand-by* por um tempo, e que eu não o vira até sairmos em nossa missão de treinamento. Estava pensando que ele continuava inconsciente na enfermaria quando registrei minha saída da Base.

Alguém precisou ter voltado para a FΔ98⁶ para pegar o disco-escudo... mas não tinha sido ele. J/O permanecera conectado, em recuperação, até o jogo de capturar a bandeira, e os sensores da Cidade Base registravam automaticamente se alguém Andasse para fora do mundo. Eu tinha visto os registros de saída antes de partir; J/O não tinha deixado a Base.

No entanto, ele estava conectado. À enfermaria. Será que ele poderia ter conseguido acesso ao registro e tê-lo alterado para que seu nome não aparecesse lá? Não, ele não poderia ter feito tanto, não em tão pouco tempo...

Quanto mais eu pensava sobre isso, mais certeza tinha: outra pessoa havia voltado à Terra FΔ98⁶. Outra pessoa tinha pegado o disco perdido, recarregado e o levado para uma simples missão de treinamento, em vez de devolvê-lo. Alguém que tinha estado no deslizamento e sobreviveu.

– Há outra pessoa – cortei Acacia no meio da frase, o olhar fixo na silhueta de J/O enquanto Andava, tentando nos encontrar. – Há outro traidor no EntreMundos. E ele está lá *bem agora*. Eu tenho que...

Eu não a vi se mexer. Tudo o que sabia era que senti uma espetada repentina na base do pescoço, como se algo tivesse me picado ou me mordido, e então meu corpo todo foi ficando desconfortavelmente quente. Eu não podia me mover. As formas ao meu redor estavam ficando indistintas, um brilho roxo fraco preencheu minha visão, e ouvi um barulho de estática.

Sequer me senti caindo, mas percebi isso quando atingi o chão. Ainda assim, a dor parecia distante, mantida fora do meu corpo por aquela luz roxa brilhante. Tentei me levantar, ou pelo menos rolar e olhar para Acacia, mas meu corpo não respondia às ordens do meu cérebro. Por um breve e horrível instante, me lembrei de quando Lady Indigo, da BRUX, tinha lançado um feitiço em mim. Eu podia ouvir uma voz da razão dentro de mim, gritando para eu correr, mas simplesmente ficava lá, ao lado dela, obedecendo a todas as suas ordens. Por um instante, fiquei com medo de que Acacia pudesse ter feito o mesmo. Então ela entrou na minha linha de visão, ajoelhou-se e colocou a mão na minha cabeça. Parecia triste.

O chão abaixo de nós desapareceu, e mais uma vez caímos através do tempo.

O quartel-general da Patrulha do Tempo – o pouco que pude ver dele – parecia muito com o EntreMundos. Acacia não tinha colocado um feitiço em mim, exatamente, mas de alguma forma ela havia desativado minhas

funções motoras. Estava apenas semiconsciente quando senti o chão embaixo de mim de novo. Era um ladrilho branco, que cintilava com o reflexo das luzes brilhantes acima de nós. Ouvia vozes ao meu redor, uma delas de Acacia, mas eu não conseguia entender as palavras.

Eu estava preso por algum tipo de dispositivo antigravidade. De vez em quando via faíscas roxas e verdes à minha volta, via as unhas dela brilharem enquanto me levava pelos corredores. Não sabia dizer se eu estava ou não andando, ou mesmo se meus pés tocavam o chão. Tudo era brilhante e limpo e reluzente, as cores, suaves e com uma bonita luminescência. Depois de algumas salas, nós paramos, e fui passado para um tipo de maca. Agora eu podia ver tudo o que havia acima de mim, e me esqueci de me preocupar em saber para onde estava indo ou o que estava acontecendo enquanto olhava para o céu abobadado.

Não sabia dizer se era um telhado aberto ou uma janela ou uma pintura, mas era bonito. Parecia o céu noturno, só que branco em vez de azul-escuro, com milhares de poentes girando por trás das nuvens nebulosas. As “estrelas” eram todas azuis, verdes e pêssego, tons de rosa e de lavanda; e não havia um único sol ou lua, mas, sim, milhares deles, pequenos e grandes, e todos compartilhando o céu. Algumas partes ficavam mais escuras, outras mais claras, então mudavam, dando a impressão de uma pulsação ou uma fraca batida de coração. Também não era só naquela sala, mas por todos os lugares a que íamos, pelos corredores, por onde Acacia me empurrava como um paciente a caminho da cirurgia.

Essa comparação era inquietante.

Aos poucos, notei vozes abafadas ao meu redor. Tentei virar a cabeça para os lados, mas não consegui. Mal podia ver algumas figuras pelo canto do olho, nebulosas e indistintas, como as que acabara de deixar no vórtice

temporal. Estavam sussurrando. A estática em meus ouvidos tinha diminuído um pouco, e consegui ouvir alguém dizer:

– É ele?

Acacia me levou por várias salas e corredores, e então entramos em algo que parecia um elevador. Eu não sabia dizer se estávamos subindo ou descendo, mas imaginei que fosse descendo, porque, quando saímos, não via mais o céu. E já não havia tanta luz. As paredes eram cinzentas em vez de brancas.

E havia barras.

Acacia me empurrou através das barras para dentro de uma pequena sala. Voltei a sentir o ar em minha pele; a temperatura era neutra, nem quente nem fria. Já podia virar minha cabeça e flexionar os dedos. Vi, então, que Acacia atravessava as barras da mesma forma de novo, como um fantasma. Vi o brilho verde em suas unhas diminuir quando segurou as barras – que pareciam bastante sólidas – por um instante.

– Sinto muito, Joe – disse ela, e foi embora.

Eu podia me mexer novamente. E era um prisioneiro da Patrulha do Tempo.



CAPÍTULO DOZE

– ELA ESTÁ TENTANDO ajudá-lo.

Meu guarda era um homem que não se parecia nada comigo, e levei algum tempo para me acostumar com isso. Na verdade, ele parecia um cara normal, do tipo que eu poderia ver andando pelas ruas no meu mundo, do tipo que poderia ser um policial ou um empresário. Era alto e não tinha olhado para mim sequer uma vez desde que se plantara como um objeto imóvel na frente da minha cela.

Não falei “porta” porque não havia uma, pelo menos que eu pudesse ver. As barras eram simples, iam do chão ao teto, e não vi nada que se assemelhasse a dobradiças em nenhum lugar. Assim que entrei, a cela havia parecido bastante complexa; eu sentira minha passagem por ela como um momento de nevoeiro frio, e, quando Acacia me deixara, eu tinha visto as barras ondularem por um instante, como quando se toca a água.

Eu tinha ficado preso aqui por horas, incapaz de fazer qualquer coisa além de andar de um lado ao outro, e meu guarda não tinha, até agora, se prestado muito a conversas.

– Por que você diz isso? – Quando ele ficou em silêncio, senti meu humor, que já estava precário, piorar. – Ah, vamos lá. Você está aí parado como estátua há horas; agora que começou a falar, não pode parar assim. Por que acha que ela está tentando me ajudar?

– Ela disse isso.

Gesticulei, mostrando a cela ao meu redor.

– E como exatamente isso está me ajudando?

– Você está a salvo aqui.

– Não *pedi* para ser mantido a salvo!

– É o trabalho dela.

Não pude deixar de pensar no que Jay me dissera pelo Tom, e respirei fundo antes de perguntar.

– E o trabalho dela é...?

– Protegê-lo.

– O trabalho dela é proteger o futuro – repliquei. – E de que forma isso inclui me eletrocutar e me jogar em uma cela?

Ele então virou na minha direção e olhou nos meus olhos pela primeira vez desde que chegara ali.

– Você é o futuro, Joseph Harker.

Senti então um nó no estômago, e minha língua de repente parecia grande demais para a boca. Eu era apenas um em um exército – um exército de eus, sim, mas essa era a questão. *Todos* eles eram eu. Ele devia querer dizer todos nós. Tinha de estar falando do EntreMundos, certo?

Não imagino o que eu teria dito se tivesse tido a chance de responder. Mas, bem naquela hora, um homem grande usando um terno preto apareceu atrás do guarda, batendo com a mão em seu ombro. O guarda deu um pulo – por um instante pensei, pela sua expressão, que ele estava sendo atacado. Deu um passo atrás, virando e inclinando a cabeça, em seguida saiu sem me dizer mais nada.

O homem de terno era alto e musculoso, usava óculos escuros com lentes reflexivas e algum tipo de fone de ouvido. Sinceramente, ele se parecia tanto com o estereótipo de um guarda-costas que eu esperava ver alguém o acompanhando, talvez um homem pequeno de aparência importante ou uma mulher com uma tiara. Mas o sujeito estava sozinho, e pude notar que olhava para mim quando, com um gesto, ele fez evaporar uma seção das barras do tamanho de uma porta.

– Você precisa vir comigo, Joseph Harker. – Sua boca não se mexeu, mas eu sabia que as palavras tinham vindo dele. Como, eu não sabia, mas já tinha visto coisas mais estranhas desde que fui para o EntreMundos.

– Onde está Acacia?

– Não vai encontrá-la aqui, se tentar escapar. Nem se dê o trabalho.

Concordei com a cabeça. Quando ele levantou a mão para fazer outro gesto em direção às barras, me abaixei para desviar dele e saí correndo. Levei a mão ao disco-escudo no meu cinto, ativando-o, para o caso de ele tentar me deter com uma pistola a laser ou algo assim, enquanto me perguntava por que Acacia tinha me deixado ficar com ele – e então eu estava deitado de costas, olhando para o homem. Ele apareceu do nada ali, na minha frente, sem que eu entendesse como tinha chegado lá. Quase como se tivesse Andado, embora eu não tivesse sentido a presença de nenhum portal...

– Não se dê o trabalho de tentar fugir – repetiu ele, no mesmo tom de antes. Parecia entediado.

Estendeu uma das mãos na minha direção. Rolei para o lado, mas senti os dedos dele se fecharem na parte de trás da minha túnica – e ele *me levantou*, como se eu não pesasse nada. Dessa vez, eu sequer estava cercado pela luz verde; não era um campo repulsor de gravidade, ou o que quer que Acacia tivesse usado. Chutei contra ele, não sei o que eu estava esperando neste momento. Imaginei que ele teria algum truque de magia para evitar o golpe, mas por que não tentar, de qualquer maneira?

Meu pé acertou o que deveria ser um feixe nervoso em sua coxa, mas ele simplesmente... não reagiu. Mesmo. Senti carne por baixo da roupa, mas ele não se encolheu, não fez nenhuma careta nem expirou mais forte em resposta ao meu ataque. Por fim, entendi que devia ser mais esperto e desistir de verdade dessa vez; então ergui as mãos em sinal de rendição.

Ele me abaixou, mas não soltou minha camisa. Não liguei; não estava mesmo pensando em tentar fugir novamente. Não se fosse para dar de cara com outros como ele, o que eu imaginava que seria o caso. Era melhor reunir informações sobre onde eu estava primeiro.

– Para onde eu vou? – Ao ver que ele não respondia, insisti. – Você disse que eu tinha que ir com você. Para onde vamos?

– Para a Cidade Base do EntreMundos. – Seu tom ainda não denotava emoção alguma.

– Ah. Você poderia ter me dito isso quando me deixou sair da cela. Eu não teria corrido.

Ele não disse nada de novo, então achei melhor examinar o lugar enquanto caminhávamos pelos corredores.

Como antes, os corredores eram cinzentos e sem vida, com barras do chão ao teto a alguns intervalos. A princípio, todas as celas pareciam vazias; então notei sombras estranhas dentro delas, algumas humanoides, outras não, algumas se movendo, outras sentadas (ou paradas; algumas tão disformes que era impossível saber). Prestei atenção, mas não ouvi nada. Isso era muito inquietante.

Andamos por vários corredores como aquele, minha escolta imediatamente atrás de mim, segurando minha camisa, até chegarmos outra vez ao “céu” em tom pastel. Não havia nenhum elevador dessa vez. Nós simplesmente andamos pelos corredores até chegarmos a uma sala maior, mais bem iluminada, com esse céu no teto. Para mim, havíamos andado em linha reta, mas, mesmo assim, de alguma forma, chegamos a um dos andares superiores. A menos que os andares inferiores também tivessem aquele teto-janela-céu, ou seja lá o que fosse. Eu não tinha certeza.

A sala estava vazia, e aproveitei a oportunidade para olhar em volta enquanto caminhávamos. Eu só tive a chance de mirar em uma única direção

na última vez em que estive ali, se é que era a mesma área. As paredes pareciam as de um bonito saguão de hotel; a sala era circular, de um tom bege rosado. Havia obras de arte expostas, cenas bonitas e abstratas de navios no mar, faróis, pássaros em voo. Olhei para baixo, traçando as linhas douradas gravadas no chão até reconhecer o padrão como uma estrela náutica. O tema parecia fazer todo o sentido, de alguma forma – assim como qualquer outra coisa não faria.

– Por que me mandar de volta para casa, se Acacia me disse que não é seguro?

– O conselho decidiu.

– Você está no conselho?

– Não.

– Quem está?

– Os conselheiros.

Seu tom de voz *continuava* completamente sem emoção, as palavras saindo de seu rosto impassível não sei bem como, mas eu tinha certeza de que ele estava sendo sarcástico.

– Então, quem é você?

– Seu guia. Cuidado com o degrau.

Olhei para baixo; havia, de fato, um degrau para entrar na próxima sala, se é que era uma sala. O chão era completamente preto, a ponto de eu não ter certeza se meu pé entraria em contato com alguma coisa. Mas, sim, entrou, e de algum modo parecia mais firme do que o mármore em que eu vinha pisando antes.

– Boa sorte, Joseph Harker. – Então soltou minha camisa, e me virei para olhar para ele, mas só encontrei escuridão. Estendi a mão e rocei uma parede com textura de estática. A sala era completamente preta, mas ainda assim eu podia ver minha mão e meu braço tão claramente quanto em plena luz do

dia. Podia ver meu corpo todo até os pés quando olhava para baixo, embora estivesse cercado pela mais absoluta escuridão.

Amostra extraída.

Eu não tinha certeza se alguém havia falado, mas de alguma forma as palavras pairavam no silêncio.

Fluxo temporal encontrado. Mapeando caminho.

Uma pequena luz apareceu na minha visão periférica, depois outra e outra, até eu estar cercado por um campo de estrelas. Estrelas que eu conhecia. Constelações que eu não via por nem sei quanto tempo. A Ursa Maior e a Menor, Órion, Cassiopeia, do Leão. A Estrela do Norte.

Não percebi que estava sorrindo até começarem a se mover, girando ao meu redor até formarem um fluxo constante de luz, e então – agora a sensação já era bastante familiar para eu reconhecê-la – caí através do tempo.

O pouso não foi tão fácil dessa vez.

Quero dizer, não é que tivesse sido realmente *fácil* antes, com o vômito na primeira vez, e as tonturas e o fato de ter sido feito prisioneiro na segunda. A questão é que eu pelo menos tinha ficado consciente nas duas vezes.

Não sei por quanto tempo fiquei desmaiado, ou mesmo *por que* apaguei. Só sabia que minha cama consistia de pedras, seixos e cacos de vidro, e que senti gosto de sangue na boca quando acordei. Minha cabeça doía como se alguém a tivesse prendido em um torno, e minha visão estava tão embaçada que eu quase não conseguia ver nada.

Fui me levantando lentamente, me apoiando nas mãos e nos joelhos, para depois ficar de pé. O cheiro de fumaça pairava no ar; eu não sabia que lugar era aquele, mas estava silencioso como um túmulo.

Alguma coisa estava errada. Meu guarda não havia falado muito, mas me lembro de ouvi-lo dizer que eu voltaria para o EntreMundos. Ainda não havia chegado lá? Será que tive de Andar para outro lugar primeiro?

Minha visão estava clareando, e eu começava a distinguir pequenos detalhes aqui e ali. O sol brilhava no alto, o que não só agravava minha dor de cabeça e o lacrimejar, como também contradizia a imagem mental que tinha feito do lugar quando senti o cheiro de fumaça. Havia imaginado que seria nublado, escuro. Não havia fumaça em parte alguma nem fogo, mas senti cinzas nas mãos quando esfreguei uma na outra. Eu estava no que um dia devia ter sido um jardim, um caminho de pedras e areia (e cinza e vidro...) que avançava pelas árvores e pelos arbustos retorcidos e enegrecidos.

Sentia o cascalho esmagado sob os meus pés enquanto caminhava, lentamente, observando tudo. Ao olhar por entre as árvores queimadas ao longo do caminho, vi algumas caixas retangulares e compridas pelo jardim. Longas caixas prateadas. Muito parecidas com aquelas em que um dia tinham estado os ataúdes de Jay e Jerzy.

Comecei a correr.

Havia uma estrutura um pouco adiante, uma entrada, bem onde eu sabia que estaria. Por onde eu tinha entrado com Jo depois do funeral de Jerzy, me repreendendo por não ter segurado sua mão.

A porta não abriu automaticamente quando me aproximei – não havia exatamente uma porta, apenas um pedaço de metal retorcido bloqueando parcialmente a entrada. Passei por cima dele, esperando que aquela voz enlouquecedoramente calma me reconhecesse e me saudasse. Mas fui recebido apenas pelo silêncio.

As salas não me pareciam familiares, mas ainda assim eu sabia exatamente para onde ir. Algumas das portas ainda estavam fechadas, mas não precisei de muita força para abri-las. O computador estava desconectado, os mecanismos

eram apenas engrenagens comuns sem nada para alimentá-los. Não havia energia. Não havia energia em toda a Base – eu só conseguia ver em razão dos raios de luz que infiltravam pelos buracos nas paredes e pelo telhado. Partículas de pó e cinzas redemoinhavam quando eu passava. Quando o sol se pusesse, eu ficaria na escuridão.

Encontrei uma arma a laser no meio de um corredor e a peguei; estava imensamente grato por ter a pistola na mão, quando ela se fez em pedaços. Literalmente. Partiu-se em dois. O metal do punho estava quase todo enferrujado. Fiquei ali parado no corredor por alguns instantes, o barulho parecendo absurdamente alto no silêncio, mas nada se mexeu. Absolutamente nada.

Corri mais rápido, disparando pelos corredores e saltando por cima dos escombros, passando por portas e dobrando esquinas. Muito embora tudo parecesse diferente, as coisas ainda eram dolorosamente familiares; sabia exatamente onde estava tudo. Encontrei o escritório do Ancião sem errar o caminho uma única vez.

As marcas de queimado eram ainda piores ali. Os móveis estavam virados, deixando claro que haviam sido usados como uma barricada em algum momento. A enorme mesa prateada de Josetta estava tombada de lado, marcas de laser arruinando o bonito acabamento. As poltronas macias e o tapete oval tinham sido reduzidos a pó e cinzas. A porta do escritório do Ancião estava no chão, enferrujada e salpicada por uma seca substância escamosa que eu não queria inspecionar mais de perto.

Todo mundo havia desaparecido.

O EntreMundos estava destruído.



CAPÍTULO TREZE

LEMBREI-ME DE QUANDO estava sentado na superfície de um planeta desconhecido, o corpo de Jay ao meu lado, e chorei. Chorei pela perda de alguém que acabara de conhecer, alguém que, no entanto, já havia salvado minha vida uma dúzia de vezes até então. Chorei por mim, pela solidão de saber que eu havia mudado para sempre. Pela família que eu duvidava reencontrar. Por ver como tudo estava diferente. Chorei até que uma sombra passou por cima de mim, e o EntreMundos veio me buscar e levar Jay para casa.

Agora chorava pela perda da minha casa, a segunda à qual tivera de dizer adeus. Pela perda da minha segunda família, mesmo daqueles que eu não conhecia tão bem. Por ter chegado tarde demais.

Pela traição de Acacia.

Depois de um tempo, me levantei, tirando as cinzas das minhas mãos para poder enxugar as lágrimas. Passei por cima da porta e entrei no escritório do Ancião. Estava todo revirado: mesa tombada, papéis espalhados por toda parte. Pensei em dar uma olhada neles, depois cheguei à conclusão de que não me importava. Estava muito escuro para ler ali, provavelmente escuro demais até para encontrar o que eu queria, mas procurei de qualquer maneira. Procurei pela foto que eu tinha visto antes, em que o Ancião aparecia ao lado de Acacia. Esperava que me ajudasse a entender por que eu havia confiado nela, por que *ele* havia confiado nela.

A foto não me ajudou a entender nada – eu nunca a encontrei. Mas quando coloquei a mão na mesa do Ancião, ela se iluminou com uma luz azul brilhante, tão forte que precisei desviar o olhar. Senti uma onda de adrenalina tomar conta de mim; era a primeira coisa que reagia à minha

presença desde que eu chegara ali. Na mesma hora fiquei de pé, as costas contra a parede, quebrando a cabeça para lembrar qualquer informação sobre os sistemas de segurança do Ancião.

A luz começava a se condensar, dividindo-se em partes, formando rabiscos, então letras, depois palavras.

Joey Harker, era o que diziam. Não entre em pânico.

A mesa do Ancião estava falando comigo.

Rastreei seu sinal, disse de novo. Mesmo mundo, mesmo plano – no futuro. Milhares de anos.

Senti meus joelhos ficarem fracos de alívio. Eu estava *no futuro* – ainda não era o ideal, eu não queria que aquele fosse o futuro do EntreMundos, uma ruína sem nada além de cinzas e ecos, mas era melhor do que se aquilo acontecesse enquanto ainda estava vivo. Para mim, pelo menos. Continuei lendo.

Colocamos um acionador nesta mensagem – se está lendo isto, você encontrou o escritório do Capitão Harker. Não sei como estará o EM no futuro. Vá à sala sinistra, se puder. Estou mandando algo para ajudar. Tivemos que tentar adivinhar sua localização no tempo. Não toque nada mais!

Boa sorte,

Josetta

Respirei fundo, esperando, mas nada mais aconteceu. Após um instante, as letras foram sumindo. Toquei a mesa de novo, e o resultado foi o mesmo, as mesmas palavras. Então não era em “tempo real”, por assim dizer, mas, literalmente, uma mensagem pré-gravada. Josetta deve ter usado o rastreador quando eu não voltei, e deixou preparada a mensagem e o acionador para mim. Minha única preocupação era realmente quanto tempo havia se passado até ela decidir procurar por mim...

Olhei para os papéis de novo, ainda querendo encontrar aquela foto... Mas Josetta me dissera que não tocasse em nada, e eu não tinha certeza se ela teria como descobrir se mexi em alguma coisa ou não. Deixei a sala do jeito que estava.

A sala sinistra ficava, como falei, na extremidade esquerda do EntreMundos. O escritório do Ancião era praticamente no centro; eu podia chegar lá em dez minutos, quatro se corresse. Me perguntei o que ela podia ter me mandado. Os Andarilhos não conseguem viajar no tempo, tampouco o EntreMundos – e, mesmo se a Base pudesse fazê-lo, certamente não poderia viajar para si mesma no futuro. Eu não poderia usar a sala sinistra para voltar daqui para lá, não é mesmo?

– Mesmo se eu pudesse, a nave está sem energia – murmurei para mim mesmo, me sentindo um pouco melhor ao romper o silêncio.

Não estava muito preocupado com o fato de alguma coisa poder me encontrar; não se ouvia um só ruído na Base, e eu tinha sido treinado à exaustão sobre a importância de aguçar os sentidos e ficar atento ao que havia em volta. Eu estava sozinho em um mundo morto, que costumava ser a minha casa.

Não podia deixar de me perguntar se havia outras mensagens para mim, espalhadas pelo mundo ou em outras naves. Pensando bem, provavelmente não. Provavelmente Josetta saberia que o primeiro lugar que eu procuraria seria o escritório do Ancião. Não só por uma questão de instinto, era o protocolo. Ainda assim, estava curioso sobre o que tinha acontecido ali – e, como um agente do EntreMundos, não era meu dever descobrir? Talvez pudéssemos tomar as devidas precauções, algo que pudesse impedir tudo isso...

– Mas ela disse que não tocasse em nada.

Seguia por um corredor que devia ter sido usado como um esquema de gargalo para o que quer que os tivesse atacado – que nos tivesse atacado –, embora não houvesse corpos de qualquer tipo. Apesar de todos os sinais de luta e da mensagem de Josetta, eu não encontrara uma única prova de que algum ser vivo um dia passara por ali. Não sabia o que sentir sobre isso.

Pensei em todos os caixões lá fora, todas aquelas caixas prateadas que nos levavam para casa quando morríamos, onde quer que essa casa estivesse. Talvez eu devesse ter olhado dentro. Aquele pensamento me deu calafrios.

Ainda faltavam um ou dois corredores para eu chegar à sala sinistra quando parei, porque minha mão tinha roçado em alguma coisa presa na parede. Estreitei os olhos; a luz ali era fraca, apenas uma fresta deixando o sol do entardecer entrar, mas consegui distinguir as palavras *Sinto muito* escritas em letras grandes. Fiquei olhando para elas, para o papel colado de qualquer jeito na parede, e, quando meus olhos se ajustaram, vi outro. Esse não dizia nada, mas nele havia um desenho artístico de uma garota ruiva e sardenta. Havia um colar ao lado dele, pendurado sobre um guardanapo bordado.

A luz vermelha de fora bateu em um pedaço de metal reflexivo, iluminando ligeiramente o corredor. Mais bilhetes, pedaços de tecido e outros itens diversos pontilhavam aquela parede, e eu percebi que não era uma parede, mas a Parede, na qual as pessoas tinham continuado a deixar seus tributos durante todos esses anos – séculos.

A Parede. Fiquei apenas olhando atentamente para os rostos daqueles Andarilhos que estavam mortos e ainda não tinham nem nascido, que já eram mais do que lembranças, embora eu nunca os tivesse conhecido.

E então percebi que ainda estava a cinco corredores da enfermaria, onde a Parede começava. Eu ainda nem tinha passado pelos armários, e a Parede se estendera até ali. E se tivesse crescido para o outro lado também...

Eu queria proteger todos eles, aqueles heróis que eu nunca conheci, aquelas crianças que eram como eu. Eu queria salvá-los. E prometi aos quatro ventos que faria isso, de alguma forma. Algum dia.

Um clarão encheu o corredor por um instante, e pude ver a Parede em todo o seu esplendor. Mas aquela luz logo se apagou, e fui deixado em uma escuridão maior do que antes. Aquele clarão, por mais breve que tenha sido, ofuscou e prejudicou minha visão. Estreitei os olhos, abaixando-me contra a parede, tentando focar a porta do outro lado. Aquilo provavelmente tinha sido a ajuda que Josetta me mandara, embora eu estivesse esperando que ela fosse me enviar um objeto – e meus sentidos me diziam que agora havia movimento ali, algo que não era eu. Bem que eu gostaria de ter uma pistola a laser. Ou um emissor. Àquela altura eu teria me conformado com um pedaço de madeira afiado na ponta.

As partículas de poeira visíveis sob aquela luz fraca rodopiaram agitadas quando algo se moveu na entrada, uma forma escura que eu só via parcialmente. Fiquei completamente imóvel, observando e esperando, enquanto aquilo pairava na escuridão, depois balançava para a frente – então o reconheci.

– Tom!

Eu nunca tinha ficado tão feliz em ver alguém na minha vida. Meu pequeno amigo fovimal se acendeu, tornando-se luminescente em meio à penumbra; era como ter um balão que também era uma lâmpada.

Corri ao seu encontro, atirando meus braços sem nenhum pudor em volta dele, mas ele se liberou do meu abraço, adquirindo uma nuance azul de desculpas. Quase todo ele, na verdade – havia uma parte do tamanho da minha mão que permanecia avermelhada, apesar das outras cores que seu corpo mostrava. Se ele fosse humano, eu teria dito que parecia uma queimadura.

– Você está machucado, Tom? – Ele se balançou discretamente, depois se estendeu um pouco, como tinha feito na Interzona quando me protegera do laser de J/O. – Ah... Sinto muito, amigo. Mas você me salvou. – Ele então mudou para um satisfeito tom de rosa, com exceção daquela parte avermelhada, e começou a seguir balançando pelo corredor em direção à sala sinistra.

– Aonde você está indo? – Ele parou, balançou novamente, depois continuou, obviamente esperando que eu o seguisse. Hesitei. – Você está me levando de volta para o EntreMundos? Quero dizer, meu EntreMundos? – Ele se iluminou. Hesitei de novo.

Eu queria voltar, acredite. Queria apagar a lembrança daquela Base em ruínas e voltar para a realidade das minhas aulas, do meu pequeno quarto e dos meus colegas. Queria ver o refeitório todo iluminado, mesmo que estivesse cheio de Andarilhos me perguntando sobre a minha *namorada* – que agora eu não queria nem embrulhada para presente. Porém, por mais que eu quisesse voltar, também sabia que não podia. Não ainda.

– Espere, Tom. Não posso voltar ainda.

Ele fez uma pausa, pairando sem entender. Se eu voltasse, eles iriam me deter e me interrogar. Iriam perguntar aonde eu tinha ido e por quê, e eu teria de lhes explicar sobre Acacia, e não sabia bem *o que* poderia lhes dizer sobre Jay. Não sabia nem bem o que eu poderia lhes falar sobre Acacia.

– Acacia disse que não é seguro lá – falei, saindo pela tangente, sem fugir de todo da verdade. Tom piscou, inseguro. – Eu não sei por que, mas tenho de descobrir. Preciso ir aonde ela está. Você pode fazer isso, não é? É por isso que Josetta mandou você para mim. Você é uma forma de vida multidimensional, e a Interzona existe em todas as épocas. O tempo é uma dimensão também, nesse sentido. Foi o primeiro lugar aonde Acacia me

levou. À Interzona, em uma época diferente. Você consegue chegar lá também?

Várias cores rodopiavam pela superfície de Tom indicando incerteza, e tive a impressão de que ele estava pensando.

– Sei que Josetta lhe disse para me levar de volta, mas ela não sabe o que está acontecendo. Há perigo por lá, e eu não sei o que é. Preciso encontrar Acacia para ela poder me dizer.

Aquilo era verdade só em parte. Com certeza eu não queria voltar à Patrulha do Tempo, mas qualquer coisa era melhor do que o EntreMundos – do passado *ou* de agora. Eu não poderia ajudar alguém se fosse jogado na cadeia ou expulso novamente. Quando chegasse à Interzona, eu... bem, eu pensaria em alguma coisa.

– Por favor, Tom.

As cores rodopiaram mais rápido, formando um marrom lamacento que lentamente deu lugar a um vermelho mais claro. Ele não estava feliz com isso, mas me levaria lá. Era o que eu esperava.

Sua forma mudou, tornando-se menos esférica e mais... líquida. Então deslizou para o chão, se arrastou até os meus pés e meio... se esticou para cima de mim. Eu me lembrei de quando coloquei o traje de Jay depois que ele morreu. Tinha ficado com medo quando começara a cobrir o meu corpo. Eu estava com menos medo agora, porque conhecia Tom e porque confiava nele, mas ainda assim era inquietante.

Parecia que alguém estava me cobrindo com Geleca, para que tenha uma ideia. Ou como se estivessem me pintando, só que ele não era frio nem nada. Ele não tinha temperatura alguma, o que só contribuía para tornar tudo ainda mais estranho.

Olhei para a Parede enquanto Tom subia pelos meus ombros, meu pescoço, minha boca. O sol estava se pondo, e seus últimos raios iluminaram

o primeiro bilhete que eu tinha visto. *Sinto muito*, pensei em quanto o mundo à minha volta se esvanecia. *Sinto muito*.

Em retrospecto, talvez tivesse sido mais inteligente voltar ao EntreMundos. Eu poderia ter sido detido para interrogatório, mas pelo menos talvez tivesse conseguido mais alguns equipamentos. Nos últimos dias, andava perambulando pelo Altiverso, sem sequer uma luva laser de um só disparo, e estava cansado de ter de improvisar armas. Eu provavelmente não teria me irritado tanto se houvesse alguma arma por perto para que eu pudesse utilizar, mas o melhor que eu tinha no momento era uma cadeira de madeira.

– Você tem que ir! – gritou Acacia novamente, ainda lutando para se libertar dos fios que se enrolavam ao redor dela. – Saia daqui!

Embora tivesse esperado que Tom fosse apenas me levar para a Interzona, que fosse me teletransportar ou o que quer que tivesse feito para me salvar da BRUX, nada aconteceu quando ele me envolveu completamente. Bem, nada a não ser o fato de que pude *ver os zeptossegundos*. Era como olhar através de um caleidoscópio que fazia a teoria das cordas parecer um jogo de ligar os pontos. Na verdade, ele não me guiou, mas me possibilitou ver o caminho. E descobri, enquanto Tom me envolvia como uma segunda pele, que eu poderia Andar para *qualquer lugar*. Tempo, espaço, relatividade – era tudo o mesmo, tudo estava a um pulo dali.

Eu olhara para trás e vira o tempo, o lugar a que pertencia, e saltara vários milênios de uma só vez. Era como dar os primeiros passos.

Eu sentira a impressão do EntreMundos – não como se realmente o sobrevoasse, mas como se *soubesse* que estava lá; podia senti-lo como quando sabemos que há alguém ao nosso lado sem precisar olhar. Eu sabia que estava lá e cheio de eus, cheio de minhas paraencarnações, mas era nebuloso. Algo

pairava sobre ele, um miasma que já sentira antes, quando eu e minha equipe estávamos presos no *Maléfico* e encontramos as almas dos Andarilhos mortos, presas em potes, servindo como combustível para a nave...

A energia crepitava no ar como estática, e eu podia segui-la. Como um cão de caça seguindo um rastro, eu a segui de volta até sua fonte. Eu já devia saber.

Terra FΔ98⁶. Onde nós tínhamos “resgatado” Joaquim.

Ele já estava lá quando cheguei Andando, a energia rodopiando à sua volta como eletricidade. Estávamos no mesmo quarto de onde o tínhamos resgatado. Ele estava de pé junto à janela por onde Jo tinha passado para salvá-los, algum tipo estranho de energia vibrando no ar. O edifício inteiro pulsava como um coração batendo, como mil corações batendo.

– Oi, Joey – dissera ele com um sorriso, e então eu vira Acacia.

Ela estava fortemente atada por fios e circuitos, contra a parede oposta, com um ar de quem já tinha visto dias melhores. Eu a vira porque ela tinha gritado, sua voz bem mais forte do que ela aparentava. Provavelmente era a raiva que lhe dava força.

– Joe-mas-que-*diabos*-você-está-fazendo-aqui? – exclamou ela quase como se fosse uma única palavra, enfatizando sutilmente meu nome e a leve imprecisão.

Bem, se ficar furiosa comigo estava ajudando a mantê-la consciente, eu estava mais do que disposto a colaborar. Afinal, também não estava nem um pouco satisfeito com ela.

– Só estou tentando descobrir por que você me traiu, *Casey*. Parece que isso tem acontecido muito. – Olhei para Joaquim, que franziu a testa.

– Sinto muito – disse Joaquim, virando-se quando Acacia começou a fazer força para se soltar e xingar. – Por favor, fique quieta – pediu

educadamente, ainda que esse pedido tenha sido seguido de uma descarga elétrica dos fios.

Ela ficou, mas só depois de emitir um ruído de dor sufocado, que fez meu estômago se contrair. Foi nessa hora que comecei a desejar ter parado em algum lugar para pegar uma arma.

Tom não estava mais ao meu redor – eu tinha uma vaga noção da sua presença, embora não pudesse vê-lo em nenhum lugar. Tudo o que eu tinha era o disco-escudo ainda totalmente carregado – já que eu não o usara para mais nada além da minha tentativa de fuga da Patrulha do Tempo, e sabemos bem como isso deu certo – e a bandeira que eu pretendia colocar na Parede para homenagear Jerzy. Joaquim, porém, estava armado com uma pistola a laser e aquele estranho miasma ao redor dele. Parecia uma nebulosa – como se ele estivesse no meio de um campo de estrelas, mas havia algo muito sinistro naquilo para ser bonito. Era familiar, mas sutilmente aterrorizante – como um pesadelo que você tem desde criança, do qual não consegue bem se lembrar até estar quase dormindo. Não sabia direito o que aquilo podia fazer além de me causar calafrios, mas também não tinha a menor vontade de descobrir.

– Estou muito feliz por você não ser um de nós – afirmei, tentando ignorar a força que Acacia fazia para levantar a cabeça de novo. – Não gostei de você desde o começo.

– Treinamento Básico seção três zero um. Táticas de Improvisação para Situações com Reféns, capítulo dois, Guerra Emocional: tentar fazer seu oponente perder a cabeça. – Ele sorriu, como quem se desculpa, mas com um ar insuportavelmente convencido. Esperava nunca parecer assim quando me sentia convencido. – Eu sou um de vocês, Joey.

– Não pode ser. Eu nunca nos trairia! – Eu queria dizer mais coisas, mas ele riu, me cortando.

– Trairia sim. Se você tivesse um bom motivo, se soubesse que era a única maneira... Você faria isso sim, sem nem pensar.

– Nunca – insisti fervorosamente, ainda que uma pequena dúvida tivesse surgido em minha mente.

Eu nunca faria mal a nenhuma das minhas paraencarnações ou ao EntreMundos, mas eu os trairia para salvá-los, se precisasse? Sinceramente, não sabia, mas rebati mesmo assim, a raiva queimando em meu estômago. Todas as palavras gentis dele dizendo que acreditava em mim, que estava ansioso para trabalhar com a equipe...

– Você *não pode* ser um de nós. Um de nós nunca poderia nos trair. Nós *saberíamos*. Nós *sentiríamos*. Não somos apenas primos ou irmãos, nós somos...

Tentava encontrar algo poético para dizer, para enfatizar a questão, mas ele estava rindo. Estava rindo, e era difícil me agarrar a essa ideia quando a prova do contrário estava bem ali na minha frente.

– Você está tentando *me* convencer? *Sinta*, Joey. Eu sou um de vocês... você pode sentir.

Ele sorriu de novo, abrindo os braços e dando um passo na minha direção – e foi aí que a cena começou, com Acacia gritando para eu ir embora. Mencionei que eu tinha uma cadeira de madeira, certo? Isso é porque elas estavam ao lado da janela, assim como Joaquim, e a janela ainda estava quebrada em razão do nosso ousado “resgate”.

Ativei meu disco-escudo, correndo na direção dele. Joaquim meio que se virou, estendendo a mão, e Acacia gritou novamente. Imaginei que ele iria pegar o laser, mas tudo o que fez foi sorrir para mim, o campo de estrelas se fundindo em torno de seus dedos, centelhando na palma da mão. Senti um intenso calor, mas o que quer que ele tenha feito não me deteve. Peguei uma cadeira e girei-a com toda a força enquanto corria. Acertei-o em cheio,

fazendo-o voar pela janela atrás. Só lamentei o vidro já estar quebrado. Se não estivesse, eu teria ficado mais feliz, mas pelo menos assim eu tinha algo com que libertar Acacia.

Corri até ela, cortando os fios com um pedaço grande de vidro. Alguns deles eram cabos grossos, outros, apenas fios de telefone, que cortei com facilidade, e a menina se contorceu até se soltar.

De algum modo, eu esperava um agradecimento ou pelo menos um aceno de cabeça, talvez, antes que ela começasse a me dizer o que fazer.

Não esperava um tapa na cara.

– O que foi isso?

– Por me chamar de Casey – disparou ela, mas depois me abraçou.

Também não tive tempo de aproveitar o abraço, já que ainda estava me recuperando do tapa, e ela só ficou com os braços em volta de mim por um segundo antes de se afastar, com cara de que ia me bater novamente. – Você não devia estar aqui, eu *disse* para você...

– Você não me disse *nada*, Acacia. Você me apunhalou pelas costas e me sequestrou, isso sem falar que me *abandonou*...

– Não apunhalei você – protestou ela.

– Semântica! Você ainda...

– Isso não importa, você quer *calar a boca* por um...

– Ah, vocês dois não são *adoráveis*? – A voz de Joaquim soava mais alta e, de alguma forma... mais potente do que antes.

Os pelos na minha nuca se arrepiaram enquanto a sala se enchia de energia, e um vento, que eu não sabia de onde vinha, aumentava. Eu me coloquei automaticamente à frente de Acacia – ela me deu uma cotovelada nas costelas, que ainda estavam machucadas e doloridas, muito obrigado – e se colocou ao meu lado. Nós dois olhamos para a janela.

Joaquim estava do lado de fora e parecia estar... voando. Bem, pairando. Estava suspenso no ar bem em frente à janela, centenas de pequenas faíscas azuis voando ao redor dele tão rapidamente que parecia haver algum tipo de campo de força. Elas refletiam no vidro quebrado ainda preso à moldura da janela e no chão, criando um redemoinho vertiginoso de luz, como se ele fosse o centro de um sistema solar.

– Pobre Capitão Harker – lamentou Joaquim, que continuava... *flutuando* lá fora, no ar. – Ele sente muito a sua falta às vezes – falou para Acacia, e sua expressão, por um instante, pareceu genuinamente compassiva. – Eu não o culpo, sabendo o que vai acontecer.

Olhei para Acacia, à procura de algum tipo de reconhecimento ou compreensão. Ela não parecia muito segura.

– Do que você está falando? – perguntou ela. – Você não tem como saber o futuro... é só um Andarilho.

Eu me senti tão afrontado por ela ter falado *só um Andarilho*, quanto por ter dito isso a respeito de Joaquim.

– Ele não é um Andarilho.

– Errado – retrucou Joaquim. – Vocês dois. Os dois estão errados. Tenho a energia do Capitão Joseph Harker fluindo em mim, e isso inclui algumas das suas lembranças. Ele gostava muito de vocês, sabiam?

Acacia continuou em silêncio, atordoada e insegura, mas eu não estava prestando atenção nela. Também não estava mais prestando atenção em Joaquim. Estava olhando para as pequenas luzes azuis, o redemoinho de estática e emoção em torno dele. Estava me lembrando da última vez que vira pequenas luzes azuis como aquelas, e me senti mal quando *entendi*.

Eu estava olhando para as almas de Andarilhos mortos.



CAPÍTULO QUATORZE

– **ESTÁ TUDO BEM**, Joey? Parece um pouco zozinho.

Era difícil dizer se ele estava sendo sarcástico ou não, mas realmente não ligava.

– Você está me deixando doente – acusei, mas a verdade é que me sentia meio zozinho.

Eu estava muito quente, e meus membros, muito pesados. Estava cansado, e atordoado por descobrir que Joaquim não era *um de nós*, e sim *todos nós*. Todos os Andarilhos que em algum momento já tinham sido capturados...

– Você finalmente entendeu.

Ele ainda sorria para mim, as pequenas luzes azuis – *as almas* – girando ao seu redor e trazendo-o de volta para dentro pela janela quebrada. Seus pés tocaram o chão, e as almas pararam de girar tão rápido, embora ainda houvesse uma centelha no ar, uma excitação muda. *Somos livres*, exultavam. *Use-nos! Nós podemos ajudar!* Eu me perguntava se eles sequer sabiam *para que* estavam sendo usados, que estavam sendo convertidos em traidores como ele. Não acreditava que ainda houvesse o suficiente de cada um deles ali para saber.

– Onde você os conseguiu?

Afastei um pouco os pés, tentando recuperar o meu centro de gravidade. O chão parecia estar adernando um pouco debaixo de mim, como se eu estivesse a bordo de um barco em meio a um mar calmo. A BRUX guardava os Andarilhos que capturava em frascos, depois de tê-los fervido para reduzi-los a suas essências... mas não estávamos lidando com a BRUX agora, e sim com os Binários. Inequivocamente. Os Binários congelavam os Andarilhos que capturavam, então os conectavam a uma espécie de bateria gigante e

usavam sua energia dessa forma. Seria possível que Joaquim algum dia tivesse sido um Andarilho? Eu não estava muito certo...

– Em toda parte. – Joaquim abriu os braços para os lados, seu olhar parecendo queimar através do meu. – Aqui e ali, por todo tempo e espaço. Em qualquer lugar em que um Andarilho tenha morrido, com a tecnologia dos Binários e...

– Chega, criança. – Acacia virou, ao meu lado, e pude sentir quando ela enrijeceu, mas não consegui reunir forças para virar e olhar. Um segundo depois eu já não precisava, pois a figura entrou no meu campo de visão.

Eu já havia estado cara a cara com Lorde Dogknife, o líder da BRUX. Já havia olhado diretamente para ele sem estremecer, mesmo quando sentira o cheiro de coisas mortas em seu hálito e vira vermes rastejando pelos seus dentes. Já havia olhado nos olhos dele e exigido que me desse o que eu queria, e mais, eu tinha saído vivo. Não estou me gabando; quero que entenda por que digo que eu não deveria ter ficado com medo daquele homem.

Ele não era muito alto e parecia uma mistura de um professor de ciências idiota com o garoto pequeno que sempre é escolhido por último para a equipe. Usava sapatos marrons esquisitos e calças escuras sem nenhum amassado, um paletó de tweed e uma gravata-borboleta. E óculos fundo de garrafa. E por trás daqueles óculos não havia nada além de estática.

Estou falando sério. Sabe quando sua TV a cabo está desconectada e não há nada além de estática na tela? Sabe esse recurso muito usado em filmes de terror: uma tela de TV cheia de chuviscos, em que as pessoas costumam ver coisas? Seus olhos eram assim. Não tinha pupilas, nada. Só estática.

E, ainda assim, eu sabia que estava olhando para mim.

– Sim, Professor.

A voz de Joaquim interrompeu suavemente o efeito hipnótico daqueles olhos, e eu pisquei rapidamente. Meus olhos ardiam como se estivesse há horas diante de uma tela de computador.

Professor. Aquele era o Professor. 01101. Líder dos Binários.

Atrás de nós, entrando pela mesma porta que o Professor, uma dúzia de clones Binários tomou posição pela sala. O Professor nos observava, seu paletó, os óculos e a gravata-borboleta me impressionavam por serem absurdamente sem graça.

– Já acabou de drená-lo?

– Ainda não, Professor. Eu fiz a conexão.

Ele assentiu. Apenas... assentiu. E olhou para mim. E esperou.

Então entendi tudo de um estalo. Eu sabia por que me sentia fraco, por que Joaquim tinha as lembranças do Ancião e o que tinha feito comigo mais cedo, antes que eu o atirasse pela janela. Sabia o que ele estava para dizer quando o Professor o interrompera – e, ao me lembrar do solo cor de ferrugem seco, que não tinha mais qualquer traço de sangue, fiquei desesperado, esperando de todo o coração não estar certo.

– Você é um clone – falei para Joaquim, tendo a pequena satisfação de vê-lo se deter por um instante. Ele olhou para o Professor, depois para mim, a insegurança clara em seu rosto. – Foi cultivado pelos Binários em um tanque, assim como os vegetais. – Indiquei os batedores com a cabeça.

– E infundido com as almas dos seus companheiros – confirmou o Professor. Joaquim apenas olhava para mim.

Um nó grande e frio de medo se assentava como uma pedra no meu estômago, brigando apenas com a fúria que sentia por saber que haviam usado o sangue de Jay. Se eu estivesse mesmo certo, só havia uma explicação para aquele clone criado pelos Binários ter os poderes e as habilidades de um

Andarilho. Aquilo desafiava toda a razão, tudo o que tinham me ensinado, e, ao mesmo tempo, fazia perfeito sentido – ainda que horrível.

– É a magia da BRUX.

– O quê? – a voz de Acacia era apenas um sussurro.

– Você está trabalhando com a BRUX. – Me enchi de coragem e olhei para o Professor, embora não pudesse encarar aqueles olhos estáticos por muito tempo. – Você o criou, e eles o energizaram.

– E me *deram* poder – disparou Joaquim, e quase caí de joelhos com a onda de fraqueza que tomou conta de mim. – Me deram o poder de resolver tudo.

A mão de Acacia encontrou a minha, embora eu não tivesse certeza se ela estava com medo ou se queria me alertar sobre alguma coisa. Nenhum dos dois, aparentemente – percebi um clarão com minha visão periférica, e senti uma espécie de choque subindo pelo meu braço. Ouvi, então, um som que era em parte choque estático e em parte algo estalando, e Joaquim cambaleou um pouco para trás. De repente, me senti bem melhor. Acacia tinha rompido o vínculo que Joaquim criara comigo.

Eu deveria ter aproveitado aquele momento para fazer alguma coisa, mas estava muito atordoado, desprevenido, e paralisado com o que tinha acabado de descobrir. Os Binários e a BRUX... a guerra entre os dois pela supremacia era uma das únicas coisas que favorecia o EntreMundos. Agora estavam *trabalhando juntos*. Tínhamos acabado de perder a nossa única vantagem.

Resumindo, estávamos ferrados.

O Professor olhou para Acacia – só olhou para ela, nada mais –, e ela gritou como se estivesse sendo eletrocutada, e caiu.

Peguei-a antes que caísse no chão, e acho que disse seu nome. Acacia não reagiu; seus olhos estavam abertos, mas ela não parecia consciente. Eu podia

sentir sua respiração, mas ela não esboçava reação nenhuma.

– Drene-o – disse o Professor, mas Joaquim hesitou.

– Isso levaria um tempo. Ele é forte.

– Então traga-o. A garota também. – Ele ainda falava com Joaquim, mas os clones avançaram para nos pegar.

Lutei para que não me separassem de Acacia, mas ela ainda não reagia, e eram muitos. Joaquim sorriu para mim.

– Você e eu, Joey. Os arautos da Noite Gélida.

Um dos clones bateu com força na parte de trás da minha cabeça, e em seguida me levaram meio atordoado por corredores e portas, enquanto eu tentava obstinadamente não perder a consciência. As palavras de Joaquim ressoavam na minha cabeça enquanto os clones me arrastavam pelos corredores – Noite Gélida. Eu já tinha ouvido isso antes. Já tinha ouvido alguém dizer isso antes...

A Noite Gélida está chegando.

As palavras tinham sido sussurradas numa hora de sofrimento. Havia sangue no chão rochoso. Ele olhara para mim, me avisara, e morrerá.

Jay...

Apesar das minhas tentativas de ficar consciente, devo ter desmaiado por alguns instantes, pelo menos. Quando minha visão clareou, eu estava em uma espécie de gaiola. Não vi Acacia em lugar nenhum, mas Joaquim estava ao meu lado.

Não – não era uma gaiola, exatamente. Eu estava cercado por metal, mas era mais do que isso. Era uma malha transparente, mas com uma forma mais ou menos humana. Havia uma parte arredondada para a minha cabeça e espaço para os meus braços, que estavam estendidos para os lados. Minhas mãos estavam imobilizadas, meus pulsos, presos por tiras acolchoadas que

pareciam aquela coisa que se prende no braço para verificar a pressão arterial. E havia outros em volta dos meus tornozelos, e centenas de pequenos fios multicoloridos saíam delas. Havia correias sobre meu peito, cintura e pernas. Eu podia virar a cabeça, mas não mover meu corpo.

O medo parecia agarrar o meu estômago. Parecia o fim. Eu estava atado com tanta força que não conseguia nem sentir meus dedos, o EntreMundos provavelmente estava em confinamento total em razão da drenagem lenta de Joaquim, Tom ainda era apenas uma fraca presença em algum lugar da minha mente, e Acacia estava inconsciente, ou pior. Eu havia sido capturado pelos Binários, e só um milagre poderia me tirar dali.

Joaquim também estava preso e não parecia nem um pouco preocupado.

– Você tornou tudo possível, sabe – começou ele, como se eu o estivesse ajudando a terminar a obra mais importante da sua vida. E, embora eu não tivesse me voluntariado, talvez fosse o caso. – Eu teria levado dias, semanas até, para extrair toda a energia do EntreMundos. Não era possível fazer isso de uma vez. Há muitos de nós. Lentamente, sim... Mas *você*, Joey. Você é um dos Andarilhos mais poderosos que eles têm. Sem você, isso teria levado meses...

Eu queria perguntar o que *isso* era. Queria perguntar por que ele também estava preso. Queria perguntar qual seria o resultado daquilo, ou por que ele estava tão feliz. Queria entrar em pânico, e lutar, e gritar. Mas, em vez disso, murmurei:

– Onde está Acacia? – E tentei levantar a cabeça para olhar em volta.

– Sua preocupação é uma graça, é mesmo. Espero sentir amor algum dia. Me entendi bem com Joliette. Fico feliz que ela tenha sobrevivido ao deslizamento. Eu esperava que todos sobrevivessem... mas tinha que ser feito.

Tinha que ser feito. Joaquim causou o deslizamento, mas é claro. Ele precisava que a Base estivesse fechada, precisava de todos lá dentro para poder

drenar o maior número deles possível. Tudo se encaixava agora; a névoa que pairava sobre a Cidade Base após a morte de Jerzy e que eu havia interpretado como depressão... era algo tangível. A letargia de Jo depois que ela e Joaquim voltaram à Base – foi assim que ele conseguiu a fórmula para entrar no EntreMundos e passar pela Interzona. Ele havia roubado a energia dela, e suas lembranças, e entrou Andando no EntreMundos como um maldito herói.

E nós havíamos permitido.

Mesmo tendo chegado à beira de entrar em pânico, de repente fui invadido por uma súbita calma. Eu o ignorei e procurei me concentrar em voltar a sentir minhas extremidades. Afinal, precisaria de controle total sobre o meu corpo se pretendia tentar uma fuga arriscada – não que eu tivesse um plano. Mas estava empenhado em não deixar que aquele traidor com a minha cara deixasse de pagar pela morte de Jerzy.

Flexionei os dedos da mão direita, depois da esquerda, finalmente conseguindo fazer um pouco de sangue chegar até eles. Isso foi bom, mas veio acompanhado de um forte formigamento. Deixei que se resolvesse sozinho enquanto tentava entender em que tipo de engenhoca eu estava.

Os fios saíam de mim e de Joaquim, formando um bolo no chão, e seguiam para além dos nossos pés. Serpenteavam pelo chão – que parecia ter um monte de símbolos gravados nele, coisas antigas como se tivessem saído de um filme B – e se espalhavam em diversas direções, interligando-se para criar uma estrela de cinco pontas. Logo acima da estrela havia a máquina mais estranha que já vi.

Reconheci alguns daqueles componentes, graças aos meus estudos no EntreMundos – transmissores, receptores, geradores, amplificadores. Estavam todos misturados em torno de algo que quase parecia uma bobina de Tesla gigante. Destoando completamente em meio a todas aquelas máquinas, havia

algumas figuras vestidas com túnicas escuras – não se via nada por baixo de seus capuzes. Havia treze delas, formando um círculo em torno da bobina.

Não, obrigado. Seja lá o que tenha sido, eu não queria fazer parte daquilo.

Agora que estava um pouco mais calmo, fechei os olhos, procurando um portal... e imediatamente levei minha consciência de volta à segurança da minha própria mente. Havia *coisas* lá fora, coisas que sentiam minha presença, que sabiam que eu estava tentando Andar... Parecia que eu tinha passado por uma teia de aranha ou ficado muito perto de um fio eletrificado. Os pelos na minha nuca se arrepiaram.

– Não deve demorar muito – murmurou Joaquim, e por fim dei atenção de novo a ele.

– Certo, vou morder a isca. Noite Gélida... o que é *isso*? Fui alertado por... por um velho amigo – acrescentei rapidamente, mas Joaquim assentiu como se tivesse entendido.

– Jay – disse ele, e percebi que a serena raiva que me invadira antes não era *nada* comparada ao que eu sentia agora.

A ideia de que o espírito de Jay pudesse estar sendo usado para algo assim... Mas, não, eram apenas as almas dos Andarilhos capturados. Eu tinha levado o corpo de Jay de volta para o EntreMundos, me despedido dele, falado com seu espírito. Jay estava seguro, assim como Jerzy.

Joaquim confirmou isso um segundo depois, embora eu ainda estivesse irritado demais para me deixar impressionar pelo tom compreensivo em sua voz.

– Eu tenho algumas de suas lembranças também, Joey. Só algumas, não ficamos conectados por tempo suficiente para eu conseguir mais que isso.

– Bem, eu não tenho nenhuma sua – rebati. – Então me esclareça. O que é a Noite Gélida?

– A revolução que vai remodelar tudo – declarou Joaquim, com o entusiasmo próprio dos fanáticos e dos tolos.

– Certo – retruquei, quando vi que ele não explicaria mais nada, procurando manter a atenção dele voltada ao meu rosto, enquanto mexia meu braço direito para a frente e para trás. Meu pulso começava a ficar machucado pelo atrito, mas achei que estava conseguindo afrouxar a faixa que o prendia. Talvez. Esperava que sim.

– Noite Gélida. A Onda de Ragnarök. Armagedom, se quiser ser dramático. É um sóliton. Uma explosão autoconsciente que vai remodelar o tempo e o espaço.

A súbita e avassaladora repulsa que eu sentia estava fazendo maravilhas para me distrair da dor que o atrito com as tiras provocava no meu pulso.

– Então você os está ajudando a destruir o universo. Será que dava para ser mais clichê? Por que os vilões nunca querem algo racional?

Joaquim sorriu para mim.

– Quando foi que falei que iríamos destruir o universo? Eu disse que vamos *remodelar* o tempo e o espaço. Nós podemos fazer do universo, do Altiverso, o que quisermos. Não estamos destruindo nada. Estamos *recriando*.

De alguma forma, isso era pior.

– Muito bem – respondi lentamente, tentando entender tudo aquilo. – Então vocês estão *recriando* o universo. Por quê? Não está bom do jeito que é?

– De jeito nenhum. Olha só para as coisas horríveis que temos visto, que *eu* vi, nos poucos dias em que estive no EntreMundos! Quanto mais eu aprendia lá, mais percebia como era importante que nossa missão fosse bem-sucedida. As lembranças que adquiri só reforçaram isso... tanta dor, tanta raiva, tanta tragédia. Tanto caos...

– *Joaquim*. Isso é *senso comum básico*; sem as coisas ruins, não há como quantificar o bem!

– Filosofia poética – retrucou ele. – Eu me pergunto se todos nós concordaríamos com isso. Você sabe quantos de nós foram feridos? Maltratados?

Eu não sabia, e não queria saber. Todas as minhas paraencarnações tinham nascido de paraencarnações dos meus pais, e eu simplesmente não conseguia acreditar que minha mãe carinhosa e meu pai tão alegre pudessem fazer mal aos seus filhos, nem mesmo em versões alternativas do meu mundo.

Como se acompanhasse minha linha de raciocínio – o que era possível, uma vez, tecnicamente, que ele era meu clone e tinha uma estrutura cerebral semelhante à minha –, Joaquim continuou:

– Meu pai e minha mãe imaginaram um universo melhor para nós, um em que possamos impor a paz e a ordem.

Espera um minuto.

– Seu pai e sua mãe? Você é um *clone*.

– Me deram a vida, assim como ela foi dada a você. Os Binários e a BRUX são meus pais.

– Uma família e tanto – murmurei, e acho que consegui deixá-lo irritado.

– Meus pais estão reformulando todo o Altiverso por mim! Os seus fariam o mesmo?

– Não, porque os meus são sensatos.

– *Joe!*

Levei um susto – era Acacia. Olhei desesperadamente em volta, tentando encontrá-la. Ouvi um disparo de laser à minha direita; um segundo depois, vi passar zunindo pela minha gaiola uma daquelas bolhas de mercúrio que os

clones Binários atiram. Acacia enfrentava eles – todos eles – usando uma combinação de artes marciais e vários dispositivos de seu cinto.

– Joe, *Ande!* – gritou ela. – *Agora! Você tem que Andar!*

Joaquim falou serenamente ao meu lado.

– Estão prontos.

As máquinas ganharam vida à minha volta, e eu não poderia ter Andado nem se estivesse disposto a deixar Acacia. Eu sentia como se estivesse no coração da turbina de um jato, e tudo o que eu sabia sobre Andar – ou sobre qualquer coisa, aliás – dava voltas e mais voltas pela minha cabeça como aquelas xícaras malucas na Disney. Por um segundo eu não sabia onde estava ou mesmo quem era, e então Acacia gritou meu nome de novo e ouvi cânticos que vinham da estrela de circuitos. Eu não conseguia entender o que eles diziam, podiam até estar falando a minha língua, e não faria a menor diferença. Eu provavelmente não teria entendido nem o alfabeto naquela hora.

Joaquim parecia estar em uma montanha-russa, os olhos brilhando, animado como eu nunca vira, mesmo nós dois estando amarrados ao que quer que fosse aquele condutor. As luzes azuis – as almas – que vinham dançando ao seu redor desapareceram.

Não, não desapareceram. Os fios que saíam da máquina brilhavam em tom azulado, e eu podia ouvi-las. Acima do cântico, do som dos motores e das máquinas, eu podia ouvi-las.

Elas estavam gritando.

A luz fluía através dos fios para aquela coisa que parecia uma bobina de Tesla, e uma esfera crescia lentamente acima dela: nebulosa, azul-clara e turbulenta como se contivesse uma tempestade. Havia outra esfera que a rodeava, alimentada pela energia das treze figuras de túnica que cantarolavam. Estavam contendo, fosse lá o que fosse. *A Noite Gélida está chegando...*

De repente, tudo parou. A última luz azul foi sugada para dentro da esfera crescente, e as figuras de túnica mudaram seu canto. Eu ainda estava zozinho. Sentia como se parte da minha alma tivesse sido sugada, mas pelo menos agora eu conseguia entender o que estavam dizendo.

– Pela ciência e pela magia gerada, pela feitiçaria contida e pela tecnologia atada...

Aquilo não soava nada bom.

Joaquim não estava mais tão animado agora. Sua cabeça pendia como se estivesse pesada demais, sua pele estava pálida e úmida. Por pior que tivesse sido para mim, não me sentia nem de longe tão fraco quanto ele aparentava estar.

Ele levantou a cabeça, e estava claro que aquele pequeno movimento exigira muito dele.

– Professor... – Ele parecia assustado. Admito que senti pena dele. Vi em seus olhos que ele começava a compreender, e sua expressão me gelou até a alma. – Professor!

O líder dos Binários não estava em lugar nenhum. Ali se encontravam apenas as figuras encapuzadas, ainda cantando, os clones que montavam guarda e aqueles que finalmente tinham conseguido dominar Acacia. Ela já não estava mais lutando; em vez disso, olhava para a crescente esfera de energia com o mesmo horror que eu via agora em Joaquim.

As treze figuras levantaram os braços, abaixando-os de uma só vez; e alguns dos clones, junto de várias máquinas perto das paredes, começaram a apertar ou puxar botões e interruptores. Os fios ganharam vida novamente, e Joaquim começou a lutar.

– *Professor!* – gritou ele, sua voz quase inaudível acima do zumbido das máquinas e dos cânticos horripilantes. – *Professor, o que é isso?*

Eu sabia por que ele estava em pânico. Parecia que estavam drenando meu sangue gota a gota, que cada átomo de hecceidade estava sendo sugado de mim e substituído por promessas vazias, por ecos do que já fui. Só levei um instante para reconhecer aquela sensação. Eu tinha sentido o mesmo vazio depois que o Ancião drenou minhas lembranças e tirou de mim a capacidade de Andar... Eu ficava bem na maior parte do tempo, mas, quando me deitava, no silêncio do meu quarto, muitas vezes chorava sem saber por quê. E a razão disso era porque ele tinha tomado tudo o que eu *era* de mim.

– Quietos – ordenou a voz do Professor, impondo-se sem dificuldades sobre os ruídos, embora ainda continuasse fora do alcance de nossas vistas. – Esse era o objetivo por trás de sua criação, Joaquim. Você vai cumprir o seu propósito e tornará possível a revolução do mundo.

– *Não!* – gritou ele, lutando ainda mais desesperadamente. – *Eu não quero...*

De repente surgiu um clarão azul, tão forte que tive de fechar meus olhos, mesmo durando apenas um instante. As máquinas ao nosso redor estalaram, e o cheiro acre de fumaça alcançou meu nariz. O transmissor perto de Joaquim tinha pegado fogo. Alguns dos clones, obedecendo a um sinal tácito, correram para apagá-lo, mas Joaquim continuava lutando para se soltar, seu corpo envolto em uma luz azul, os fusíveis entrando um a um em curto-circuito. Em seus olhos, via o mesmo medo que eu sentira uma dezena de vezes desde que chegara ao EntreMundos. O medo da morte.

– *Joe!* – gritou Acacia de algum lugar à minha direita. – *Ajude-o!*

Ajudá-lo? Eu não sabia como ajudá-lo – o que eu poderia fazer para ajudá-lo? E, mais importante, por que eu faria isso? Ele não passava de um clone Binário, imbuído de poder roubado dos Andarilhos...

Os cabos ligados a Joaquim faiscavam, pulsando enquanto ele lutava. Com uma força nascida do desespero, ele soltou um dos braços, estendendo-o em

minha direção. Parecia apavorado.

Embora meu braço estivesse ferido pelo atrito, dos dedos até o cotovelo, conseguira me mexer o suficiente para soltá-lo da tira que me prendia. Aquela mesma calma que eu sentira antes, quando ele falou do deslizamento, me envolvia como um cobertor. Eu sabia o que fazer.

Com toda força de vontade que eu tinha, arranquei o que restava do meu poder dos fios, dos fusíveis e da gigantesca esfera que pulsava avidamente no meio da sala. Chamei-o de volta a mim, exigi que voltasse e agarrei a mão de Joaquim. O brilho azul se ampliou para me envolver, sussurros e pedidos roçando minha mente. *Use-nos*, disseram. *Liberte-nos. Deixe-nos Andar de novo.*

Fechei os olhos, encontrei o núcleo de poder dentro de mim, me centrei, como havia aprendido – e deixei que aquilo explodisse para fora, concentrando-me nos fusíveis ao meu redor. O cântico se perdeu momentaneamente em meio ao som da eletricidade, dos fios faiscando e estalando. Usei as almas como Joaquim tinha feito, direcionando-as para queimar as correias e tiras que me prendiam. Foi tão fácil.

Eu estava em pé agora, não mais engaiolado, não mais cativo. Eu era o olho da tempestade, imune ao caos ao meu redor. O cântico, o fogo, os fusíveis – nenhum deles me atingiu. Os clones disparavam contra mim, e ativei meu disco-escudo com o pensamento – os projéteis resvalavam e caíam chão. Eu tinha consciência de toda a sala, do fluxo e refluxo de energia, das pessoas ali. A Noite Gélida, sempre crescente, absorvendo com avidez o poder dos Andarilhos.

E um portal. Ali. *Agora.*

Estendi a mão para Acacia, ainda detida pelos clones Binários. *Libertem-na.*

As pequenas luzes azuis se moviam por entre meus dedos, traçando arcos como se fossem estrelas, como fogos de artifício, voando em direção a

Acacia. Cada uma delas tocou um clone, e, um por um, eles foram destruídos. Não parei para assistir a mais nada. Elas fariam o que eu pedisse, tinha certeza. Virei de volta para Joaquim e a máquina, estendendo a outra mão. As luzes azuis hesitaram. *Ajudem-no*, ordenei, mas elas vacilaram.

– Joe! – Acacia estava ao meu lado agora, segurando meu pulso com a mão. – Você não pode salvá-lo, temos que Andar...

– *Você* me disse para ajudá-lo!

Eu me soltei dela, dando alguns passos em direção às máquinas. Joaquim me fitava com os olhos arregalados e assustados, estendendo a mão livre, tentando desesperadamente diminuir a distância entre nós.

– Foi só para tirar você da máquina, para tomar o poder dele de volta...

A raiva se inflamou, de repente, no fundo do meu peito. Ela me dissera para ajudar Joaquim só para *usá-lo*? Não – éramos melhores do que isso. Tínhamos de ser. *Eu* tinha de ser.

Eu me afastei dela aos tropeços e fui em direção a Joaquim e à máquina. Um passo mais perto, dois... três...

– Você *não pode*!

Acacia atirou os braços ao redor do meu pescoço, usando seu peso para tentar me deter. Vacilei quando ela apertou meu ombro, que ainda não havia se recuperado da fratura causada pelo deslizamento de Joaquim. A eletricidade crepitava no ar ao nosso redor, a energia tremulando, vibrando, correndo por toda a sala. As treze figuras permaneciam intactas em torno da estrela de circuitos, os braços dos lados, cantando mais uma vez em uma língua que nem eu, com tudo o que aprendera no EntreMundos, conseguia entender. O que quer que estivessem fazendo, não pareciam preocupados conosco; as pequenas luzes azuis estavam se apagando, uma a uma. Eu não sabia dizer se elas estavam sendo libertadas ou morrendo.

– Já está quase concluído – implorou Acacia em meu ouvido, suas unhas quebradas marcando meu ombro e meu peito. – *Você* está alimentando essa coisa, você e ele, *agora mesmo...*

– Então, devemos tirá-lo daí...

– *Você não pode*, Joe, é tarde demais! Ele não tem essência própria... ele é uma consciência alimentada por coisas mortas, e elas o abandonaram aqui...

– *Ele é uma consciência* – gritei de volta, me soltando dela.

Dei dois passos em direção a Joaquim, antes de parar. Por toda a minha volta, o vento açoitava, o fogo ardia, e os clones estavam sendo reduzidos a cinzas por uma centena de pedaços da minha alma; em meio a tudo isso, Joaquim ainda estendia a mão... mas não havia nada ali. Já não havia mais nada em seus olhos, nem raiva nem ódio ou medo. Ele não estava olhando para mim, não de fato. Olhava através de mim. Ele estendia sua mão para as luzes.

A mão de Acacia procurou a minha. Eu não conseguia desviar o olhar daquele rosto, meu rosto, com os olhos mortos.

– Ande, Joe – sussurrou Acacia, e de alguma forma eu a ouvi, mesmo com todo aquele caos que nos rodeava.

Engoli em seco, fechando os olhos. *Sinto muito*, pensei me dirigindo às luzes, como dissera às memórias de seus sucessores na Parede, tantos anos no futuro. *Sinto muito*.

Respirei fundo, buscando o portal na minha mente. Ele se abriu, e segui o caminho em direção à minha casa, deixando para trás os Andarilhos mortos e aquele que estava vazio.



CAPÍTULO QUINZE

DA DEZENA DE PLANETAS pré-históricos em que o EntreMundos se estabelecia, o meu favorito ainda era o primeiro que visitei. Sei que soa estranho dizer, mas, para mim, parecia a *minha* casa – era familiar, embora os marcos em cada mundo fossem quase idênticos. Ainda assim, não ligo se fosse só minha imaginação, apenas nostalgia pelo primeiro mundo que conhecera depois de deixar o meu. Os entardeceres sempre pareciam mais rosados, os amanheceres, mais brilhantes, o céu, mais azul. Aquele dia não era uma exceção. Acacia e eu estávamos em um penhasco com vista para um grande vale, tão perto um do outro que nossas roupas se tocavam a cada brisa. O vale era bonito; tudo à nossa volta estava calmo; o sol estava se pondo.

Estávamos ali em silêncio havia alguns minutos, esperando o EntreMundos vir nos pegar. Havia lágrimas em meu rosto, e eu não me importava que ela visse.

– Sei que você queria salvá-lo – disse ela, sem olhar para mim. – Sinto muito, Joe, sinto mesmo.

– O que era aquilo?

– ... eu não sei.

– Tive a impressão de que você sabia.

– Eu... – Ela desviou o olhar, o que era surpreendente, já que não estava olhando para mim. – Não sei o que era, exatamente. Sei que foi a sensação mais assustadora que já tive. Parecia que... poderia simplesmente me apagar. E eu posso me ancorar em qualquer tempo e lugar no Altiverso, Joe. Posso correr tão rápido e tanto quanto precisar. – Ela parou por um instante, e,

quando voltou a falar, sua voz soou muito baixo. – Acho que eu não poderia correr daquilo.

– Ele chamou aquilo de Noite Gélida – contei depois de um instante, assistindo a um bando de pássaros voar bem próximo à superfície de um pequeno lago a distância. – Já haviam me alertado antes.

Ela balançou a cabeça.

– Nunca tinha ouvido falar.

– Será que chegou a ser concluído? – perguntei, com medo da resposta. – Você disse que nós o estávamos alimentando. Será que eles...?

– Eu não sei – disse ela novamente. – Não... acho que não.

– Nós temos que descobrir o que aquilo faz.

– Podemos voltar para a Patrulha do Tempo, pesquisar os arquivos...

– Não – eu a interrompi, voltando o olhar para o céu. – Primeiro vamos relatar o que houve. – Ela ficou em silêncio por mais um instante.

– Eu não me reporto ao EntreMundos, Joe – afirmou, como se estivesse se desculpando. Eu me virei e olhei nos olhos dela. Estava feliz por ver alguém olhando de volta para mim.

– Não quer dizer que você não possa, Cay. – Ela franziu a testa um pouco, mas permitiu o apelido, pensando no assunto. – Você estava lá também. Viu tudo acontecer. Eu... – Agora fui eu que tive que desviar o olhar, engolindo em seco para controlar a desesperança súbita que se instalou na boca do estômago. – Corro o risco de ser expulso novamente se voltar sozinho com outra história maluca. Vi a morte de dois Andarilhos... três, se contarmos Joaquim. Centenas mais, se contarmos todas aquelas almas. Eu vi o fim do EntreMundos, graças a você. – Ela respirou fundo, se mexendo um pouco, mas eu continuei. – Registrei minha saída para Andar um pouco e, acidentalmente, provoquei o evento sobre o qual fui alertado quando cheguei aqui, algo que assusta até uma Agente do Tempo, e que roubou as

essências de vários de mim para lhe fornecer energia. Venha fazer o relatório comigo, por favor?

Ela olhava para mim, um sorriso enlouquecedor começando a curvar os cantos de sua boca.

– Então você está pedindo a minha ajuda.

– É o mínimo que você pode fazer para compensar sua traição.

Ela fez uma pausa.

– Joe...

– Você só estava tentando me ajudar, eu sei.

– Não, eu estava tentando *salvá-lo*. Havia no EntreMundos original um fluxo enorme de poder provocado, agora eu sei, por Joaquim. Eu não sabia quem era o traidor, mas tinha de informar ao Capitão Harker que *havia* um, e ele provavelmente suspeitaria tanto de você quanto de qualquer outro. Mais até. Isso se ele conseguisse fazer alguma coisa, e, com a enorme quantidade de energia que estava sendo tirada deles, duvido muito.

– Joaquim tinha as lembranças do Capitão – afirmei em voz baixa, pegando as mãos de Acacia. Ela deixou e concordou com a cabeça. – Era porque estava roubando a energia dele, como a máquina tentou fazer comigo? – Ela fez que sim novamente. – Então, eles podem estar todos...

A imagem do EntreMundos do futuro passou pela minha mente, abandonado e destruído...

– Não, eles estão estáveis. Eu juro; todos se encontram bem. Só que... Eu não sei se eles estão vindo, Joe.

– Por que não?

– Se você fosse o Capitão Harker e tivesse em sua nave um traidor lentamente drenando a energia de todos, o que você faria?

– Tentaria descobrir quem é o traidor.

– E se ele já tivesse ido embora quando você descobriu o fato? E se ele tivesse pegado o que queria e ido embora?

– Eu tentaria romper a ligação. Eu não...

Então eu entendi, de repente. Eu tentaria romper a ligação. Levaria a nave para fora do tempo, o mais rápido possível, e me afastaria ao máximo do receptor. Eu pisaria fundo. E que Deus ajudasse qualquer um deixado para trás.

– Eles não estão vindo – falei. Minha voz soou de modo estranho aos meus próprios ouvidos.

– Sinto muito, Joe.

Fiquei em silêncio, ali parado, segurando as mãos dela. Não havia nada que eu pudesse dizer.

$$\{EM\} := \Omega/\infty$$

tinha me trazido para casa, mas a casa estava além do meu alcance.

– Venha para a Patrulha do Tempo comigo – disse ela, apertando de leve as minhas mãos, o que me fez olhar de novo para ela, ainda que não quisesse.
– Como um convidado. Como um amigo.

Olhei para ela por um instante, vendo a sincera esperança em seu rosto, o desejo de me fazer entender.

– Nada de celas?

Ela sorriu, radiante.

– Nada de celas. Nada de campos de contenção, nada de Sentinela.

– Ah, é assim que vocês os chamam? Esses homens enormes que parecem agentes do serviço secreto anabolizados?

Ela riu, os olhos brilhando.

– O Sentinela. Ele é o nosso principal guarda.

– Seu guarda *principal*? Para toda a organização da Patrulha do Tempo?

– Ele tem mais de uma forma.

- Alguma delas fala com a boca, ou isso é parte do fator de intimidação?
- Ela riu de novo. A ideia de ir com ela se tornava cada vez mais atraente.
- Acacia olhou para mim, eu olhei para ela, e nós dois estávamos sorrindo.
- Gosto mais de você quando não quer ter a última palavra o tempo todo
- comentei, e ela sequer piscou.
- Gosto mais de você quando não está tentando me impressionar.
- Imagina, desisti de tentar quando você enfrentou o Ancião.
- Ele não é tão assustador.

Pensei na foto na mesa do Ancião, em que apareciam ele e ela mais velha, pensei em como estavam sorrindo. Me perguntei se eles ficariam juntos um dia, ou se já tinham ficado. E me perguntei se, tecnicamente, aquilo contava como dar em cima da namorada do meu chefe, mas isso parecia importar cada vez menos, porque ela inclinava o rosto na minha direção e estávamos abraçados, e eu não sabia se algum dia veria o Ancião ou o EntreMundos novamente.

Eu não deveria ter ficado surpreso quando algo enorme bloqueou o sol, justo quando nossos rostos estavam tão próximos que eu podia sentir seu hálito. Não deveria ter ficado surpreso quando a nave se materializou bem acima de nós, mas eu fiquei, e fiquei ainda mais surpreso quando olhei para cima e vi que *não era o EntreMundos*.

Era pior do que o Maléfico e aquela terrível máquina da Noite Gélida juntos. Era maior e mais escura do que qualquer coisa que eu já tinha visto, cercada por um halo – não, um miasma – de minúsculas partículas como os anéis de Saturno, só que elas giravam como um enxame de vespas ao redor de uma colmeia alvoroçada. E o pior de tudo, era completamente silenciosa, como um animal perseguindo sua presa.

Puxei Acacia para debaixo de uma árvore enquanto as partículas rodopiavam, ainda no mais absoluto silêncio, e saíam em disparada em todas

as direções. Em menos de um minuto tinham coberto completamente o céu, como nuvens de tempestade no inverno.

Estávamos com medo até de sussurrar, com medo de respirar. O miasma ficou cada vez mais denso, até estar tudo tão escuro quanto uma noite sem luar, e o céu se agitou como uma coisa viva.

Então, no alto e um pouco mais para o lado de onde estávamos, vi o contorno de algo, um lampejo, uma sombra – que então desapareceu, e voltou, e desapareceu de novo, mas eu já tinha visto sua forma, e era uma que eu conhecia como o meu próprio coração.

A nave preta também começou a piscar, fora de sincronia com a outra forma, e as partículas giravam cada vez mais rápido no céu, redemoinhando e se retorcendo uma em torno da outra. Aos poucos, elas começaram a piscar em conjunto.

A BRUX tinha encontrado o EntreMundos – e outra coisa tinha nos encontrado.

Virei-me, meus braços ainda em torno de Acacia – mas eu não podia protegê-la do ar, do miasma que permeava toda aquela área. Eu não tinha nem certeza do que a atingira, mas ela engasgou e ficou mole em meus braços. Tentei ficar junto dela, como quando tínhamos sido separados pelos Binários, mas algo acertou o meu ombro ferido. Eu me curvei; a única maneira de evitar quebrar uma costela era fazer um rolamento. A escuridão ficou mais densa, mais pronunciada, e perdi Acacia de vista.

Algumas sombras correram à minha frente e se fundiram, formando mãos fortes que me agarraram pela garganta. Senti meus pés deixarem o chão enquanto a escuridão continuava a se moldar, transformando-se em uma figura saída dos meus pesadelos.

Lorde Dogknife.

– Nos encontramos de novo, moleque.

Ele sorriu, a expressão nem um pouco agradável. Nem me preocupei em tentar me soltar; ele era forte demais. Em vez disso, levei a mão até a cintura, procurando meu disco-escudo. Eu não sabia a quantidade de carga restante nem se poderia fazer alguma coisa com a mão que agarrava a minha garganta, mas era a minha melhor opção naquele momento.

O meu inimigo soltou uma das mãos, as garras prendendo meu pulso antes que eu pudesse pegar o escudo. Ele apertava com força, mas o que me incomodava mais era sentir seus pelos na minha pele. Eram quentes e pegajosos, emaranhados com uma substância viscosa que eu esperava com toda a minha alma que não fosse sangue. Eu ainda não conseguia ver Acacia. Olhei para cima, incapaz de fazer qualquer outra coisa, e vi o fraco contorno da minha casa, voando pelo céu.

– Sua nave não virá buscar você, criança. – Seus olhos vermelhos estavam arregalados; as orelhas, erguidas de empolgação. A expressão lembrava um cachorro, mas de uma maneira que não tinha a menor graça; uma paródia doentia de algo geralmente reconfortante e familiar. – Pobre filhotinho, abandonado pela sua matilha... Eles não poderiam vir buscá-lo nem se quisessem.

Finalmente, *finalmente*, vi movimento atrás dele. Acacia tentava ficar de pé, usando o grosso tronco de árvore atrás dela para se apoiar. Em uma das mãos segurava aquele dispositivo parecido com uma chave de carro que usara para atirar em J/O. Ela o levantou e apontou...

Lorde Dogknife girou, soltando minha garganta. Ele estendeu a mão, desarmou-a e derrubou-a no chão. Consegui ver seu rosto de relance enquanto ela caía; seu nariz sangrava, os olhos estavam fechados de dor.

Ele tinha me soltado – já era alguma coisa. Coloquei todo o meu peso em uma perna e, usando a mão com que ele apertava meu pulso como apoio, joguei a outra perna em direção ao seu rosto. Ele me puxou pelo

tornozelo, me jogando de volta no chão. Arreganhou os dentes afiados em um sorriso feroz e torceu o meu pulso com força. Senti algo se quebrar e levei um minuto para perceber que o grito rouco de dor tinha vindo de mim.

– Sua nave está encalhada fora do tempo, Andarilho – sussurrou ele, sua voz entre um grunhido e um ronronar. – Você é o último que restou e merece ser elogiado. Foi você que tornou tudo isso possível.

Eu não sabia se ele estava falando aquilo só para me fazer perder a cabeça ou se realmente era tão mau a ponto de ser clichê – mas, àquela altura, eu já não ligava. Eu não conseguia sentir meus dedos, e Acacia não estava mais se movendo. Não sabia se era apenas a dor do meu pulso quebrado que me deixava zozinho, ou se ela começava mesmo a brilhar. Com certeza tudo parecia um pouco indistinto.

Tentei colocar uma perna entre nós dois para chutá-lo para longe de mim e começar a lutar novamente, mas ele era muito forte. Sentia seu hálito rançoso em meu rosto, o cheiro doce e enjoativo de carne podre.

– Foi você que destruiu o meu navio, pequeno Andarilho. E, ao fazer isso, me mostrou como derrotá-lo. Estamos quites agora, não é? Eu poderia matar você, sua mosquinha, mas tenho algo muito melhor em mente.

Uma pequena centelha de esperança começou a se acender dentro de mim. Se ele não me matasse, eu seria capaz de escapar de qualquer outra coisa. Se o plano fosse me ferver até me reduzir à minha essência para tentar capturar a minha alma, eu já tinha escapado disso antes. Poderia lidar com isso.

– Sua morte seria um ato de bondade, você já fracassou. Você pode Andar, mas para onde vai? Não pode voltar para a sua nave, e os escassos e preciosos momentos que lhe restam não serão suficientes para nos deter. A Noite Gélida está chegando, pequeno Andarilho. Você já viu.

Comecei a notar algo estranho na terra sob os meus pés, como se estivesse ficando mais macia, ou afundando. Desviei o meu olhar do rosto dele por tempo suficiente para olhar para a grama embaixo de mim, e meus olhos se arregalaram.

Estava murchando. Enquanto eu olhava, foi ficando marrom e quebradiça, morrendo bem debaixo dos meus pés. O cheiro de podridão me envolveu, e eu podia ouvir os insetos zumbindo perto dos meus olhos, podia ver moscas caindo do céu, também morrendo.

– O poder que vai remodelar tudo. – Sua voz ressoava em meus ouvidos, tudo ao meu redor soava como um eco. – Noite Gélida. A Onda de Ragnarök. Nosso Sonho de Prata.

A escuridão se estendia. A princípio, pensei que estava perdendo os sentidos, então percebi que o chão estava realmente ficando preto.

– Você estará vivo para ver, pequeno Andarilho. E não poderá Andar para longe o bastante.

O chão cedeu debaixo dos meus pés, e, quando comecei a cair, vi o corpo de Acacia iluminado por uma luz verde. Ela brilhou e desapareceu, e eu caí em Lugar-Algum.

EPÍLOGO

FIQUEI LÁ APENAS por alguns instantes, mas pareceu uma eternidade. O Lugar-Algum, à sua maneira, era tão desorientador quanto a Interzona. Em vez de tudo, não havia absolutamente nada. Nada de som, nem luz, nem ar – pelo menos não a princípio. Após ficar lá por alguns segundos, você percebia que não estava sozinho, que havia coisas na escuridão sabendo exatamente onde *você* estava.

Quando estivera ali antes, eu tinha conseguido me concentrar para ir aonde eu precisava. Tentei fazer o mesmo agora, mas estava com muita dor – cansado demais, preocupado demais, assustado demais. E perdido. Eu não sabia aonde ir, mas sabia que não poderia ser para o EntreMundos. Não podia chegar em casa.

Bem quando comecei a me perguntar se o plano de Lorde Dogknife era me prender em Lugar-Algum para sempre – um pensamento terrível, devo admitir –, vi um pequeno ponto no horizonte, que crescia à medida que eu me aproximava, ficando tão brilhante que tive de fechar os olhos. Assim que fiz isso, foi como se eu de repente ganhasse tanto peso quanto massa, e despenquei em queda livre em direção à morte. Foram dois segundos do mais absoluto pânico antes de eu atingir o chão.

Surpreendentemente, não doeu – não muito, pelo menos. Apesar da sensação de estar despencando por uma eternidade, tinha caído de uma altura de cerca de um metro.

Sim, o chão. Cheirava a terra e grama, e, quando abri os olhos, era exatamente isso o que havia embaixo de mim.

Gemi, rolando para o lado. Meu pulso doía mais do que tudo que eu já sentira na vida – até mesmo que o ombro que fracturei na avalanche – e tinha

certeza de que havia quebrado uma das minhas costelas dessa vez. Estava sozinho... de volta ao mundo de onde tinha acabado de vir? Não... Eu podia ouvir alguma coisa a distância, um som familiar. Naves?

Não.

Era outra coisa.

Então me sentei, olhando sem acreditar para um dos lados, onde as máquinas corriam em filas.

Carros.

Consegui me levantar e caminhei até eles. Eu estava em um parque – e aquele banco me parecia familiar. Assim como a estátua de pedra. As placas das ruas tinham nomes que eu conhecia.

Eu estava em casa. Não na *casa*-Cidade Base do EntreMundos. Ali era a minha casa.

O meu mundo.

Lorde Dogknife não só tinha me deixado vivo, como também me mandado para *casa*.

A Noite Gélida está chegando, sussurrou a voz dele em minha mente. *E você estará vivo para ver, pequeno Andarilho.*

O poder que vai remodelar tudo...

Os Binários e a BRUX queriam remodelar o Altiverso, para ganhar controle absoluto. Para fazer de todos os mundos o que desejassem. Ele tinha me mandado para casa, mas logo não haveria uma casa. Seria apagada, e eu com ela.

Fui mancando até o cruzamento, respirando tão profunda e regularmente quanto a dor me permitia.

Se eu não estivesse aqui, estaria morto, a voz de Jerzy ecoou na minha mente, de uma das primeiras conversas que tivéramos. *Devo minha vida ao EntreMundos.*

Isso valia para mim também. Eu tinha Andado por acidente na primeira vez, chamando a atenção da BRUX. Mandaram algumas pessoas atrás de mim, e, se não fosse por Jay, eu teria sido capturado e morto. Teria sido uma daquelas pequenas luzes azuis usadas para alimentar Joaquim.

Não poderá Andar para longe o bastante, dissera Lorde Dogknife.

Ainda respirando profundamente, procurei um portal. O terror paralisante que eu sentia ao pensar que não encontraria um foi substituído logo depois por um alívio tão forte que fez meus joelhos tremerem.

Eu não podia voltar para o EntreMundos, mas ainda podia Andar. Eu ainda podia sentir os portais. Ainda podia me mover entre os mundos. Eu poderia encontrar mais de nós.

Endireitei os ombros, o treinamento assumindo o comando enquanto continuava a me mover, apesar dos ferimentos. Eu não iria deixar alguns ossos quebrados me deterem, não agora. Tinha coisas a fazer. Tinha a vontade, os meios, e mais – muito longe do aqui e agora, eu tinha uma nave.

E eu podia Andar para mais longe do que Lorde Dogknife jamais sonhara.

OUTROS LIVROS DE NEIL GAIMAN

Coraline

O livro do cemitério

O mistério da estrela – Stardust

Odd e os gigantes de gelo

Os lobos dentro das paredes

O alfabeto perigoso

Instruções

O dia de Chu

Menina iluminada

Coraline – Graphic Novel

Cabelo doido

EntreMundos

Título original

THE SILVER DREAM

AN INTERWORLD NOVEL

Copyright © 2013 *by* Neil Gaiman, Michael Reaves e Mallory Reaves

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida no todo ou em parte sob qualquer forma sem autorização, por escrito, do editor.

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Preparação de originais

EDMO SUASSUNA

Coordenação Digital

LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub

LORENA PIÑEIRO

Edição Digital: julho, 2015

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G134s

Gaiman, Neil, 1960-

Sonho de prata [recurso eletrônico] / Neil Gaiman, Michael Reaves, Mallory Reaves ;
tradução Vivane Diniz. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2015.
recurso digital (Entremundos ; 2)

Tradução de: The silver dream: an interworld novel
ISBN 978-85-8122-593-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Reaves, Michael. II. Reaves,
Mallory. III. Diniz, Vivane. IV. Título. V. Série.

15-23659

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.

OS AUTORES

NEIL GAIMAN nasceu na Inglaterra, mas mora nos Estados Unidos, numa casa para lá de esquisita; tem abóboras exóticas que cultiva no jardim, além das coleções de computadores e gatos. É autor dos aclamados *Coraline* e *Os lobos dentro das paredes*. Gaiman também já recebeu diversos prêmios literários importantes relativos aos seus livros de fantasia e histórias em quadrinhos.

MICHAEL REAVES é um autor e roteirista de televisão ganhador do Emmy, que já escreveu, editou e produziu cerca de quatrocentos roteiros para várias séries de televisão. Seus trabalhos como roteirista incluem dois filmes de animação do *Batman*, um filme original da HBO e uma versão dark do *Capitão Planeta* para a TNT. Também escreveu contos, revistas em quadrinhos e o diálogo para um vídeo do Megadeth.

MALLORY REAVES é mais conhecida por suas adaptações da série de mangá *After School Nightmare*, que foi indicada para um Will Eisner Award, em 2007. Ela mora em Riverside, Califórnia, com seis gatos, vários amigos, um cachorro, uma cobra e um peixe.